

# A Cruz e a Quadra na Arquitetura dos Jesuítas no Brasil: um discurso fotográfico

ROGÉRIO ENTRINGER

SAIDA



instituto  
arquitetura e urbanismo  
são carlos usp



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ARQUITETURA E URBANISMO**



**ROGÉRIO ENTRINGER**

A Cruz e a Quadra na Arquitetura dos Jesuítas no Brasil: um discurso fotográfico

Versão Corrigida

**SÃO CARLOS  
DEZEMBRO DE 2015**

**ROGÉRIO ENTRINGER**

A Cruz e a Quadra na Arquitetura dos Jesuítas no Brasil: um discurso fotográfico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisitos para a obtenção de título de mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Gelson Almeida Pinto

**SÃO CARLOS**

**DEZEMBRO DE 2015**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,  
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS  
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E61a Entringer, Rogério  
A Cruz e a Quadra na Arquitetura dos Jesuítas no  
Brasil: um discurso fotográfico / Rogério Entringer;  
orientador Gelson de Almeida Pinto. São Carlos, 2015.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação  
em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em  
Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo --  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de  
São Paulo, 2015.

1. Arquitetura. 2. Jesuítas. 3. Fotografias. I.  
Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

**Candidato:** Licenciado em História Rogério Entringer

**Título da dissertação:** "A Cruz e a Quadra na Arquitetura dos Jesuítas no Brasil: um discurso fotográfico"

**Data da defesa:** 08/12/2015.

**Comissão Julgadora:**

**Resultado:**

Prof. Dr. **Gelson Almeida Pinto (orientador)**  
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

APROVADO  
Cibe Saliba Rizk  
aprovado

Prof. Dr. **Marcelo Suzuki**  
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

*MSUZUKI*

Profa. Dra. **Ester Buffa**  
(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

*Esther Buffa*

APROVADO

Presidente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Urbanismo: Profa. Dra. **Cibele Saliba Rizk**

À memória de meu avô Argeu Entringer

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Gelson de Almeida Pinto, que mesmo tendo tido um AVC (Acidente Vascular Cerebral) durante a fase de elaboração dessa pesquisa, com força, coragem, lucidez e de forma profunda, muito me orientou e me ensinou, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual.

Ao Prof. Dr. Marcelo Suzuki, pela atenção e apoio durante o processo de definição.

Ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo pela oportunidade de realização do curso de mestrado, e aos professores e colegas em que podemos discutir e debater as ideias presentes nessa dissertação.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Ao Arquivo Nacional (AN), à Biblioteca Nacional (BN), ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao Museu Histórico Nacional (MHN), e ao Serviço de Documentação da Marinha - Divisão de Obras Raras e Mapoteca do Rio de Janeiro (SDM) pela atenção, gentileza e prontidão nos documentos fornecidos.

Aos meus pais José Roberto e Sonia que labutaram esses anos todos para que em meu currículo pudesse constar grandes universidades brasileiras (UNESP, PUC-RJ, USP, entre outras). A minha companheira Barbara e meu filho Frederico por compreenderem minha ausência nos dias reclusos, solitários e reflexivos, que muitas vezes requer o trabalho do pesquisador escritor. A eles todos o meu amor, admiração e gratidão pelo carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

Por fim, as pessoas que encontramos nos diversos lugares por onde andamos, sejam nos sertões, nas montanhas ou nos litorais, do nordeste ao sul do Brasil, e que de uma forma ou outra, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

“Na arquitetura tudo se faz por regra.”  
*Sermões*, Padre Antonio Vieira (1608-97)

## RESUMO

ENTRINGER, Rogério. **A Cruz e a Quadra na Arquitetura dos Jesuítas no Brasil: um discurso fotográfico**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

Este trabalho nasceu de um discurso fotográfico, isto é, a fotografia não só como uma ferramenta de pesquisa, mas também como um discurso visual, retraduzindo textos em imagens, e que nos revelou que a cruz e a quadra são as marcas da arquitetura da Companhia de Jesus. No primeiro capítulo pretendemos demonstrar que a cruz é o princípio norteador da simbologia dos jesuítas, apresentar quem eles eram, o que queriam, e porque vieram ao Brasil nos primórdios dos primeiros agenciamentos e ordenamentos. No segundo capítulo pretendemos demonstrar como a cruz é um traçado regulador que originou o pátio e a quadra, e o que isso simbolizou ao longo da história; e no terceiro capítulo demonstraremos como isso reflete na arquitetura jesuítica no Brasil. No quarto capítulo verificamos porque a cruz reguladora dos pátios e das quadras foram aplicados no Brasil e de que forma isso foi feito. Concluimos que a arquitetura dos jesuítas foi um lócus onde o modelo cultural, civilizador e educador implantado era o aristotélico-tomismo mesclado aos novos métodos modernos e inacianos tal como os Exercícios Espirituais, as Constituições Inacianas e a *Ratio Studiorum*, onde seu canteiro e seu desenho foram formas e meios de alcançar o objetivo maior que era tornar o indígena um cristão, a partir da catequese, e um homem, aos moldes europeus. E que no Brasil, entre 1549-1759, a santa linha reta, quadrada, armada, racional e ordeira, da cruz, foi o princípio norteador da concepção, espaço e elementos de uma arquitetura moderna, em quadra, como meio de domínio, conquista e conversão.

Palavras-chave: Arquitetura. Jesuítas. Fotografia

## ABSTRACT

Entringer, Rogério. **The Cross and the court in the architecture of the Jesuits in Brazil: a photographic discourse.** 2015. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

This work was born of a photographic discourse, that is, the photograph not only as a research tool, but also as a visual discourse, retranslates text in images, and revealed in the cross and the court are the hallmarks of the company's architecture Of Jesus. In the first chapter we intend to demonstrate that the cross is the guiding principle of the symbology of the Jesuits, to present who they were, what they wanted, and why they came to Brazil in the early days of the first assemblages and systems. In the second chapter we intend to demonstrate how the cross is a regulatory route that led to the patio and the court, and what it symbolized throughout history; and the third chapter will demonstrate how this reflects in Jesuit architecture in Brazil. In the fourth chapter we see because the regulatory cross the courtyards and the court were applied in Brazil and how this was done. We conclude that the architecture of the Jesuits was a locus where the cultural model, civilizing and deployed educator was the Aristotelian-Thomism merged to new and modern methods such as the Ignatian Spiritual Exercises, the Ignatian Constitutions and the Ratio Studiorum, where your site and its design They were ways and means to achieve the main objective which was to make the Indian a Christian from the catechism, and a man, the European way. And in Brazil, between 1549-1759, the holy straight, square, armed, rational and orderly, the cross, was the guiding principle of design, space and elements of modern architecture, on the court, as a means of domination, conquest and conversion.

Keywords: Architecture. Jesuits. Photography

## ÍNDICE DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Museu das Missões, RS.....  | 24 |
| Figura 2 – INRI, óleo sobre tela, Sérgio Ferro.....  | 32 |
| Figura 3 – Sino de São Miguel das Missões, RS; e Tabernáculo da Capela de São João Batista da Aldeia de Carapicuíba, SP..... | 34 |
| Figura 4 – Carta do rei D. João III a Tome de Souza, 1548.....   | 38 |
| Figura 5 – Expansão dos Jesuítas no Brasil.....  | 41 |
| Figura 6 – O Papa Paulo III entrega a Inácio de Loyola a Regimini Militantis Ecclesiae, 1540.....                            | 43 |
| Figura 7 – Paraguay ó Provincia de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra – 1630..... | 46 |
| Figura 8 – Águia bicéfala esculpida no púlpito da Capela de Santo Antônio, São Roque, SP...                                  | 48 |
| Figura 9 – O Campanário da Igreja de São Pedro da Aldeia, RJ, alinhados ao cruzeiro do sul.....                              | 57 |
| Figura 10 - Porta da Igreja jesuítica de Embu, SP.....   | 60 |
| Figura 11 – O templo Primitivo de Le Corbusier; e Modelo típico da casa grega.....   | 61 |
| Figura 12 – O Zigurate de Ur - Mesopotâmia (2100 a.C.).....  | 62 |
| Figura 13 – Palácio de Khorsabad (720 a.C.).....   | 62 |
| Figura 14 – Casa romana nas ruínas em Conímbriga.....  | 63 |
| Figura 15 – <i>Peristylum</i> de uma casa romana.....  | 64 |
| Figura 16 – Mesquita de Ibn Tulun, Cairo, Egito (876-879).....   | 65 |
| Figura 17 – Abadia de Fontenay, França.....  | 68 |
| Figura 18 – Mosteiro Cisterciense São Cristóvão de Lafões, Portugal.....   | 68 |
| Figura 19 – Pátio mudéjar do Convento de Santa Isabel de los Reyes, Toledo, Espanha.....                                     | 70 |
| Figura 20 – Pátio da Universidade de Paris.....  | 71 |
| Figura 21 – Planta do Colégio de Messina, Itália.....  | 77 |
| Figura 22 – Planta do Real Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.....   | 78 |
| Figura 23 – Pátio do Colégio de São Paulo, SP.....   | 79 |
| Figura 24 – Planta do colégio do Rio de Janeiro.....   | 82 |
| Figura 25 – Planta baixa do Primeiro Pavimento da Fazenda Campos Novos, RJ.....  | 84 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 26 – A cruz, a quadra e o pátio da Fazenda Campos Novos, RJ.....   | 85  |
| Figura 27 – A cruz, a quadra e o pátio no Colégio Reis Magos, ES.....   | 86  |
| Figura 28 – A cruz e a quadra no Colégio Reis Magos, ES.....  | 87  |
| Figura 29 – A cruz, a quadra e o pátio no antigo Colégio de Paranaguá, PR.....  | 89  |
| Figura 30 – Placa indicativa do Sítio Arqueológico de São Nicolau, RS.....  | 91  |
| Figura 31 – Planta de Missão de S. Miguel, RS.....  | 92  |
| Figura 32 – Reconstituição de antiga casa popular grega.....  | 93  |
| Figura 33 – Chiesa Il Gesu, Roma.....   | 95  |
| Figura 34 – Igreja de São Roque, Lisboa; e a Geometria dos jesuítas nos desenhos de Lucio<br>Costa.....   | 95  |
| Figura 35 – Fachada principal da Capela de São Francisco Xavier, RJ.....  | 97  |
| Figura 36 – Fachada principal da Capela de São João Batista da Aldeia de Carapicuíba, SP.....   | 98  |
| Figura 37 – Fachada principal da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, ES.....   | 99  |
| Figura 38 – Fachada do Antigo Colégio de Vitória, ES.....   | 99  |
| Figura 39 – Fachada principal do Colégio dos Reis Magos, ES.....  | 100 |
| Figura 40 – Fachada principal da Antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Igreja de<br>Santo Inácio de Loyola de Campos dos Goytacazes, RJ..... | 100 |
| Figura 41 – Fachada principal da Fazenda Campos Novos, RJ.....  | 101 |
| Figura 42 – Fachada principal da Igreja de Embu, SP.....  | 101 |
| Figura 43 – Fachada principal da Igreja de São Pedro da Aldeia, RJ.....   | 102 |
| Figura 44 – Geometria nas fachadas da Igreja de Embu, SP, e na Igreja de Nossa Senhora da<br>Assunção, Anchieta, ES.....                              | 102 |
| Figura 45 – Azulejos da Igreja de N. S. da Conceição em Guarapari, ES.....  | 106 |
| Figura 46 – Fachada da Igreja de São Lourenço dos Índios, RJ.....   | 106 |
| Figura 47 – O colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo, década de 1920.....   | 113 |
| Figura 48 – Mapa da Restituição da Bahia de João Teixeira Albernás, 1631.....   | 114 |
| Figura 49 – Mapa da Capitania de São Vicente, 1631.....   | 115 |
| Figura 50 – Mapa de Porto Seguro, BA.....   | 117 |
| Figura 51 – Mapa da Aparência do Rio de Janeiro. Planta anterior a 1666.....  | 117 |
| Figura 52 – Planta do Colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo no Rio de Janeiro, RJ.....   | 118 |
| Figura 53 – Planta do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, RJ.....   | 119 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 54 – O martírio. Cartografia intitulada Mision de Mojos de la Compania de IHS de el Peru – 1756.....   | 122 |
| Figura 55 – Planta da Fortaleza de São Bruno, Califórnia, EUA.....  | 126 |
| Figura 56 – Forte Reis Magos, RN.....   | 126 |
| Figura 57 – Seteiras do Colégio dos Reis Magos, ES, da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, ES; e da Seteira das ruínas da antiga missão de São Lourenço Mártir, RS.....  | 127 |
| Figura 58 – Seteiras da antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição de Campos dos Goytacazes, RJ.....  | 128 |
| Figura 59 – Janelas Conversadeiras do Colégio dos Reis Magos, ES; da antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Igreja de Santo Inácio de Loyola de Campos dos Goytacazes, RJ; e do antigo Colégio dos Jesuítas de Paranaguá..... | 130 |
| Figura 60 – Janela do Colégio dos Reis Magos. ES; e da Fazenda Campos Novos, RJ.....  | 131 |
| Figura 61 – Seteira com Conversadeira do Castelo de Santa Maria da Feira, Portugal.....   | 132 |
| Figura 62 – Janela Conversadeira do Castelo de Beja; e do Castelo de Leiria, Portugal.....  | 132 |
| Figura 63 – Janela da antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição de Campos dos Goytacazes.....  | 133 |
| Figura 64 – Janela do antigo colégio de Paranaguá, PR.....  | 134 |
| Figura 65 – Tomé de Souza e a construção de Salvador – óleo de Manoel Victor.....   | 135 |
| Figura 66 – Esquema de uma aldeia Guarani, Paraguai.....  | 142 |
| Figura 67 – Planta baixa Aldeia de Carapicuíba, SP.....   | 143 |
| Figura 68 – Casa Gauto no Mato Grosso.....  | 146 |
| Figura 69 – Estrutura de uma casa-aldeia Aruaque, fronteira entre Brasil e Venezuela .....  | 146 |
| Figura 70 – Casa de pescador, foz do Rio Real, Sergipe.....   | 147 |
| Figura 71 – Caibro armado do Colégio dos Reis Magos, ES.....  | 147 |
| Figura 72 – Caibro armado da Igreja de São Pedro da Aldeia, RJ.....   | 147 |
| Figura 73 – Caibro armado Igreja de São Lourenço dos Índios, RJ.....  | 148 |
| Figura 74 – Estruturas construtivas do Colégio Reis Magos, ES.....  | 148 |
| Figura 75 – Estruturas construtivas da Igreja de São Pedro da Aldeia, RJ.....   | 149 |
| Figura 76 – Ruínas do antigo Colégio dos Jesuítas e antiga Igreja do Rosário, atual Igreja de São Benedito de Porto Seguro, BA.....   | 152 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 77 – Materiais construtivos do Colégio Reis Magos, ES.....   | 153 |
| Figura 78 – Materiais construtivos do Antigo Colégio de Paranaguá, PR.....  | 154 |
| Figura 79 – Ruínas da antiga redução de São Nicolau do Piratini, RS.....  | 155 |
| Figura 80 – Ruínas dos cubículos de São Miguel das Missões, RS.....   | 156 |
| Figura 81 – Ruínas de São Miguel das Missões, RS.....   | 156 |
| Figura 82 – Nave da Capela de São João Batista da Aldeia de Carapicuíba, SP.....                                      | 159 |
| Figura 83 – Nave da Igreja de São Pedro da Aldeia, RJ.....  | 160 |
| Figura 84 – Modelos de portas segundo as Cinco Ordens de Vignola.....   | 163 |
| Figura 85 – Porta do Colégio dos Reis Magos, ES; e Porta das Ruínas de São Miguel das Missões, RS.....                | 164 |
| Figura 86 – Espiral e Anjo índio na Antiga Fazenda Nossa Senhora da Conceição, RJ.....                                | 167 |
| Figura 87 – Anjos índios na fonte de São Miguel das Missões, RS.....  | 167 |
| Figura 88 – Flor-de-lis na janela da Antiga Fazenda Nossa Senhora da Conceição de Campos dos Goytacazes, RJ.....      | 168 |
| Figura 89 – Espiral na igreja de São Miguel das Missões, RS.....  | 168 |
| Figura 90 – A cruz e a quadra no pátio do Colégio Reis Magos, Nova Almeida, ES.....                                   | 172 |
| Figura 91 – A cruz e a quadra no pátio da antiga Fazenda Nossa Senhora da Conceição de Campos dos Goytacazes, RJ..... | 172 |
| Figura 92 – A fachada da quadra do Colégio Reis Magos, Nova Almeida, ES.....  | 176 |

## **LISTA DE SIGLAS**

ANS-IPHAN - Arquivo Noronha Santos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

BN - Biblioteca Nacional – RJ

IEB-USP - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

IHU – Instituto Histórico Ultramarino – Lisboa, Portugal

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MHN - Museu Histórico Nacional – RJ

SDM - Serviço de Documentação da Marinha. Divisão de Obras Raras e Mapoteca – RJ

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

|   |    |
|---|----|
| <b>Os jesuítas e sua arquitetura no Brasil (1549-1759)</b> .....                    | 18 |
| <b>Lúcio Costa: recorrência entre a postura moderna e a tradição colonial</b> ..... | 19 |
| <b>A fotografia e a arquitetura</b> .....   | 25 |

### CAPÍTULO 1 – A CRUZ: A MARCA DA COMPANHIA DE JESUS

|   |    |
|---|----|
| <b>1.1. A cruz: o símbolo do selo da Companhia de Jesus</b> .....   | 31 |
| <b>1.2. A cruz da Ordem de Cristo e do Império Português</b> .....  | 36 |
| <i>1.2.1. O quão pertencia os jesuítas a cruz do padroado: autoridades, dubiedades e obscuridades</i> ..... | 39 |
| <i>1.2.2. O quão de hispânico tem o lusitano, e quão ambos tem de jesuítas</i> .....                        | 45 |
| <i>1.2.3. A águia bicéfala, espanhola, lusitana e jesuíta</i> .....   | 47 |
| <b>1.3. Uma cruz geométrica, científica, moderna: Loyola e os jesuítas</b> .....                            | 49 |

### CAPÍTULO 2 – A CRUZ E A QUADRA COMO TRAÇADO REGULADOR NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA: TIPOLOGIAS

|   |    |
|---|----|
| <b>2.1. A cruz e a quadra no templo primitivo</b> .....                 | 60 |
| <b>2.2. A cruz e a quadra no <i>Peristylum</i> grego e romano</b> ..... | 63 |
| <b>2.3. A cruz e a quadra no pátio da mesquita árabe</b> .....          | 64 |
| <b>2.4. A cruz e a quadra no claustro medieval</b> .....                | 66 |
| <b>2.5. A cruz e a quadra no pátio mudéjar</b> .....                    | 69 |
| <b>2.6. A cruz e a quadra no claustro renascentista</b> .....           | 70 |

## **CAPÍTULO 3 – A CRUZ E A QUADRA COMO TRAÇADO REGULADOR NO ESPAÇO ARQUITETÔNICO DOS JESUÍTAS NO BRASIL (1549-1759)**

|  |            |
|--|------------|
| <b>3.1. A cruz e a quadra aristotélica, vitruviana e tomista no pátio jesuíta.....</b>   | <b>76</b>  |
| <b>3.2. De Ratione Aedifitiorum era a Ratio Studiorum: a cruz e a quadra nos pátios jesuíticos no Brasil (1549-1759).....</b>        | <b>80</b>  |
| <b>3.3. A cruz das fachadas e a geometria dos elementos: Francisco Dias e a modernidade na arquitetura jesuítica brasileira.....</b> | <b>93</b>  |
| <b>3.4. A geometria áurea da cruz e da quadra.....</b>   | <b>103</b> |

## **CAPÍTULO 4 – A CRUZ E A QUADRA COMO TRAÇADO REGULADOR DA REGRA, DA ORDEM E DA CENTRALIZAÇÃO: MEIOS DE DEFESA, CONQUISTA, DOMÍNIO E CONVERSÃO**

|  |            |
|--|------------|
| <b>4.1. Da cruz que assinala e que toma posse nasce a quadra e o pátio: as imposições do meio físico a favor da missão.....</b>  | <b>111</b> |
| <b>4.2. A cruz e a quadra armada: conquista e defesa.....</b>  | <b>120</b> |
| 4.2.1. <i>A cruz e as geometrias quadradas de guerra.....</i>  | 124        |
| 4.2.2. <i>As seteiras: luz, ventilação e defesa .....</i>  | 127        |
| 4.2.3. <i>As janelas conversadeiras e os campanários: comunicação com o núcleo e ponto de observação na guerra, defesa, Exercícios Espirituais e trocas de experiências.....</i> | 129        |
| <b>4.3. Aculturação.....</b>   | <b>136</b> |
| <b>4.4. Inculturação.....</b>  | <b>137</b> |
| <b>4.5. Educação como aculturação e inculturação.....</b>  | <b>138</b> |
| <b>4.6. A cruz e a quadra na praça da Aldeia e da Missão.....</b>  | <b>141</b> |
| 4.6.1. <i>A cruz, a quadra e a madeira.....</i>  | 144        |
| 4.6.2. <i>A cruz e a quadra são de pedra, cal, areia e barro: meios de educar, aculturar e inculturar.....</i>   | 150        |
| 4.6.3. <i>A cruz e a quadra das naves jesuíticas: auditórios e teatros numa maneira entre o clássico e o anti-clássico.....</i>  | 157        |
| 4.6.4. <i>Modenaturas da cruz e da quadra: espirais, flores-de-lis e anjos índios.....</i>   | 165        |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CONCLUSÃO.....</b>  | <b>171</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>179</b> |
| <b>FONTES E DOCUMENTOS.....</b>  | <b>190</b> |
| <b>ARQUIVOS, MUSEUS E BIBLIOTECAS CONSULTADOS.....</b>                                 | <b>191</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>  | <b>192</b> |
| <i>Apêndice A – Mapeamento das edificações jesuíticas remanescentes no Brasil.....</i> | <i>192</i> |
| <i>Apêndice B – Fotografias de edificações jesuíticas remanescentes no Brasil.....</i> | <i>193</i> |



## INTRODUÇÃO

### Os jesuítas e sua arquitetura no Brasil (1549-1759)

A arquitetura dos jesuítas está no campo da história da arquitetura brasileira e universal. É produto das ações da Companhia ao longo do processo de formação do mundo moderno, portanto, entender o simbolismo e os princípios norteadores de suas edificações é preciso antes de mais nada, entender quem eram os jesuítas.

A história da Companhia de Jesus costuma ser dividida em dois períodos: o primeiro, da fundação em 1534 até a supressão em 1773, e o segundo, da restauração em 1814 aos dias atuais. Nesse contexto, esse trabalho aborda parte do primeiro período, época da *conquista*<sup>1</sup>, onde estiveram atuantes no Brasil. Por isso escolhemos o período que compreende entre 1549 a 1759, por conta da chegada dos inacianos dando início a conquista, o domínio e a conversão dos novos mundos, até a sua expulsão; um divisor de águas no período colonial brasileiro, pondo fim a mais de dois séculos de hegemonia política, militar, intelectual, religiosa e tecnológica.

Mas porque os jesuítas e sua arquitetura? Essa pergunta sempre nos acompanhou ao longo dessa pesquisa, seja nas discussões em seminários e colóquios ou mesmo por curiosidade das pessoas. Entre outras tantas respostas, talvez a mais significativa seja porque os jesuítas eram modernos; e “se deve a eles os primeiros esforços civilizadores” no Brasil (BAZIN, 1983, p.24). Porque, todo aquele que ao questionar sobre as origens do Brasil, obrigatoriamente esbarrará na Companhia de Jesus, que vezes por bem, outras por mal, foi quem introduziu uma cultura que formaria as premissas iniciais da cultura arquitetônica brasileira. E porque nesse período, seja no século XVI ou XVIII, da Bahia ao Rio Grande do Sul, com os signos da cruz e da quadra, seja no simbolismo, nas traças, nos espaços ou nos elementos, introduziram uma arquitetura moderna no Brasil.

---

<sup>1</sup> Referimos ao duplo trabalho de LACOUTURE (1993) que divide a história dos jesuítas em dois tempos, o primeiro intitulado *conquista* e o segundo *regresso*.

## **Lucio Costa: recorrência entre a postura moderna e a tradição colonial**

O tempo histórico caracteriza-se por mudanças nos atores com suas práticas e usos sociais, ou seja, processos de mudanças e as reutilizações das formas passadas, reinterpretar o passado formulando hipóteses sobre um viver do qual não fazemos parte. O objeto que circula no discurso histórico é ausente, morto, enquanto o seu sentido é uma linguagem entre o historiador e seus leitores, ou seja, entre os presentes. Há uma troca entre vivos (presente) do objeto ausente (passado). Ao fazer história organizamos o passado do jeito como oferecemos os nossos significados. A produção dos sentidos é indissociável em história, já que seu trabalho consiste em transformar signos dispersos na atualidade em vestígios de uma realidade histórica (SALGUEIRO, 2001).

O historiador da arquitetura é um pesquisador dos signos (tipologias) de categoria da prática social, estudando a arquitetura na confrontação das interrogações das ciências humanas, interdisciplinaridade como processo controlado de empréstimos recíprocos, articulação dos diferentes níveis, do cruzamento das fontes, da dinâmica experimental dos atores sociais, das diferenciações de temporalidades, com o propósito posterior de recuperar micro histórias (SALGUEIRO, 2001).

O historiador da arquitetura não é diferente do historiador da cultura, da política ou da economia, que ao reconstituir o passado histórico questiona seu presente, afinal, segundo Lucien Febvre, a “história é filha de seu tempo”, por isso, nos debruçarmos sobre a arquitetura dos jesuítas, porque há vínculo com o movimento moderno, tendo Le Corbusier e Lucio Costa como seus interlocutores.

Nesse contexto, essa pesquisa nasceu do texto clássico de Lucio Costa intitulado *A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil*. O mestre brasileiro se voltou ao período colonial para entender os rumos da arquitetura de seu tempo; e escreveu que das arquiteturas que constituem nossa antiguidade, a dos jesuítas é a “mais significativa” (COSTA, 1941). Lucio buscou o moderno jesuítico porque era vital para o embasamento da construção de uma identidade para o moderno de seu tempo, ou melhor, interessava para fazer a fusão entre a tradição colonial e as novas tendências e tecnologias modernas de sua época. Vejamos isso a seguir.

O conceito do que seja o moderno é complexo e faz divergir várias correntes. Remonta ao período medieval. Concebemos o moderno como sendo uma opção, e ou ação, a uma

*tendência* do que é entendido como sendo *atual*. Pensar que o moderno significa somente o *novo* é complexo demais, afinal, o que foi *novo* será *velho* um dia, e assim o moderno se transforma em antigo novamente.

Lançando luz sobre essa questão, Rodrigues e Falcon (2000, p.225) dizem que:

cada época histórica tende a afirmar o seu caráter moderno – moderna foi a “via” proposta pelos nominalistas medievais; “modernos” se consideravam também os humanistas do Renascimento. Neste nível, portanto, não existe uma época em que possa a ser considerada, por definição, “moderna”.

Ainda Rodrigues e Falcon (2000, p.223):

recuperar o processo de construção do conceito de modernidade implica um retorno a chamada Idade Moderna, uma vez que a modernidade mergulha suas raízes mais profundas no solo da cultura ocidental europeia, dos séculos XVII-XVIII e começos do XIX.

Em *Modernidade e Tradição Clássica*, Colquhoun (2004) ilumina conceitos filosóficos e históricos complexos, constitutivos da modernidade a partir do século XV, e relaciona com a prática e a crítica da arquitetura dos últimos duzentos anos. Alguns teóricos defendem que o processo de construção da ideia de arquitetura moderna começa no século XVII, passa pelo neoclassicismo do século XVIII até o século XIX.

Frampton (2000) é um deles, e diz que:

a arquitetura do Neoclassicismo surgiu dessa transformação radical entre o homem e a natureza que séculos mais tarde a arquitetura moderna do século XX viria a ter como signo [...] O aumento da capacidade humana de exercer controle sobre a natureza, que em meados do século XVII já começava a extrapolar as fronteiras técnicas do Renascimento [...] tomou forma imediata nas obras rodoviárias e hidroviárias dos séculos XVII e XVIII que deu origem a novas instituições técnicas.

Argan (2005, p.197) também é partidário da tese de que a arquitetura moderna surge no Iluminismo do século XVIII, segundo ele:

com Ledoux – escrevia Kaufmann em 1933 – tem início uma ‘nova continuidade’ que chega até Le Corbusier. Hoje, sabemos que prossegue ao menos até Louis Kahn e constitui um dos termos alternativos do debate contemporâneo segundo o qual a forma arquitetônica é autônoma e intrinsecamente significativa, no sentido de que não significa nada que lhe preexista, nem a configuração do espaço, nem a ordem da sociedade, nem a coerência de sua técnica.

Houveram épocas em que ser novo, atual e moderno, era resgatar velhos valores, conceitos e paradigmas. O maneirismo severo da contra reforma fez isso com a tradição clássica; de certa forma, Le Corbusier e Lucio Costa também. Segundo Colquhoun (2004), de todos os mestres modernos, Le Corbusier era o que estava mais consciente dessa ruptura da continuidade cultural que vivenciava o início do século XX, no entanto, há contradições a isso, tal como a tentativa de atuar como mediador do passado e do presente. O mesmo ocorre com Lucio Costa que compreende que a experiência acumulada do passado colonial deve ser tomada como referência, como ponto de partida, atualizada, porém, segundo os princípios arquitetônicos modernos e principalmente adaptada ao lugar específico de implantação.

Os jesuítas eram modernos porque (a) os Exercícios Espirituais já esboçava o conceito de *autonomia individual*; (b) desenvolveram um conhecimento visando à modificação do objeto para alcançar determinados objetivos; (c) a seriação é característica tanto da *Ratio Studiorum*, seu código de leis pedagógicas, quanto da *De ratione aedifitiorum*, sua arquitetura; e essas são características da modernidade.

Somados a isso, o século XVII, posto acima por alguns autores como as origens das raízes da modernidade, foi sem dúvida o século jesuítico. E se um dos conceitos do que seja o modernismo é a ideia de criar novos mecanismos, tecnologias, objetos, e utensílios capazes de facilitar a vida da população, vale lembrar que “até 1759 os inicianos estiveram à frente nas técnicas e tecnologias no Brasil (VARGAS, 2001), portanto, podemos considerar como *modernos, os companheiros de Jesus*.”

Lucio Costa atesta a modernidade dos jesuítas, quando diz que:

Tratando-se de uma ordem nova e "diferente", livre de compromissos com as tradições monásticas medievais, e, por conseguinte, em situação particularmente favorável para se deixar impregnar, logo de início, do espírito moderno, pós-renascentista e barroco [...] Ora, foi precisamente esse estilo sóbrio e de formas geométricas definidas, de Herrera em Madri e de Terzi em Lisboa, estilo ali, então, "ultra-moderno" e que

destoava violentamente da atmosfera local, saturada ainda de reminiscências manuelinas e platerescas, que veio para o Brasil quinhentista, trazido de primeira mão - novo em folha - pelo arquiteto Francisco Dias, colaborador de Terzi na construção de São Roque [...] Os jesuítas, particularmente depois da canonização de Santo Inácio e São Francisco Xavier, tiveram que organizar sob moldes eficientes a fabricação de imagens para atender às exigências dos seus numerosos estabelecimentos espalhados pelo mundo. E muito embora as demais ordens também produzissem em grande escala, os padres talvez possam ser considerados como os precursores dos modernos processos de fabricação: a talha, a encarnação, o estofamento eram então feitos em série (COSTA, 1941, grifo nosso).

Segundo Puppi (1994, p.124) “a forma de estudo histórico reveste de autoridade o programa da arquitetura moderna: Lucio Costa projeta-o na história, reinterpretando-a e reescrevendo-a”. Referindo-se a essa mesma questão, Beata (2003, p.36, grifo nosso) corrobora que:

o discurso modernista teve um vínculo praticamente indissociável com a arquitetura colonial, tendo Lucio Costa como um dos seus principais interlocutores [...] uma apropriação crítica da história da arquitetura brasileira, incentivada pelos mestres modernistas para legitimar a promoção do movimento moderno nos trópicos.

Lucio Costa foi um homem forte do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) durante a fase heróica<sup>2</sup> do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e um profundo estudioso da arquitetura colonial e em especial a jesuítica. Foi enviado pelo SPHAN para analisar e propor providências para os remanescentes dos Sete Povos das Missões dos séculos XVII e XVIII, sendo dele o projeto para o Museu das Missões de 1940, localizado em São Miguel no Rio Grande do Sul.

Do desenho em cruz nasce o quadrado que origina o Museu das Missões cuja casa do zelador possui pátio. Avarandado nos quatro lados, com paredes construídas de alvenaria de pedras e depois caiadas, com seus pilares toscanos de arenito presos aos seus capiteis de madeira, seus telhados quatro águas em telhas vã, caibros, vigamentos, ripamentos e tesouras feitos também de madeira, estão intrinsecamente entrelaçados com a historicidade do lugar.

---

<sup>2</sup> Período que compreende entre 1937-1967.

É a fusão das tecnologias modernistas como a janela em banda de vidro com o arenito, numa clara alusão à antiga redução de São Miguel, sua vizinha ao lado no sítio arqueológico. De dentro das ruínas vemos o museu e vice-versa, ambas as paisagens se completam. Embrenhado no mato feito uma casa missioneira espanhola avarandada (figura 1), o Museu das Missões é um exemplo da arquitetura moderna rural latino-americana.

O Museu das Missões segundo Suzuki (2010, p.132, grifo nosso):

foi uma saga, empreendimento inédito, pioneiro de nossa arquitetura moderna, assim como foi a grande epopeia a história da República Jesuítica dos Guaranis [...] emocionada, transcende a sensação de materialidade de se sentir em São Miguel, sob seu sol escaldante, sua luz intensa, seu horizonte se esvaindo de e em ar [...] um elegantíssimo desbravador, que carrega para as novas terras desbravadas a cultura de seu trajeto.

E esse trajeto é visível em sua Brasília, onde a forma, sob sol escaldante e luz intensa, tal como em São Miguel, harmoniza com a paisagem retilínea do horizonte do Planalto Central.

O plano de Brasília, tal como os planos das reduções jesuíticas, com o eixo em forma de cruz, é centralizado, mas não por uma grande praça culminada pela igreja que simbolizava o binômio do poder régio e concílio, mas sim pelo Plano Piloto que simboliza o poder político de um estado laico e republicano, que é ladeado não por quadras compostas de moradias indígenas, mas sim pelas superquadras norte e sul que definem as moradias das famílias. No entanto, também é organizada racionalmente na distribuição disciplinar das várias atividades e funções que abriga, composta de forma simétrica e monumental. Há também analogias até entre as formas do Lago do Paranoá com os rios onde, em suas margens, eram edificados as reduções e colégios jesuíticos coloniais.

É claro que o mestre moderno<sup>3</sup> se dedicaria ao estudo da Companhia de Jesus, porque como já dissemos acima, foram os primeiros agenciadores e os pioneiros na introdução de uma arquitetura moderna no Brasil. Constituem nossa antiguidade e nossa *antiguidade é moderna*.

<sup>3</sup> Lucio Costa era moderno de fato. As diretrizes da Carta de Atenas, resultado das Assembleias do Congrès Internationaux d'Architecture Moderne - os CIAMs, a história é abordada, e da seguinte forma: “a história está inscrita no traçado e na arquitetura das cidades [...] e os motivos que deram origem as cidades foram de natureza diversa [...] e às vezes era o cruzamento de duas rotas que unia cabeça de uma ponte ou uma baía do litoral que determinava a localização do primeiro estabelecimento” (ASSEMBLEIA DO CIAM, 1933, grifo nosso). Lucio Costa (2013, grifo nosso) disse no Relatório de sua Brasília, que o Plano Piloto “nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz [...] e que sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região. Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial”.



Figura 1 – Museu das Missões, São Miguel das Missões, RS, 1938-40 – Lucio Costa – IPHAN/UNESCO - Fotografia de Rogério Entringer feita em 2013 com uma Yashica Mat analógica ano 1957 com objetiva Yashinon 3.5-80 mm com filme monocromático Kodak Tri-X 400 120mm revelados manualmente, e posteriormente digitalizados.

## A fotografia e a arquitetura

A arquitetura é desenho, modo de produção, materiais, técnicas e tecnologia e, de acordo com Carvalho e Wolff (1998), “além de produto artístico da criação humana, a arquitetura também é o que sua inserção no mundo lhe confere; ela é a cristalização de processos sociais, suporte de conteúdos simbólicos”, logo, a arquitetura também é fotografia<sup>4</sup>.

As linguagens da fotografia são aqui utilizadas como um instrumento para pesquisar e fazer uma história da arquitetura dos jesuítas no Brasil. Recorremos à fotografia por ser um meio que traduz em imagens as palavras, os desenhos e os conceitos da arquitetura e, diferente do texto escrito, exprime seus enunciados na forma de textos imagéticos que são sempre e necessariamente interpretativos e subjetivos. A fotografia é um discurso visual (MACHADO, 1998).

Segundo Flusser (1985), estamos vivendo um tempo pós-história, ou seja, processo que retraduz textos em imagens. Para Kossoy (2001) “a fotografia é um texto informativo, fonte e documento visual” e fornece indicações explícitas e implícitas sobre uma série de temas e subtemas que a constituem e que sempre demandará de uma leitura com enfoque multidisciplinar. O fotográfico são textos de luz em uma produtividade que nunca se acaba, é algo que sempre multiplica os sentidos, está sempre mudando, deixando-se suscitar em outros textos, estando em um constante movimento e metamorfose, um texto plasticamente inesgotável e com infinitas possibilidades de significação (BARTHES, 2003).

Além de texto e discurso visual, fotografar é criar conceitos com o ver e o pensar (SAMAIN, 2010); é o que Dubois (2009) considera como sendo um estado do olhar e do pensamento. A imagem fotográfica sintetiza no documento um fragmento do real visível dos monumentos arquitetônicos congelados na escala habitual. As informações multidisciplinares nela gravadas testemunham a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural organizado esteticamente e ideologicamente (KOSSOY, 2001).

---

<sup>4</sup> Aqui é preciso justificar a forma em que penetramos no estudo da arquitetura, afinal, esse trabalho insere-se num programa de Arquitetura. No entanto, é um trabalho que integra uma linha de pesquisa de teoria e história da arquitetura, e propomos pesquisar as características das simbologias que norteiam a implantação e edificação dos núcleos jesuítas no Brasil; e se a arquitetura é também suporte de conteúdos simbólicos, logo, penetrar nos significados dos simbolismos da imposição do meio físico, do programa, do partido, das técnicas e das artes, presentes nessas arquiteturas pelas fotografias é penetrar na própria arquitetura, porque segundo Costa (1941) isso é imprescindível para “estudar qualquer obra de arquitetura.”

Assim, a fotografia torna visível a forma de projetar e permite enxergar e apreciar o espaço arquitetônico ou urbano projetado e edificado.

Nosso objetivo nesse trabalho é dizer por meio de imagens fotográficas que os princípios norteadores do programa da arquitetura da Companhia de Jesus no Brasil entre os séculos XVI e XVIII eram a cruz e os traçados reguladores da quadra e do pátio como meio para conquista, domínio e conversão. Como objetivo específico, pretendemos (a) mostrar que a simbologia dessas obras jesuíticas representa as ações de colonização, civilização e evangelização aos moldes da tradição clássica, europeia, ibérica e católica que se fundiu com a tradição ameríndia; (b) evidenciar a importância dos jesuítas na história da arquitetura brasileira (pois como os primeiros agenciadores, eles deixaram uma tipologia que perdurou por séculos) e (c) contribuir por meio do registro fotográfico para a memória do IPHAN.

A metodologia utilizada para a análise dos dados e na materialização documental das imagens fotográficas foi feita segundo esquema formulado por Kossoy (2001) considerando dois fatores: (a) Processamento Fotográfico: a visibilidade da imagem; (b) O Ato do registro fotográfico: assuntos, tecnologia, congelamento da cena, fotógrafo como filtro cultural, tempo, espaço, fragmento do real. Foi realizado uma análise iconográfica e interpretação iconológica segundo esquema proposto por Kossoy (2001), e que consiste em: (a) Análise iconográfica: realidade exterior; (b) Interpretação iconológica: realidade interior; similar aos três níveis formulados por Panofsky (1991), ou seja, o primário que descreve a arte e arquitetura em sua forma pura, o secundário que nada mais é do que o conhecimento iconográfico, e por fim o significado intrínseco ou conteúdo iconológico da imagem e da arquitetura.

Para análise da tipologia arquitetônica foi utilizado o método descrito por Argan (2004) que consiste em: (a) Descrever os elementos da arquitetura; (b) Estudar a tradição do elemento na história; (c) Estudar a função do elemento e qual sua representatividade no tempo histórico realizado; e o método proposto por Costa (1941) que consiste em: (a) Imposições do meio físico e social; (b) Programa<sup>5</sup>; (c) Partido<sup>6</sup>; (d) Técnica<sup>7</sup>; (e) Comodulação e Modenatura<sup>8</sup>. A análise da cartografia foi realizada segundo os três níveis formulados por Panofsky (1991) e que consiste em: (a) Descrição pré-iconográfica<sup>9</sup>; (b) Descrição iconográfica<sup>10</sup>; (c) Interpretação iconológica<sup>11</sup>.

Nossa tomada de cena foi a tipologia, nosso olho focou-se no tipo (signo), em como escrever o tipo com a luz valendo-se das técnicas próprias da fotografia, a exemplo dos enquadramentos, planos de tomada, abertura, tempo de exposição, distância focal, profundidade de campo, pontos de foco, da luz (tipo, posição e função), cor, monocromático. Tudo isso foi fundamental para construir a narrativa visual de uma arquitetura regular, geométrica, sóbria, austera, sólida e funcional, localizada em ponto estratégico de defesa, infraestrutura, transporte e comunicação. A linha reta como ordem e regra, em quadra onde o pátio era o ponto central, com cubículos para morar, meditar, trabalhar, ensinar e guerrear, com base no humanismo clássico aristotélico-tomista e escolástico, nos Exercícios Espirituais, na *De Ratione Aedifitiorum* como regra arquitetônica, e na *Ratio Studiorum* como educação, sendo esses, como aculturação, inculturação e conversão aos valores ocidentais, europeus e cristãos, como arma contra reformista, construída de pedras, madeira e barro.

Finalmente, utilizando-se de nosso discurso fotográfico argumentamos que a cruz e a quadra são as marcas da arquitetura da Companhia de Jesus. Para um melhor entendimento do leitor acerca desse fato, optamos por estruturar o trabalho em quatro capítulos, sendo que no primeiro demonstramos que a cruz é o princípio norteador da simbologia dos jesuítas, é a marca da *Companhia*; também apresentamos quem eles eram, o que queriam e porque vieram nos primórdios dos primeiros agenciamentos e ordenamentos no Brasil.

<sup>5</sup> Finalidades funcionais a satisfazer.

<sup>6</sup> De que maneira, com a utilização desta técnica, foram traduzidas as determinações daquele programa. Programa aqui é entendido como função, e o partido é entendido como função e técnica.

<sup>7</sup> Materiais e sistema de construção.

<sup>8</sup> Qualidades plásticas do monumento.

<sup>9</sup> Descrição do que é representado. Trata-se de uma identificação primária/formal do tema.

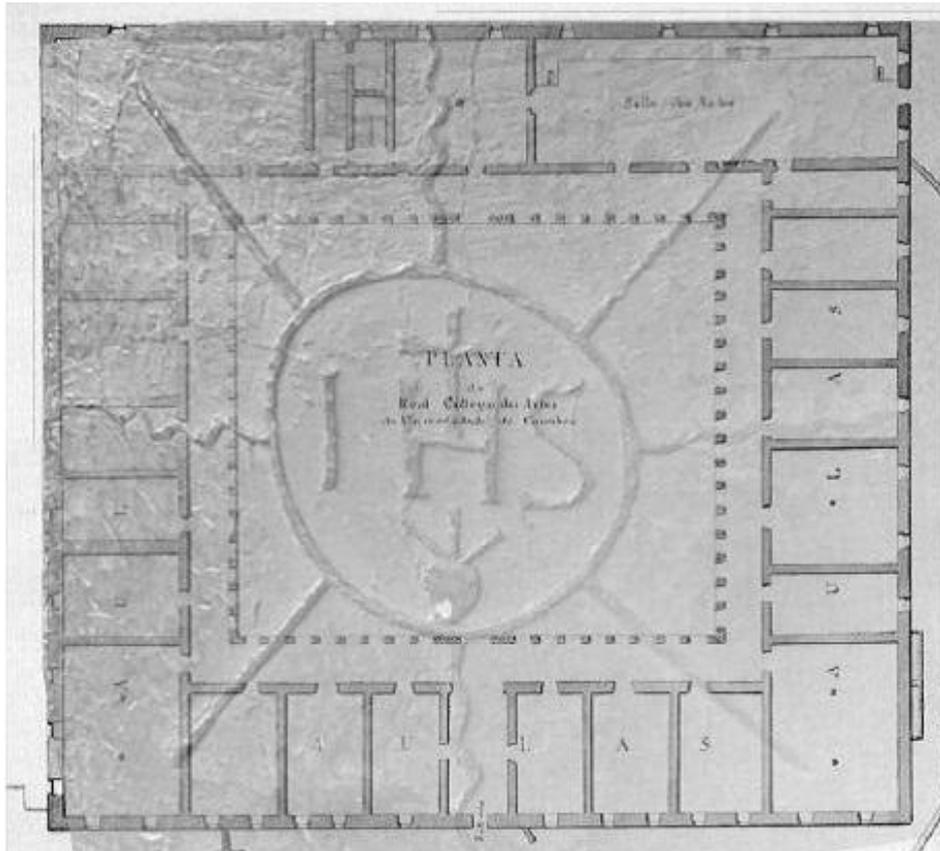
<sup>10</sup> Como se está representado. Trata do tema ou mensagem. Estudar o significado iconográfico, ou seja, como os temas ou conceitos específicos foram representados ao longo do tempo.

<sup>11</sup> Por que se representa assim. Resgatar os valores simbólicos de uma época. É um estudo de interpretação e síntese.

No segundo capítulo esclareceremos como a cruz é um traçado regulador que originou o pátio e a quadra e o que isso simbolizou ao longo da história; enquanto no terceiro capítulo explicamos como isso reflete na arquitetura jesuítica no Brasil. No quarto e último capítulo esclarecemos porque a cruz reguladora dos pátios, e das quadras foram aplicados no Brasil e de que forma isso foi feito.



## CAPÍTULO 1 – A CRUZ: A MARCA DA COMPANHIA DE JESUS



Sobreposição do símbolo dos jesuítas do sino de São Miguel das Missões (RS) na Planta do Real Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Arte de Rogério Entringer.

“Os fins justificam os meios”

### 1.1. A cruz: o símbolo do selo da Companhia de Jesus

Para entender a arquitetura dos jesuítas, antes é preciso saber quem eles eram, quais suas origens, seus princípios norteadores e o que fizeram no período entre 1549 e 1759 em que estiveram no Brasil, porque a arquitetura reflete o que eles pensavam, viviam e idealizavam. Nesse contexto, esse primeiro capítulo é um *raio x* dos inicianos e começaremos por indiciar o símbolo da cruz, a marca tanto do selo quanto da arquitetura e do urbanismo dos *companheiros de Jesus*.

A cruz é um símbolo, uma forma e um objeto, portanto, pode servir a diversos fins e funções e está presente na humanidade desde os primórdios<sup>12</sup>. Seu significado é amplo, diverso, universal e de origem filosófica, histórica, teológica, antropológica, sociológica, mística e arquitetônica. Simbolizou a vida nas antigas crenças de devoções à natureza. Na Grécia, Pitágoras concebia deus como sendo números e relacionou o número 4 (quatro) à representação da ordem e do equilíbrio do universo, logo, os quatro pontos ou lados da cruz faziam parte dessa matemática sagrada.

Se a cruz é universal e existe antes do cristianismo, porque então que os cristãos a reclamaram como seu símbolo maior? Por dois fatores: um de origem política e outro religiosa. O fator político é, sem dúvida, a crucificação que data aproximadamente do século IX a.C na Assíria, mas na forma de empalação. Em 518 a.C Dario I rei da Pérsia também a utilizou. Em 332 a.C Alexandre, o Grande fez a transição da empalação para a crucificação pendurando pessoas em troncos de madeira em Tiro. Desde então, essa forma de execução se espalhou pelo mundo mediterrâneo e pelo Oriente Médio.

Cruz significa poste, estaca e a crucificação era uma forma de propaganda ao dar um recado psicológico às forças inimigas e seu uso foi abundante ao longo da história. Seu objetivo era a linguagem do horror, era comunicar as massas para não tentarem desafiar quem quer que estivesse no poder. Era usada para punir revolucionários, líderes religiosos e ativistas políticos.

---

<sup>12</sup> Era conhecida entre os babilônios, assírios, fenícios, egípcios, persas, gregos, etruscos, escandinavos, celtas, africanos, indianos, chineses, tibetanos, astecas, maias, incas, entre outros.

É tortura seguida de execução. O indivíduo era pregado ou amarrado numa cruz de madeira e quanto mais estendido o corpo, mais rápido seria sua morte. A crucificação mata pela respiração, é uma prática de asfixia. O processo pode durar entre três e quatro horas ou entre três e quatro dias. Crucificação ou empalação é um símbolo de terror e intimidação. Expor a agonia e o sofrimento da vítima. É o terrorismo de estado, execução pública para manter a ordem e o povo sob controle.

A primeira forma de crucificação em cruces de madeira foi creditada aos romanos. A eles também se dá o pioneirismo em utilizar a crucificação de forma prática, funcional, racional e científica: era a pesquisa de como elevar e prolongar o sofrimento e a dor. Era a multiplicação do excesso pós-traumático dos povos que os romanos queriam conquistar, sendo um calculado impacto psicológico. Os romanos introduziram dois tipos de cruces em suas execuções, a cruz de tau e a cruz latina. O sujeito era amarrado em uma viga transversa e andava pela cidade sendo exposto explicitamente a todos os tipos de humilhações. Crucificaram judeus para mostrar o domínio da ocupação romana na Palestina, sendo a mais lendária e famosa e que percorreu a história até os dias atuais, a de Jesus Cristo no ano 33 d.C.



Figura 2 – O canteiro e o desenho é uma forma de crucificação. INRI – Sérgio Ferro. Óleo sobre tela, 130 x 296 cm, 2011. Reprodução - Disponível em <<http://www.faces-of-christ-collection.com/FERRO.html>> Acesso em 20, mai.2015.

O fator religioso é que a cruz para os cristãos passou de símbolo de instrumento de ordem, regra, controle e opressão do poder romano, conseqüentemente, objeto da morte de Jesus, para simbolizar a vitória do próprio Cristo contra a cruz, passando a significar santidade,

redenção, esperança e vida eterna. Após a morte de Cristo, os cristãos tornaram-se uma força emergente, sendo perseguidos e novamente crucificados, até que o imperador romano Constantino (272-337 d.C.), por conversão e ou por estratégia política, fez a fusão entre as simbologias do paganismo e do cristianismo. Com Constantino a cruz pagã, símbolo da vida, e a cruz objeto de assassinato de Cristo, símbolo da ressurreição e da vida eterna, mesclaram-se dando origem a sincrética cruz do cristianismo romano. A cruz virou símbolo sagrado e por isso a crucificação foi abolida. A estrutura da igreja católica foi construída por Constantino, que instituiu o cristianismo como religião oficial do império.

Com o passar do tempo, ocorre o sincretismo entre romanos e cristãos. Segundo Johnson (2001 apud Gomes, 2013)

Não obstante, muitos cultos cristãos tinham afinidades óbvias, com os cultos assimilados tardiamente pelos pagãos. A adoração a uma madona acalentando seu filho sagrado remetia a Isis egípcia. A celebração da Páscoa ocorria na mesma época do culto a Átis e Cibele, no equinócio da primavera setentrional, acompanhado da eucaristia e a crença na ressurreição que ambos tinham em comum com o mitraísmo. A natividade era festejada a 25 de dezembro, próximo do solstício de inverno no hemisfério norte, da mesma forma que nos ritos de Mitra que nascera em uma “caverna plena de luz”. O culto ao Sol foi praticado por muitos cristãos que se ajoelhavam para o leste na oração do ângelus, enquanto se referiam a Cristo como condutor da carruagem solar através dos céus e reservando seus serviços aos domingos, mesmo antes da apostasia do imperador Juliano (361-363). Constantino jamais abandonou o culto ao Sol Invicto. Em Constantinopla, por ele fundada, foi erguida uma estátua ao Deus Sol em pleno foro junto com outra de Cibele, deusa mãe, em oração. O famoso símbolo sonhado pelo primeiro imperador convertido ao cristianismo traz, por fim, alguns elementos pagãos, como vários outros registros encontrados nas catacumbas.

Assim, quando o grande império de Roma sucumbe às invasões bárbaras, curiosamente, será sucedido por um outro império, mas agora o da Igreja Católica Apostólica Romana. Com isso, o modo de vida, a cultura e as antigas crenças romanas foram transferidas ao cristianismo como estratégia de sobrevivência de ambos. A partir de então, a civilização ocidental se edificaria sob a égide da cruz. Os cristãos, de perseguidos tornam-se perseguidores, detendo um poder religioso, político, econômico e militar onde a cruz continuou sendo um símbolo de opressão, ordem, centralização, controle e poder que inicia-se na Idade Média e que dura até as revoluções dos séculos XVIII e XIX com a implantação dos estados laicos.

E, por ser uma congregação cristã católica romana, naturalmente, a cruz é um símbolo intrínseco na Companhia de Jesus, afinal, da cruz se extraía o significado religioso e político da sincrética cruz cristã e pagã, e também a regra, ordem, centralização e razão que serviam ao projeto colonizador dos inicianos no Brasil, ou seja, a conquista, o domínio e a conversão dos índios pela aculturação e inculturação, seja na educação ou no canteiro e no desenho arquitetônico.

Começemos pelos selos, carimbos, brasões, escudos e logotipos que são feitos de cruz, dessa cruz cujo significado acabamos de minuciar acima, no entanto, a opção pela cruz vai além do significado cristão, é como um meio e uma função. Vejamos adiante.



Figura 3 – Da esquerda para a direita: Símbolo dos jesuítas no detalhe do sino de São Miguel das Missões (RS); e a cruz de Portugal e da Ordem de Cristo no símbolo dos jesuítas no detalhe do tabernáculo da Capela de São João Batista da Aldeia de Carapicuíba (SP) – Fotografias de Rogério Entringer – 2012.

A fotografia do sino de São Miguel das Missões (RS) detalha o carimbo da Companhia. No centro, as iniciais IHS, que significa *Societas Iesus*, nome de Jesus em grego utilizado desde a Idade Média e que no século XVI foi retomado com a significação de *Temos Jesus como*

*Companheiro*<sup>13</sup>. Acima das iniciais, está a cruz latina, que simboliza a igreja católica apostólica romana, dentro de um sol que significa a dimensão missionária continental dos inicianos, pois sempre haveria uma luz nos *estabelecimentos* da Companhia de Jesus, pois enquanto na América, África e Europa era dia, a Ásia dormia.

E esse sol que carrega as iniciais e a cruz de Cristo é também geométrico, pois é feito de um cruzamento de linhas que formam duas cruzes, uma de linhas retas e outra de linhas curvas cortadas por um círculo. Logo, o próprio sol dos jesuítas tem o formato da cruz e, além de continental, pode significar também uma alusão ao deus sol *Invictus* dos romanos, afinal, os jesuítas espelhavam-se, inspiravam-se e procediam como os romanos, como veremos ao longo desse trabalho.

Mas, que cruz é essa? Ou melhor, o que a cruz dos jesuítas significa dentro do cristianismo? A saber, os jesuítas são uma congregação com imbricação internacional, tinha propriedades nos quatro cantos do planeta, assim, as representações de seus selos tiveram características e formas diversas. Vamos ao Brasil, que é o que nos interessa e veremos que essa cruz tem a mesma representação formal que a cruz da Ordem de Cristo, que por sua vez está cravada no selo, escudo e brasão do estado português, logo da Companhia de Jesus, como detalha a fotografia do tabernáculo da capela de São João Batista da antiga Aldeia de Carapicuíba (SP).

---

<sup>13</sup> ASAV – Associação Padre Vieira – [www.jesuitas.org.br](http://www.jesuitas.org.br)

## 1.2. A cruz da Ordem de Cristo e do Império Português

Tudo começa quando ordens religiosas católicas, algumas de características militares, tinham forte presença em terras lusitanas desde a Idade Média. Portugal era um centro importante, por exemplo, da Ordem dos Templários. Quando essa ordem é extinta em 1312, Dom Dinis, rei de Portugal, levando em conta os heroicos serviços prestados pelos templários na reconquista da península ibérica dos mouros, não permitiu que o Convento de Cristo em Tomar, caixa forte dos templários portugueses, fosse arrombado, repatriando-os de Ordem de Cristo. A partir de então torna-se tradição, e de certo modo estratégica, que o rei português pertencesse a Ordem de Cristo. Borges (2008, p.175 e 176) traz um dado de muita importância não só para entender as origens do Brasil, mas dos jesuítas no Brasil. Segundo ele:

um elemento que mostra a associação entre a igreja e a coroa portuguesa refere-se à doação feita pelo Papa Calixto II, pela qual todas as terras a oeste do Cabo do Bojador pertenceriam à Ordem de Cristo. Isso mostra que, antes mesmo de ter sido descoberto, o Brasil já era propriedade de uma ordem religiosa portuguesa que mantinha com a Coroa uma relação que não era fortuita. Assim é que, em 1512, quando D. João III assume o trono, ele se torna membro da Ordem de Cristo e volta o interesse da Coroa para terras de além mar sobre as quais a Ordem tinha domínio, empenhando o seu zelo católico na empresa, assim das terras como das almas do Brasil. Em 1537, D. João III torna-se Grão-Mestre da Ordem de Cristo. Portanto, o estado português passa a ter, efetivamente, o controle administrativo total sobre os territórios do Novo Mundo que, como já foi dito, eram propriedade da Ordem de Cristo.

Holanda (1999) também confirma que “a igreja Católica por meio da Ordem de Cristo transferiu aos monarcas portugueses o aparato as terras por eles descobertas.” A prioridade então passa ser a ampliação dos limites e domínios da cristandade e segundo Borges (2008, p.175 e 176):

a presença dos jesuítas a quem caberia a missão de converter os habitantes nativos entre os que acompanhariam Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, foi solicitada por D. João III, que havia consultado Inácio de Loyola a respeito dessa nova empreitada. Em 1548, Loyola incumbiu o Frei Manuel da Nóbrega de chefiar o grupo de jesuítas que fundaria a primeira missão de conversão em terras brasileiras.

Quando surgiu na primeira metade do século XVI, a Companhia de Jesus tinha os requisitos essenciais que interessavam as monarquias ibéricas. Segundo Kitayama e Farias (2008, p.02 e 08, grifo nosso):

correspondências que datam entre 1538 e 1540, na qual o monarca português D. João III solicita informações a seu embaixador, D. Pedro Mascarenhas, em que este é encarregado de ir a Roma solicitar informações e examinar a nascente Companhia de Jesus, e sua eventual idoneidade para a missão catequética portuguesa [...] Ora, podemos perfeitamente entender que D. João III, já possuía uma intencionalidade, pois queria sondar quais eram as características da embrionária ordem, assim como também já planejava dar-lhe uma posição de destaque no processo colonizador português.

Vale lembrar que: (1) o português Simão Rodrigues de Azevedo, era pensionista de Dom João III no colégio Santa Bárbara, em Paris, e junto com Inácio de Loyola foi um dos fundadores da Companhia; (2) logo após a oficialização da Ordem, em 1540, chegavam os dois primeiros jesuítas a Portugal, e em 1542, já se instalara o primeiro Colégio de Jesus em Coimbra; (3) o arquiteto jesuíta Francisco Dias que veio ao Brasil e projetou os colégios de Olinda, Santos e Rio de Janeiro era um dos colaboradores de Filipe Teresi, arquiteto que trabalhou no claustro do Convento de Cristo, antiga fortaleza templária que passou a pertencer a Ordem de Cristo em Tomar. O mesmo Filipe Teresi agenciou outras obras em Lisboa e Coimbra entre os anos de 1575-85, e fora levado de Roma para Lisboa pelos jesuítas, especialmente para construir a igreja de São Roque.

Assim, com D. Joao III e a Ordem de Cristo inicia o Governo Geral (1549), e com ele a história da Companhia de Jesus no Brasil. No *Regimento de 1548*, documento real pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) de Lisboa, códice 112, fls. 1-9, cuja cópia tivemos acesso na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, D. João III ordena a Tomé de Souza que:

[...] quanto serviço de Deus e meu é [...] *dar ordem e maneira* com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando, para nossa Santa Fé e proveito de meus reinos [...] fazer uma fortaleza e povoação grande e forte [...] far-se-á de pedra e cal, barro ou taipais ou madeira [...] somente pagarão o dízimo à Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo [...] porque a principal cousa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil, foi para que a gente delas se convertesse à nossa Santa Fé Católica.



pela semelhança nas formas do símbolo (figura 3), mas a cruz da Companhia de Jesus esteve intimamente ligada a cruz da Ordem de Cristo e do Império Ultramarino Português, assim como a fundação do Brasil está intimamente ligada à Companhia de Jesus. E o elo dessa ligação deve-se especificamente a cruz do padroado.

### *1.2.1. O quão pertenciam os jesuítas a cruz do padroado: autoridades, dubiedades e obscuridades*

A historiografia, desde Charles Boxer (1978), é unânime em afirmar a subordinação dos jesuítas ao padroado. Segundo verbete elaborado por Cézar de Alencar Armaut de Toledo, Flávio Massami Martins Ruckstadter e Vanessa Mariano Ruckstadter, o padroado designa um conjunto de privilégios concedidos pelo papa aos reis de Portugal e Espanha. Trata-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilita um domínio direto dos reis nos negócios religiosos. Assim, padres eram funcionários da coroa. Isso significava a união entre fé e política, característicos tanto no estado português quanto no espanhol, e que marcou a colonização dos novos mundos.

Ora, se todos os religiosos pertenciam a santa cruz do padroado, supõe-se que os da Companhia de Jesus também; mas, o documento que encontra-se no Acervo Alberto Lamego do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), lança uma discussão interessante sobre isso. Trata-se de uma carta datada de 1730 de um jesuíta vice provincial do Maranhão a D. João V, rei de Portugal, argumentando que “padres jesuítas das missões não pertenciam ao clero regular nem ao Padroado, portanto, não deveriam ser submetidos à inspeção dos Ordinários, devendo continuar independentes”<sup>14</sup>.

Mas os jesuítas faziam parte dos privilégios que o papa concedia às coroas ibéricas, afinal, o sumo pontífice estava dando aos reis o que tinha de melhor em sua época, ou seja, sua companhia de inteligência, seu grupo de operações especiais, sua tropa de elite. Funcionários reais, os jesuítas eram um canal que possibilitava reforçar ainda mais o domínio dos reis sobre os negócios da igreja.

<sup>14</sup> Código de Referência: AL-043-008.

Kitayama e Farias (2008, p.02 e 08, grifo nosso) trazem algumas considerações importantes sobre isso:

como membros da ponta de lança da conquista, eram os primeiros a chegar nas áreas mais inóspitas e hostis, servindo desde intérpretes e estudiosos das línguas autóctones, passando por funções de organização militar, administradores, cronistas, tutores, chegando a exercer os papéis de engenheiros e arquitetos, demarcando, desenhando e ajudando a construir fortificações e cidades por toda a região americana. [...] Fica assim a forte possibilidade de que além de missionários, os jesuítas terem assumido as funções de prospectores, servindo de importante elemento na conquista, mas também na implantação do modelo econômico da colônia, pois os indícios apontados podem nos levar a crer que estes clérigos foram agentes do processo civilizador cristão. Com sua grande formação intelectual, suas grandes capacidades técnicas, seu preparo físico e psicológico, transformavam os jesuítas em coadjuvantes ideais no desbravamento e dominação de uma terra desconhecida, que gerou um ciclo de riqueza enorme para as suas metrópoles.

Eram expedicionários, reconhedores, prospectores e exploradores das terras que o papa transferiu aos reis como estratégia contra reformista. Eram uma congregação com implicações globais que andou por toda a América do Sul. Estiveram em todo o território que corresponde atualmente o Brasil, uma cruz imaginária que em linha reta compreende de norte a sul, de leste a oeste, do Amapá e Roraima até o Rio Grande do Sul e do Acre até Alagoas e Paraíba<sup>15</sup>.

Fizeram parte das primeiras incursões secretas e seletas em busca de riquezas pelo Brasil, como aponta Rinaldi (2013, p.60):

Por ordem do rei de Portugal, Francisco Bruza de Espinosa, com o auxílio do padre jesuíta João de Azpicuelta Navarro, realizou uma entrada em busca de ouro no ano de 1553. Essa expedição chegou até Minas Gerais através do Vale do Rio Jequitinhonha e São Francisco. Posteriormente em 1636 a coroa permitiu por meio de uma licença regia que os jesuítas partissem em busca de esmeralda no Rio Doce.

---

<sup>15</sup> Os homens daquele tempo quinhentistas, seiscentistas e setecentistas, seja no Brasil, nas Antilhas ou nas Cordilheiras, ouviram atentos aos jesuítas batizarem essas terras inteiras.

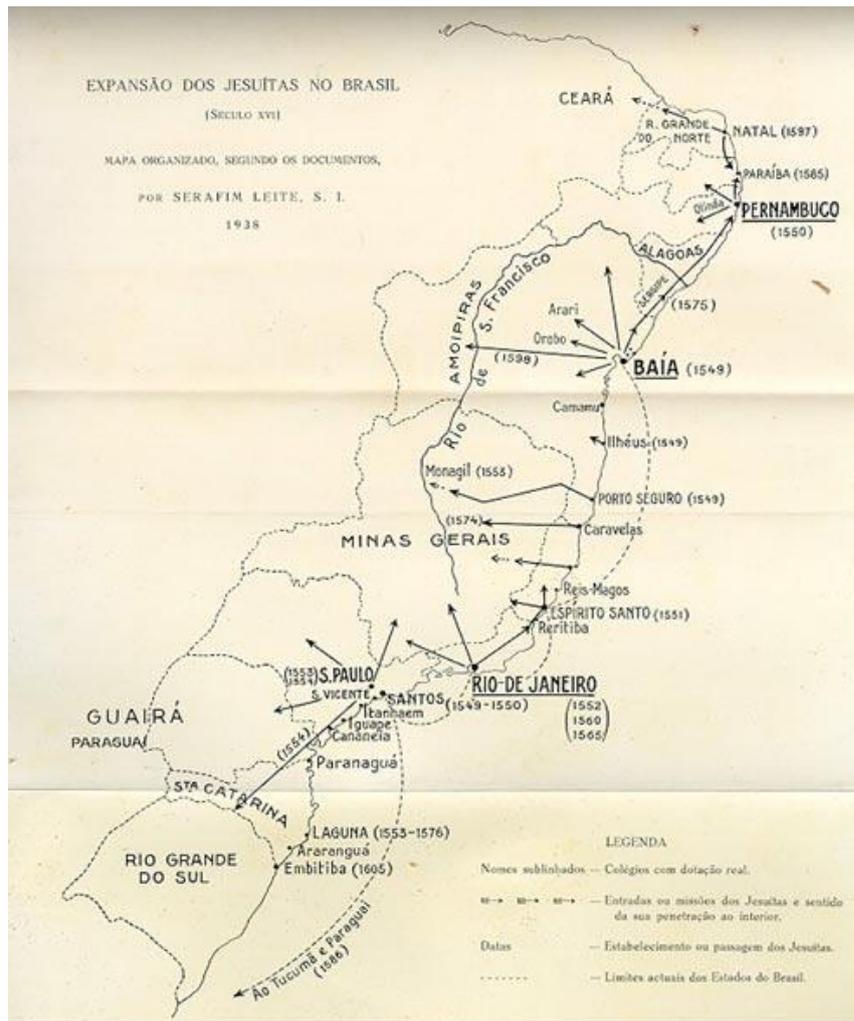


Figura 5 - Expansão dos Jesuítas no Brasil. Reprodução de LEITE (1993)

Então, se os inácianos eram súditos do rei, é inválido pensar que não pertenciam ao padroado. Mas porque o vice provincial dos jesuítas do Maranhão diz que não? Encontramos na historiografia algumas respostas. Costa (2006, p.42 a 53, grifo nosso) diz que:

Loyola tem plena consciência da relação de autoridade a que a Companhia estava subordinada por conta do Padroado. [...] Loyola tem dois pontos claros quanto aos trabalhos de sua Companhia: um é a sua organicidade, dada a sua expansão pelo mundo e, o outro, é que o crescimento da Companhia era devido, em grande parte, aos soberanos, dentre eles, em especial, ao rei português [...] é claro que não se pode esquecer que Loyola usava astuciosamente a diplomacia, mas não se pode olvidar que ele não poderia deixar de saber que, ao se colocar a serviço de um Soberano, a este passaria a dever obediência. A proteção dos soberanos era importante, inclusive, na

rede de comunicações e de poder que se estabelecia em torno do trono papal [...] Loyola parece querer juntar duas coisas numa só: a valorização do neoprovincial estando ligado diretamente ao Geral e a subordinação contínua e necessária à Província de Portugal.

Brandão (2013) afirma que o padroado para os jesuítas foi um conflito e amplia essa discussão remetendo-se ao conflito de nacionalidades que pairava sobre os inacianos, dando exemplos muito intrigantes, tal como o caso da negociação de Villegaignon junto aos jesuítas franceses para a instalação de um colégio no Rio de Janeiro; ou o caso do jesuíta astrônomo flamengo como agente da França na China; e ainda o caso do conflito entre jesuítas espanhóis e lusitanos na demarcação da fronteira meridional estabelecida pelo Tratado de Madri. Brandão diz que o padre e historiador jesuíta Serafim Leite “apesar de reconhecer o conflito de nacionalidades, traz uma justificativa que é conflitante com o revelado como expressão do espírito da Companhia, onde a missão evangelizadora estaria acima de interesses menores, como o patriótico”.

Miranda (2006, p.65) diz que “seria absurdo pensar que a submissão dos jesuítas à coroa portuguesa foi apenas aparente, mas a Companhia também foi capaz de pressionar e reivindicar, produzindo atritos com setores da corte ou da administração colonial quando via seus interesses em risco.”

Contudo, o que pesa nisso tudo é o quarto voto de todo jesuíta de se colocar diretamente sob a autoridade do Papa. Como aponta Signes (2013, p.02) “a extrema obediência dos Jesuítas a Igreja Católica pode ser confirmado pela declaração de Inácio de Loyola: “acredito que o branco que eu vejo é negro, se a hierarquia da Igreja assim o tiver determinado””. Isso esclarece o posicionamento do vice provincial do Maranhão na carta dirigida ao rei português, pois os padres jesuítas não se submetiam a outras ordens religiosas católicas a não ser a si mesmos, não pertenciam às hierarquias do clero regular, eram uma espécie de inteligência moderna do papa. Homens de ação que despertaram o interesse dos reis, os jesuítas foram criados pra isso, está em sua constituição. Eram as forças especiais de defesa teológica, intelectual, militar, administrativa, econômica e pedagógica do papa, agentes indissociáveis do padroado, além de instrumento de conquista, domínio e conversão. Logo, submetiam-se ao rei, mas também à disciplina, obediência e hierarquia próprias da constituição de sua Companhia.



Figura 6 - Os jesuítas se curvam somente ao papa. O Papa Paulo III entrega a Inácio de Loyola a *Regimini Militantis Ecclesiae* em 27 de setembro de 1540. Anônimo – Igreja El Gesù – Roma. Fotografia de Zeno Colantoni – 2012. Disponível em <[http://worldhistoryconnected.press.illinois.edu/10.3/forum\\_salvadore.html](http://worldhistoryconnected.press.illinois.edu/10.3/forum_salvadore.html)> Acesso em 30 Mar.2015.

Entretanto, se eram homens das forças especiais dos reis e dos papas, se eram a companhia colonizadora, civilizadora, evangelizadora e urbanizadora oficial, contra reformista, expansionista, católica e ibérica, não seria exagero validar o argumento de que eles não só representavam o padroado, mas eram o próprio padroado, porém, essas relações eram dúbias e escusas. Vale lembrar que “os inicianos enfrentaram oposição nos quatro cantos do mundo e até dentro da Igreja Católica, em que algumas ordens acusavam de padres intrigantes, inimigos da fé, usurpadores do santo nome de Jesus e desde o início das atividades, a ordem foi marcada por acusações, estranhamentos e controvérsias” (BRANCO, 2012).

Nos primeiros tempos da colonização, seguindo os protocolos do padroado, os *companheiros de Jesus* eram providos pelo rei, mesmo assim já impunham sua característica

autônoma. Porém, com o passar dos séculos, seus colégios, fazendas e residências tornaram-se independentes e autossustentáveis, sejam em recursos básicos ou em matéria prima e mão-de-obra. Era uma Companhia que parecia ter objetivos próprios e passaram a não depender mais exclusivamente nem da igreja nem do estado, e como bem observou Abreu (2000, p.188), “com o tempo tornaram-se não só um estado dentro do estado, mas uma igreja dentro da igreja.”

Eram espécies de repúblicas comuns. Segundo Ribeiro (1988, p. 59 e 170, grifo nosso):

os jesuítas viam na expansão ibérica uma missão divina que se cumpria passo a passo. Tordesilhas, nesse contexto teria sido uma visão profética de evangelização para criar uma igreja universal. Na ordem divina, pretenderam afiançar que estavam destinados a criar republicas pias e seráficas de santos homens com os índios evocando o livro dos Atos de que todos os homens devem viver unidos e com bens em comum [...] o projeto jesuítico estrutura-se com base na tradição solidária dos grupos indígenas e consolida-se com os experimentos missionários de organização comunitária, de caráter proto-socialista.

No Brasil, os jesuítas exerciam uma diplomacia e um poder militar fragmentado, eram divididos em grupos diferentes, atuavam em regiões e tribos diferentes sejam com os tupiniquins, temiminós ou tupinambás, sejam com os goitacazes, guaianases, aimorés ou puris, sejam com carijós ou com guaranis, mesmo que esses estivessem em guerras uns contra os outros por conta de alianças, invasões ou coisas mais.

Mas, após a atuação nas guerras guaraníticas (1753-56) contra tropas portuguesas e espanholas afim de salvar suas *repúblicas seráficas*, os jesuítas ficaram enfraquecidos, até serem expulsos em 1759, depois de mais de duzentos anos de hegemonia no Brasil, porque a “coroa já havia conseguido o que precisava deles, ou seja, a ação conquistadora, e agora, deveriam dar lugar aos colonos, homens práticos que assentariam a base do império português” (RIBEIRO, 1988) sem ingerências. Somado a isso vieram as ideias ilustradas que começavam a se espalhar pela Europa ameaçando fortemente acabar com o poder papal e real e a substituição do padroado pelo estado de direito laico, que levaram à supressão da Companhia em 1773, onde muitos inicianos foram presos e ingressaram em outras ordens.

Mas pasmamos novamente, no final do século XVIII encontraram refúgio no coração do inimigo, “foram para a Rússia de Catarina, a grande, czarista ortodoxa e para a Prússia do luterano Frederico Guilherme II interessados no potencial dos professores jesuítas” (VAINFAS,

2012). Ecumênicos, os jesuítas eram especialistas em penetrar e absorver outra cultura, experimentavam crenças religiosas diferentes mas sempre tendo uma ligação e semelhança com a sua. E se conseguiram inserir Cristo na religiosidade indígena, contribuir para a defesa e a sobrevivência do cristianismo no auge do Iluminismo seria menos penoso; talvez esse tenha sido um dos pontos de convergência com os ortodoxos prussianos e os luteranos do império russo<sup>16</sup>.

Entretanto, essa característica inaciana de autoridade dúbia e obscura, parece estar no âmago de seu *modus operandi*.

### 1.2.2. O quão de hispânico tem o lusitano e quão ambos tem de jesuítas

Desde a chegada de Manoel da Nobrega na Bahia, em 1549, até a expulsão entre meados do século XVIII, a Companhia de Jesus detinha o domínio e hegemonia no continente. Conheciam áreas espanholas e portuguesas. Corrobora Torres (2014) dizendo que:

o acesso a partir da costa vicentina ao Paraguai corresponde a um caminho pré-cabralino que ficou conhecido como Peabiru. Sérgio Buarque de Holanda considerou o caminho de Peabiru depois que leu as cartas de Nóbrega de que São Paulo oferecia estrategicamente a porta de entrada para o sertão. O jesuíta Ulrico Schimidel percorreu esse caminho de Assunción a São Vicente em 1553.

Esse caminho era uma rota indígena que transpassava todo o continente, e que os jesuítas conheciam. Assim, mapearam a América.

Um mapa pertencente aos jesuítas da coroa espanhola intitulado *Paraguay ó Província de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra*, de 1630, que encontramos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN) comprova a soberania jesuítica no trópico de Capricórnio.

---

<sup>16</sup>No entanto, dadas as evidências que caracteriza as dubiedades e as obscuridades inacianas, poderiam até mesmo terem sido enviados secretamente aos protestantes, ou como negociadores pelo papa, mas isso já são conjecturas.

Dominavam os oceanos Atlântico e Pacífico, os rios portugueses e espanhóis, verdadeiras estradas que ligavam São Paulo sentido atual Mato Grosso do Sul e Paraná e desembocavam no rio Paraná, Uruguai e rio da Prata.

Esse mapa também evidencia os rios Paraguai, Uruguai e da Prata como divisores das cidades-reduções jesuíticas no sul do continente. Ao mapear a antiga área conhecida hoje como o Paraguai, os cartógrafos jesuítas tomavam como referências seus colégios e propriedades, sejam em áreas espanholas ou portuguesas, desde a Cordilheira dos Andes até o Planalto Piratininga em São Paulo. Tinham o privilégio de conhecer uma totalidade de terras que as coroas ibéricas não conheciam. Portugal conhecia suas terras por cartógrafos jesuítas, mas não conheciam terras espanholas e francesas que cartógrafos jesuítas a serviço dessas coroas conheciam. Ora, o leitor deve estar se perguntando: então a Companhia de Jesus servia a dois senhores? Isso mesmo! Ou mais! Além de Portugal e Espanha, também serviam França, Itália e por aí vai; mas só tinham fidelidade e lealdade a si mesmos, a seu general e ao papa.



Figura 7 - Paraguay ó Província de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra – 1630. In: O Compasso e a cruz [CD-ROM]: cartografia Jesuítica da América Colonial. Reprodução de (BARCELOS, 2006). Cartografia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Essas dubiedades vão além da conquista do continente, conseqüentemente das relações com as monarquias ibéricas; elas estão presentes também no plano do simbólico.

### *1.2.3. A águia bicéfala, espanhola, lusitana e jesuíta*

O significado da águia bicéfala no Brasil colonial encontra-se hoje em discussão na historiografia. Os clássicos como Germain Bazin (1983), Robert Smith (1953), Lucio Costa (1941) e os contemporâneos como Benedito Lima de Toledo (2012), Eduardo Kneese de Mello (1973) e Jaelson Bitran Trindade (2001) tem posições semelhantes e antagônicas sobre o que ela representa. Para Costa, Smith, Toledo e Mello, significa a águia dos Habsburgos e dos Filipes. Embora não atribuindo diretamente o significado a águia dos Filipes, mas aos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, Bazin parece ter a mesma opinião de Costa quando afirma que era “um simples motivo ornamental”. Já Trindade refuta todas as teses; diz ser a devoção a Virgem do Rosário, incorporada pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII e que curiosamente foi um dos nomes mais usados em suas edificações no Brasil.

Custódio (2002), em seu prólogo sobre o estudo da tipologia urbana missioneira da redução de São Miguel Arcanjo, narra seu diálogo com o diretor do Arquivo Geral de Simancas, sobre a semelhança da águia bicéfala que encontrou no castelo espanhol e a da torre da igreja de São Miguel das Missões. O diretor do Arquivo de Simancas lhe deu o seguinte significado: “Carlos V. Lei das Índias”, a mesma opinião de Smith, Costa, Toledo e Mello. O diretor parece inferir que a atual cidade a noroeste do estado brasileiro do Rio Grande do Sul foi fundada pela coroa espanhola, e que só se tornaria lusitana após o Tratado de Madrid (1750).

Mas a águia bicéfala também existia na América lusitana, a exemplo da esculpida em madeira no retábulo jesuítico da capela de Santo Antônio em São Roque (SP), daí a origem da refutação por parte de Trindade. Como pode representar a coroa espanhola sendo em terras portuguesas? Trindade posiciona que era símbolo do poder papal, presente tanto no Ocidente quanto no Oriente. Para Mello representa a monarquia absolutista do espanhol Carlos V trazido aos confins do Brasil durante o período da União Ibérica (1580 - 1640), em que o rei de Espanha governava com duas cabeças, ou melhor, duas coroas.

Uma coisa podemos dar como certa, a águia bicéfala no púlpito era um recado visual aos fiéis, de que, naquele momento, as palavras do orador da missa representavam as virtudes do papa (representante da Virgem Maria na terra) ou dos reis da Espanha. Para nós, o que importa é que o signo da águia bicéfala converge às culturas hispano-lusitana via jesuítas. A propósito, os inicianos daqueles tempos se assemelhavam muito com a águia bicéfala, pois essas *autoridades obscuras*, eram dúbias, rapineiras, tinham duas ou mais cabeças e serviam às duas coroas.



Figura 8 - Detalhe da águia bicéfala esculpida no púlpito da Capela de Santo Antônio – São Roque – SP – Fotografia de Rogerio Entringer – 2012

Mas para entender a relação dúbida entre os jesuítas e as coroas ibéricas, é preciso levar em consideração que as origens históricas de Espanha e Portugal estão interlaçadas. A saber, a Reconquista cristã na Península Ibérica, pondo fim a ocupação árabe que perdurou por séculos, originou os reinos de Leão, Castela, Navarra e Aragão. Do acordo nupcial entre Fernando, herdeiro da coroa de Aragão, com Isabel, irmã do rei de Leão e Castela formou-se a Espanha. Afonso VI, que governava os reinos de Leão e Castela, concedeu a Henrique de Borgonha, como recompensa por seus feitos nas guerras de reconquista, terras denominadas Porto Cale, ou Condado Portucalense. Em 1139, Afonso Henriques, o filho de Henrique, rompe com o reino de Castela e proclama-se rei das terras de seu pai, expandindo seus domínios ao sul, dando origem a Portugal. É preciso levar em consideração também que os jesuítas tiveram um papel

importante no desenvolvimento do estado português, conforme já demonstramos acima, e também no estado espanhol moderno, tal como a defesa e a articulação com monarquias, intervenções políticas, estratégias militares e até sua identidade espanhola (SÁNCHEZ, 2008).

É evidente que essa mescla cultural entre Portugal e Espanha se refletiria no continente sul americano e no Brasil. Portugal e Espanha eram as primeiras nações colonizadoras, duas potências imperialistas e militares. No entanto, o que surpreende é que essa mescla cultural ibérica se convergiria por meio da *Societas Iesu*. Bingemer (2007) diz que os jesuítas “tinham imbricação internacional [...] e que atuaram na formação da nacionalidade brasileira e latino-americana”. Dos fundadores da Companhia de Jesus quatro eram espanhóis, Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Alfonso Salmeron, Diego Laynez e Nicolau Bobedilla; e entre os primeiros jesuítas no Brasil, dois também eram espanhóis, João de Azpilcueta Navarro e José de Anchieta. Logo, isso significa que na América colonial, consequentemente no Brasil, o lusitano tinha muito do hispânico e vice-versa, e ambos tinham muito dos dúbios jesuítas.

### 1.3. Uma cruz moderna, científica e geométrica: Loyola e os jesuítas

A cruz dos jesuítas é moderna. A começar que a Companhia não era uma *Ordem* no sentido medieval, mas sim uma *Congregação*<sup>17</sup>, uma *Agremiação* e situada na querela entre o final dos tempos medievais e o delineamento da modernidade. Mas antes, é preciso pensar a modernidade à luz da Idade Média, porque entre os séculos XI e XIII ocorreram grandes transformações, como o crescimento da população, as diversificações das atividades econômicas e o comércio de longa distância, as cruzadas que davam uma característica de mobilidade, o florescimento de cidades e os primeiros passos do capitalismo mercantil, a arquitetura dos mosteiros cistercienses onde a linha reta encontrou sua função. Foi na Idade Média que apareceu uma nova forma de contar o tempo, e que revolucionaria os tempos que viriam.

---

<sup>17</sup> *Ordem* religiosa está relacionado mais ao mundo medieval, e *Congregação* a modernidade. Devemos essa observação ao professor Marcelo Suzuki deste Instituto (IAU-USP) em nossa banca de qualificação.

Não mais o tempo das passagens do ano, do ciclo agrícola e do sino da igreja, mas agora um tempo que, segundo Le Goff (1992.p.194-5), “era dos artesãos e operários assalariados cujo trabalho médio em dinheiro deve sê-lo também em tempo, um tempo não mais natural, porém, tecnológico, dos mercadores e do relógio.”

Oliveira (1988, p.18) diz que “o espírito da Companhia de Jesus é decorrência da transformação econômica entre o final da Idade Média e o nascimento da burguesia mercantil renascentista”. Segundo Massimi (2001):

os jesuítas realizaram uma síntese entre o pensamento medieval e o novo espírito renascentista, dando ênfase na visão do homem fazedor de si mesmo, revisitando o pensamento clássico. Conhecer-se a si mesmo, para tornar-se dono de si e da realidade ao redor, conhecer-se para refazer-se. O saber jesuítico, em seu tempo, opera no que diz respeito à psicologia filosófica de tradição aristotélico-tomista, à luz dos problemas contemporâneos e, sobretudo, da revolução produzida no âmbito do conhecimento pela descoberta de novos mundos, de novos homens, novos povos e formas sociais. Trata-se de um conhecimento do ser humano e de sua dinâmica psicológica visando à adaptação deste ao contexto social de inserção. A necessidade de um conhecimento visando à modificação do objeto para alcançar determinados objetivos é característica da modernidade.

Corroborando Toledo e Jr (2011, grifo nosso) dizendo que:

Loyola se convenceu de que os procedimentos e métodos que desenvolvera, a fim de potencializar sua capacidade de interiorização, possuíam valor universal. O exame de consciência trouxe um novo elemento para a história, ou seja, o registro metódico de informações acerca do indivíduo. Esse procedimento é marcadamente característico da racionalidade moderna e traria contribuições para a constituição do conceito de autonomia individual [...] Assim, os Exercícios Espirituais como a *Ratio Studiorum*, já traziam indícios da demanda histórica por um novo tipo de homem. Era a Modernidade que se iniciava.

E entender essa *companhia* moderna, é preciso saber quem foi seu idealizador e fundador, Íñigo López de Loyola (Azpeitia, 1491 - Roma, 1556), posteriormente conhecido como Ignácio de Loyola, o mesmo que a igreja intitula de Santo Inácio, pois o *modus operandi* jesuítico se deve a trajetória de vida e das experiências individuais dele.

Íñigo era o filho caçula de Beltrão Ibáñez de Oñaz e de Marina Sánchez de Licona, uma nobre, violenta e poderosa família basca. Sua mãe morreu quando ainda era precoce. Durante a infância vivia num vale paradisíaco na casa-torre dos López Loyola. Era baixinho e encrenqueiro, seu pai morreu quando tinha dezesseis anos e logo partiu para o palácio real de Arévalo, onde viveria com a família do ministro do tesouro real Juan Velázquez de Cuéllar, casado com Dona Maria de Velasco, parente dos Loyolas. Lá passou os anos da sua juventude (1506-1517) e se fez homem no meio do luxo, da vaidade, das intrigas e das mulheres da corte do Rei de Espanha (CEGOÑA, 2013).

Mas em 1516 morreu o rei Fernando, seu neto e sucessor Carlos I (o futuro Imperador Carlos V) decretou que, a título de pensão, fosse dada à rainha viúva Germana de Foix, a vila de Arévalo e outras três cidades de Castela. Dom Juan Velázquez de Cuéllar não aceitou tal decisão e ele, que fora contador maior e testamentário dos reis, se viu caído em desgraça e morreu pouco depois. Assim, o jovem Loyola teve que buscar melhor sorte em outro lugar. Em 1517, foi recebido como gentil-homem na corte do Duque de Nájera, Dom Antônio Manrique de Lara, que residia em Pamplona como Vice-rei de Navarra. Loyola passou a ser homem de confiança, diplomático e militar às ordens do novo chefe (BOTERO, s/d).

Navarra era um reino independente e a partir de então passa a ser incorporada a Castela e governada por um Vice-rei. Mas existia uma facção que ansiava por voltar à autonomia. Assim, o rei da França, Francisco I, decidiu apoiar esses anseios e enviou um exército de 13.000 homens para tomar Pamplona. Enquanto o Vice-rei procurava reforços em Castela, os franceses entraram na cidade, dividida em duas facções. Era a Batalha de Pamplona de 1521 e Loyola estava entrincheirado com a companhia de defesa da fortaleza de Santiago, um punhado de homens, disposto a resistir até o fim. No dia 24 de maio, uma bala de canhão passou pelo meio de suas pernas, destroçando a direita e ferindo a esquerda. A fortaleza caiu em poder do inimigo. Íñigo foi tratado com fidalguia pelos franceses e conduzido para Loyola, uns 30 quilômetros, em maca (BOTERO, s/d).

Loyola renasce da condição de quase morto e passa um tempo inválido no castelo de seu pai em Azpeitia. Atingido numa região do corpo que o impossibilitava para sempre satisfazer seus prazeres mundanos e curado das feridas da guerra de Pamplona, retirou-se a Manresa, pequena localidade da terra catalã, para confrontar toda sua vida passada com a palavra de Deus. Precisava fazer isso, passar por essa experiência durante quase nove meses. Foi um segundo nascimento. Sem o saber, iniciara os Exercícios Espirituais, marca registrada

da sua espiritualidade. Esses exercícios são uma autobiografia pedagógica, salvificamente escrita; *modo e ordem* que cada um tem de sentir e saborear a descoberta do sentido da história própria (CEGOÑA, 2013).

Os exercícios espirituais é uma forma de ordenação da vida. Segundo Fernandes (1993, p.13) é a reconstrução “do homem a partir do seu interior, os Exercícios Espirituais modelam o Homem Novo, abrindo-lhe as portas de um novo mundo, onde é permitido ousar sem aniquilar o ser”. Exames de consciência e meditação para descobrir a vontade de deus a partir de seu interior, do seu processo de interiorização, buscar o deus que existe em você, ou, por meio do autoconhecimento que se chega a deus. Levar o homem a *perfeição*, pois só sendo perfeito poderia chegar ao alcance de deus. Os exercícios espirituais conduz a tornar o indivíduo guia e senhor de sua própria conduta. O homem está em desordem e precisa se ordenar para encontrar com deus. Retoma o aristotélico-tomismo de que a vontade e o desejo depende da razão. Achar a vontade de deus ordenando por ela a própria vida. O domínio da razão sobre as desordens das emoções (COUTO, 2009).

A partir de então, ele entra em conflito com os valores, renega toda a vida passada, faz voto de pobreza, castidade, mendicância, penitências e substitui a vida nobre material pela vida espiritual. Contam seus biógrafos que em 1523, partiu para Barcelona e de lá para Roma, onde solicitaria a autorização do papa para realizar seu até então sonho de conhecer os arredores da terra santa. Partiu para Jerusalém onde foi recebido pelos franciscanos, seu desejo era ficar, mais foi enviado de volta por motivos políticos e militares na região. Embarcou para Veneza em 1524 de onde seguiu para Barcelona novamente.

Decidiu que deveria estudar, pois só assim conseguiria respaldo e sucesso na prática da nova vida escolhida. Em seguida entra para a Universidade de Alcalá, onde foi preso por suas práticas e meditações religiosas nada convencionais, no entanto, é logo libertado por não haver anormalidades. De lá, seguiu para a Universidade de Salamanca, onde novamente foi preso pelo Santo Ofício por conta de seu alto conhecimento teológico sem pouca instrução para isso, e acima de tudo para averiguar o que havia no conteúdo dos relatos de suas experiências nos seus Exercícios Espirituais, mas foi novamente absolvido.

Em 1528 é contagiado pelo universo escolástico e pelo *modus parisiensis* quando ingressa na Universidade de Paris. Em 1533 obtém a licença docente. Em 1534 tornou-se mestre em artes e tinha seis seguidores – o francês Pedro Fabro, o único sacerdote do grupo; os espanhóis Francisco Xavier, Alfonso Salmeron, Diego Laynez e Nicolau Bobedilla e o

português Simão Rodrigues. Em 15 de agosto desse mesmo ano fundaram a Companhia de Jesus na capela cripta de Saint-Denis, na Igreja de Santa Maria, em Montmartre, Paris, França, jurando mendicância, castidade, trabalho missionário, hospitalário, indo onde for preciso e prestando obediência apenas ao papa. Usavam trajes pretos e um crucifixo pendurado no pescoço, eram austeros e sóbrios e não eram todos os dias em que o banho era frequente.

Ainda em 1528, Loyola, na companhia de Fabro e Lainez, viajou até Roma para colocar-se à disposição do papa. Tiro certo: veio a aprovação verbal em 03 de setembro de 1539. A congregação de cardiais deu um parecer positivo à constituição apresentada, e em 27 de Setembro de 1540, o Papa Paulo III confirmou a companhia através da *Bula Regimini militantis Ecclesiae*, a princípio com um número de membros limitado a sessenta, no entanto, esta limitação foi posteriormente abolida pela *Bula Injunctum nobis* de 14 de Março de 1543.

Entre 1539 e 1540, Loyola trabalhou na elaboração das Constituições da Companhia, que seria o código de regras, disciplina, ordem e obediência dos jesuítas. Em 1548, foram impressos os Exercícios Espirituais, inspecionados cuidadosamente pela Inquisição Romana, tendo sido, contudo, autorizados. Loyola apesar das honrarias viveu uma vida simples, austera e sóbria, sofreu muito com as pernas e a saúde, morreu em Roma em 31 de julho de 1556. Nesta data, os jesuítas eram aproximadamente 1000, espalhados em 110 casas e 13 províncias. Eram 35 colégios em funcionamento e mais cinco aprovados (POLLEN, 1913), alguns deles no Brasil<sup>18</sup>.

Responsáveis diretos para o advento da igreja na modernidade, após a morte de Loyola, os jesuítas em 1599 demandam um implacável programa de regras, um código prático de leis pedagógicas composto de ordem, disciplina, responsabilidade individual e hierarquia: era a *Ratio Studiorum*, instrumento poderosíssimo que lhes rendeu um vasto domínio pelo mundo. A *Ratio* (razão), era uma mistura dos Exercícios Espirituais, do *modus parisiense* que Loyola incorporou dos tempos da Universidade de Paris com as influências dos clássicos da antiguidade que estavam sendo evocadas tanto pelos renascentistas quanto pelas Constituições da Companhia.

---

<sup>18</sup> Como os Colégios de Salvador, Porto Seguro, Ilhéus (BA), São Vicente, Itanhaém, Cananéia (SP) entre 1549 e 1550, Olinda (PE) em 1550, Reis Magos (atual Serra, ES) e Reritiba (atual Anchieta, ES) em 1551, Laguna (SC) em 1553, São Paulo (SP) em 1554 e no Rio de Janeiro (RJ) em 1560.

Assim, a organização dos jesuítas era fundada na regra, na ordem, na obediência e na perfeição, bases de sua racionalidade. Segundo Ferreira Jr e Bittar (2012, p. 693):

os colégios eram verdadeiros lócus irradiadores da tradição humanística greco-romana cristianizada pela Igreja católica ao longo da Idade Média. Esse processo teve início no século IV, com a patrística neoplatônica, e finalizou-se nos séculos XI-XII, com o tomismo aristotélico. Para tanto, a Companhia de Jesus prescreveu no *Ratio Studiorum*, durante quase cinquenta anos de elaboração (1551-1599), os conteúdos das humanidades latinas.

Os colégios se dividiam por graus e afinidades, formavam uma diversidade de especialistas em diversas áreas, tais como Geologia, Astronomia, Artes, Teologia, Filosofia, Direito, Letras, etc. O trabalho nos colégios também não escapava dessa divisão, haviam os cozinheiros, os engenheiros, os arquitetos, os médicos, os metalúrgicos, os professores, os fundadores de cidades, os militares, entre outros. Percebe-se aí uma experimentação desse novo tempo regrado, disciplinado, racionalizado, geometrizado e científico.

Segundo São Bento (2013, p.01 e 02, grifo nosso):

a contribuição dos inicianos para a renovação da ciência na Idade Moderna, através de observações e medições, por exemplo, em astronomia e geografia, com os estudos cartográficos é inegável [...] Nomes para exemplo da inclinação dos jesuítas para os estudos científicos não faltam. Entre os mais conhecidos está o alemão Cristóvão Clavius, astrônomo e matemático que teve entre seus principais feitos publicações sobre o eclipse anular do sol em 1567 e a substituição do calendário juliano, que estava defasado em 10 dias, pelo calendário gregoriano. O mesmo se pode dizer de Rudjer Bosovich, nascido em Dubrovnick, atuante nas mais diversas áreas do saber científico. Incluem-se entre seus trabalhos o cálculo do diâmetro do Sol, a observação do trânsito de Mercúrio nos anos de 1736 e 1748 e a supervisão da observação de um eclipse solar no Colégio Romano [...] O historiador Jonathan Wright em capítulo que versa sobre a ciência jesuíta assinalou que no século XVIII: Os jesuítas contribuíram para o desenvolvimento do relógio de pêndulo, dos pantógrafos, barômetros, telescópios e microscópios refletores e para o desenvolvimento de campos científicos tão variados quanto o magnetismo, a ótica e a eletricidade. Observaram, em alguns casos antes de qualquer pessoa, os anéis coloridos na superfície de Júpiter, a nebulosa de Andrômeda e os anéis de Saturno. Teorizaram sobre a maneira como a lua afetava as marés e da natureza ondulatória da luz. Mapas estelares do hemisfério Sul.

Corroborar Vargas (2001, p.23 e 24) dizendo que:

a atividade científica dos jesuítas, nos tempos coloniais, está patente na Missão dos Padres Matemáticos que veio ao Brasil em 1729, com a incumbência de elaborar mapas baseados na determinação exata das coordenadas geográficas. Compunha-se a missão Domingos Capacci (1694-1736) e Diogo Soares. Capacci morreu em São Paulo; Diogo Soares, porém, continuou os trabalhos até sua morte, em 1748. Seus trabalhos, entre outros, consistiram numa tabela das latitudes dos principais portos, cabos e ilhas do Mar do Sul na América austral e portuguesa; no Mapa topográfico do porto do Rio de Janeiro; na Carta da costa do Brasil referida ao meridiano do Rio de Janeiro, desde a Barra da Marambaya até Cabo Frio. O padre Capacci esteve ainda na Colônia do Sacramento e no Rio Grande do Sul, em sua missão cartográfica. Em 1753, veio ao Brasil outro jesuíta: Ignácio Szentmartonyi, na qualidade de “astrônomo régio”. Agora já se tratava de demarcações de fronteiras entre o Brasil e as colônias espanholas, em decorrência do Tratado de Madrid (1750).

De acordo com Miranda (2001, p.108) “os elementos de Euclides, a astronomia de Ptolomeu e a cartografia, no campo das ciências, são exemplos de que o saber humanístico dos padres jesuítas não desprezava o saber técnico e científico”. Excelentes geógrafos, cartógrafos, profundos conhecedores de astronomia e exímios arquitetos, os jesuítas utilizaram o símbolo da cruz também para a construção, edificação e localização de sua arquitetura. A descrição do arquiteto jesuíta Francisco Dias do colégio construído na Bahia, mostra que, por motivos de intempéries ou pelas práticas dos Exercícios Espirituais, a cruz dos pontos cardiais e das coordenadas geográficas (Norte, Sul, Leste e Oeste) orientavam as construções. Ele diz que:

o claustro e o quarto da parte de Leste, fica a igreja e a sacristia; [...] o outro quarto da parte do Sul tem por cima a capela e enfermaria, por baixo despensa e adega. O quarto da parte do Poente tem 19 câmaras: nove por cima e por debaixo dez com as janelas grandes que fazem cruz nos corredores. O quarto da parte de Nordeste tem sete câmaras por cima e seis por debaixo (COSTA, 1941, p.131).

Em São Pedro da Aldeia, município vizinho a Cabo Frio (RJ), os jesuítas construíram a igreja em 1723, em que a cruz e o campanário estão alinhados às estrelas do cruzeiro do sul, como revela o enquadramento grande angular em contra-plongée e o tempo de exposição lento na realização da fotografia constante da Fig. 9.

Essa tipologia vem dos romanos que construíam suas edificações orientados pela cruz dos pontos cardiais e das estrelas. Logo, os jesuítas tinham como referência os romanos, isso simboliza uma volta aos norteamentos do cristianismo primitivo e de sua origem sincrética com o paganismo. Há um tipo, um signo usado em tempos históricos diferentes, pois assim como os primeiros cristãos, que mesmo sofrendo perseguições e ameaças de extinção, defendiam sua fé com martírio, os jesuítas também sofriam perseguições. A igreja era fortemente ameaçada pela reforma protestante e o sincretismo com o paganismo dos índios seria necessário para a sobrevivência do catolicismo romano.

Logo, a cruz é a marca dos jesuítas e tem significados diversos. É um símbolo da universalidade. Simboliza uma forma, que pode ser a de uma arma, uma execução, ou uma propaganda de estado para ordem, regra e controle social. Significa o sincretismo entre os cultos à vida e à natureza do paganismo romano com a vida eterna dos cristãos. Representa o poder da Igreja Católica Apostólica Romana, pois os jesuítas utilizaram a cruz para propagandear, tal como os romanos. Simbolizou a Ordem de Cristo, a formação dos estados nacionais de Portugal e Espanha bem como a península ibérica moderna, a formação do continente americano e as dubiedades do padroado. Simboliza os Exercícios Espirituais, as Constituições Inacianas, a *Ratio Studiorum*. Simboliza a ciência, a astronomia e a geografia, simboliza a geometria que gera ordem e equilíbrio no traçado ou nas estruturas de sua arquitetura.

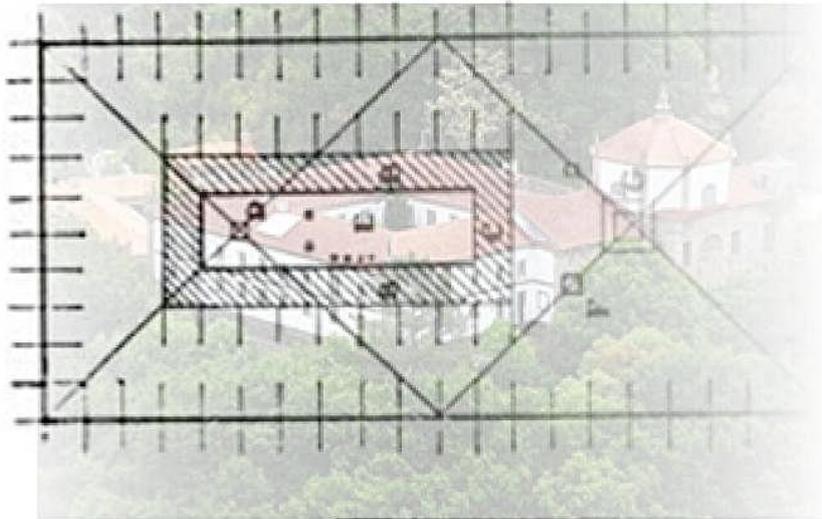
E é dessa cruz cristã moderna e geométrica aplicada à arquitetura, desde sua concepção, passando pelo espaço, fachadas e elementos, como meio de conquista, domínio e conversão que trataremos nos capítulos a seguir.



Figura 9 - O Campanário, a cruz e o cruzeiro do sul - Igreja de São Pedro da Aldeia (RJ), 1723 – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



## CAPÍTULO 2 – A CRUZ E A QUADRA COMO TRAÇADO REGULADOR NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA: TIPOLOGIAS



Sobreposição do desenho do templo primitivo de Le Corbusier na fotografia do Mosteiro Cisterciense São Cristóvão de Lafões, Portugal. Arte de Rogério Entringer.

“Os traçados reguladores: nascimento fatal da arquitetura.”

Le Corbusier (1887-1965)

## 2.1. A cruz e a quadra no templo primitivo

Em arquitetura, a cruz é uma concepção, um elemento ou traçado formado em geral por dois braços que se encontram em ângulo reto (ALBERNAZ e LIMA, 1988, p.191). Portanto, da ligação entre o meio ponto de cada linha do quadrado ou de um retângulo, temos uma *cruz grega*; e da ligação entre as extremidades de um quadrado temos uma *cruz em X* (figura 10), logo, um espaço arquitetônico quadrado ou retangular é geométrico e oriundo do traço em cruz. E se os traçados reguladores são originários de figuras geométricas, logo a cruz, o quadrado e o retângulo são traçados reguladores.



Figura 10 – Da ligação entre as extremidades de um quadrado temos uma *cruz em X* e ou a cruz da Ordem de Cristo – Detalhe da porta almofadada dupla da Igreja jesuítica de Embu, SP.

A quadra é aqui entendida como um pátio interno, um espaço descoberto, cercado por muros ou paredes, que tem a função de receber e distribuir luz e ar a alguns compartimentos localizados internamente (ALBERNAZ e LIMA, 1988, p.524); mas também como sendo um partido arquitetônico que dispõe vários corpos da construção em quadra, formando-se assim um ou mais pátios.

Assim, nesse capítulo demonstraremos como a quadra, o *Peristylum*, o claustro e o pátio, figuras geométricas retangulares e quadrangulares, resultados de traçados reguladores,

foram usados ao longo da história e que posteriormente foram resgatados pela Companhia de Jesus.

Le Corbusier (2002, p.41 a 44, grifo nosso) quando fala dos traçados reguladores, volta aos primórdios (figura 11), ao tempo primitivo da cabana e a da arquitetura greco-romana. Quando apresenta o templo primitivo, diz que:

O traçado regulador é a obrigação da ordem e uma garantia contra o arbitrário [...] é um meio e não uma receita [...] é para construir bem, repartir os esforços, para solidez e utilidade, condicionar o todo [...] o homem primitivo [...] o caminho retilíneo [...] ao decidir dar forma a cabana ou ao seu templo ele seguiu por instinto os ângulos retos, o quadrado, porque são geometrias que nosso olho mede e reconhece [...] retificam, corrigem, aperfeiçoam, harmonizam, porque entorno dele a floresta está em desordem [...] a geometria é a linguagem do homem [...] é o mesmo espírito que encontramos na casa de Pompéia [...].

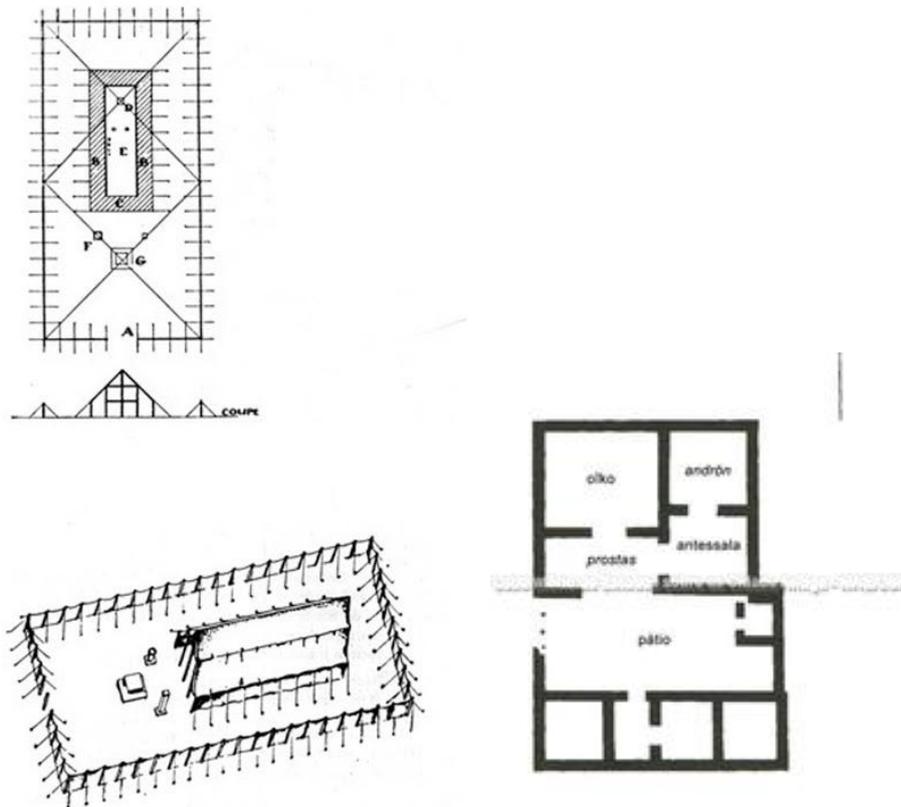


Figura 11 - Da esquerda para a direita: O templo Primitivo. Reprodução de LE CORBUSIER (2002); e Modelo típico da casa grega. Reprodução - Disponível em <<https://labeca.mae.usp.br/en/city/67/>> Acesso em 30 Mar.2015

Tomemos como exemplo o Zigurate de Ur (figura 12), na Mesopotâmia (2100 a.C.), atual Iraque, e veremos que o traço retangular é ordenador, ele é constituído de retângulos

encimando retângulos de forma proporcional. Outro exemplo seria o antigo palácio assírio Khorsabad (720 a.C.) cujos pátios com seus traçados quadrados e retangulares já são presentes (figura 13). Ambos resultam de um traço regulador de uma *cruz grega* e ou *em X* conhecida também como *cruz de Santo André*.

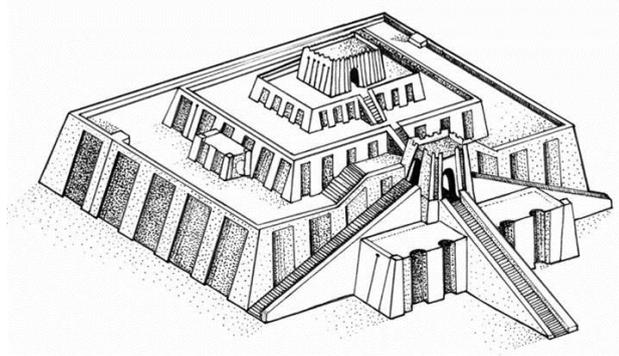


Figura 12 - O Zigurate de Ur - Mesopotâmia (2100 a.C.) - Iraque. Reprodução de FAZIO; MOFFETT; LAWRENCE (2011).

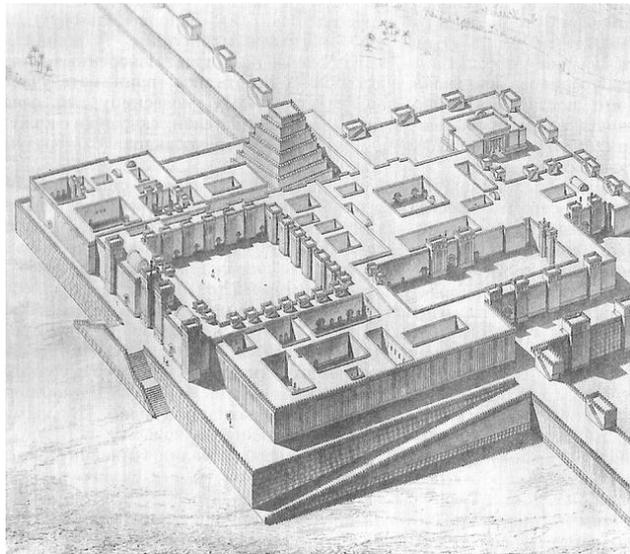


Figura 13 – Palácio de Khorsabad (720 a.C.) - Iraque. Reprodução de FAZIO; MOFFETT; LAWRENCE (2011).

Logo, Le Corbusier (2002, p.41) tinha razão quando afirmava que “os traçados reguladores fazem parte do nascimento fatal da arquitetura”, porque a acompanha desde o seus primórdios.

## 2.2. A cruz e a quadra no *Peristylum* grego e romano

Razão, regra, geometria e funcionalidade são as marcas da arquitetura clássica. O traçado regulador é evocado para ordenar, construir com proporcionalidade, dimensão, utilidade e harmonia. O *peristylum* é o “pátio grego, antecedente do átrio e do *peristylum* romano, era considerado como o espaço fundamental da habitação e uma característica comum em todos era a presença de um altar” (REIS-ALVES, 2005), ou seja, era o centro do espaço religioso. Nasceu do quadrado e do retângulo, logo da cruz. Os romanos o concebiam como um espaço social por excelência (figuras 14 e 15). Era usado na distribuição de circulação e como um espaço de sociabilidade, contemplação do céu e da natureza, ou mesmo captação de água das chuvas.

Assim, o *peristylum* era parte do sincretismo entre os romanos e os cristãos, estando presente na arquitetura dos primórdios do cristianismo, que ainda não tinha uma característica própria, perdia-se na domus, ou seja, os primeiros cristãos reuniam-se para suas celebrações na cruz do quadrado e ou do retângulo da arquitetura romana. Uma espécie de igreja residencial, conhecida como casa da assembleia ou a *domus Ecclesiae*.



Figura 14 - Fotografia de casa romana nas ruínas em Conímbriga – Museu Monográfico de Conímbriga – Portugal. Reprodução disponível em <[www.conimbriga.pt](http://www.conimbriga.pt)> Acesso em 30 Mar.2015



Figura 15 – Fotografia do *peristylum* de uma casa romana – sec.II A.C - Kos – Grécia. Reprodução. Disponível em <[www.fotothing.com](http://www.fotothing.com)> Acesso em 30 Mar.2015

### 2.3. A cruz e a quadra no pátio da mesquita árabe

Aproximadamente entre os anos de 600 e 632, a Casa de Maomé, considerada a primeira mesquita, já possuía pátio com alpendres e era alinhada à cruz dos pontos cardiais e das coordenadas geográficas, sendo Jerusalém ao norte e Meca ao sul. O pátio também é presente nos palácios e nas casas de habitação dos árabes muçulmanos.

As mesquitas mais importantes da cultura religiosa islâmica foram originadas de figuras geométricas, de traçados reguladores, muitas vezes, quadrados, ou retangulares e do traço em cruz nascia o pátio que ocupava o seu centro, tudo muito sóbrio, austero, geométrico, com ordem, proporção, regra e harmonia (figura 16). O pátio árabe tem influência dos helênicos, dos asiáticos e dos romanos e era considerado o centro do mundo, a representação do jardim do Éden e do paraíso (REIS-ALVES, 2005).

O judaísmo e o cristianismo já eram presentes quando nasce o islamismo. Foi o tempo das cruzadas e o ocidente vivia sua Idade Média. Em 711, os muçulmanos conquistam a Espanha, e entre 755 e 883 dominam toda península ibérica, de onde só foram expulsos definitivamente em 1492 com a reconquista de Granada. Logo, há uma mistura entre a geometria cristã e a geometria muçulmana na formação tanto da arquitetura quanto das cidades ibéricas. Portugal e Espanha tem em suas raízes esse sincretismo e a arquitetura mudéjar entre os séculos XII e XVI é exemplo disso. E fundada majoritariamente por ibéricos, a Companhia

de Jesus nasce ainda presa a querela medieval, carregando esse sincretismo, seja por tradição, ou aculturação e inculturação como estratégia de conquista, domínio e conversão, a princípio dos muçulmanos, não dos ameríndios. Costa (2007, p.101) corrobora com isso dizendo que a Companhia de Jesus:

tinha como finalidade inicial os trabalhos de conversão que seriam realizados em Jerusalém, objetivando retomar, numa espécie de nova cruzada, agora sem armas, a Cidade Santa para as hostes cristãs. Como esse empreendimento não resultou possível, dado ao fechamento dos portos e da navegação no Mar Mediterrâneo, os jesuítas acabaram por se colocar a serviço da Coroa portuguesa para, num primeiro momento, realizar a evangelização nas Índias.

Logo, entender o funcionamento da arquitetura islâmica, era essencial, tal como fizeram com a arquitetura dos ameríndios. Tanto os espanhóis, os portugueses ou os inicianos portugueses e espanhóis herdaram dos árabes muçulmanos, além da capacidade de adaptação, os muxarabis, as taipas de pilão, as paredes caiadas, as telhas de barro e a cruz de suas quadras não seria diferente.

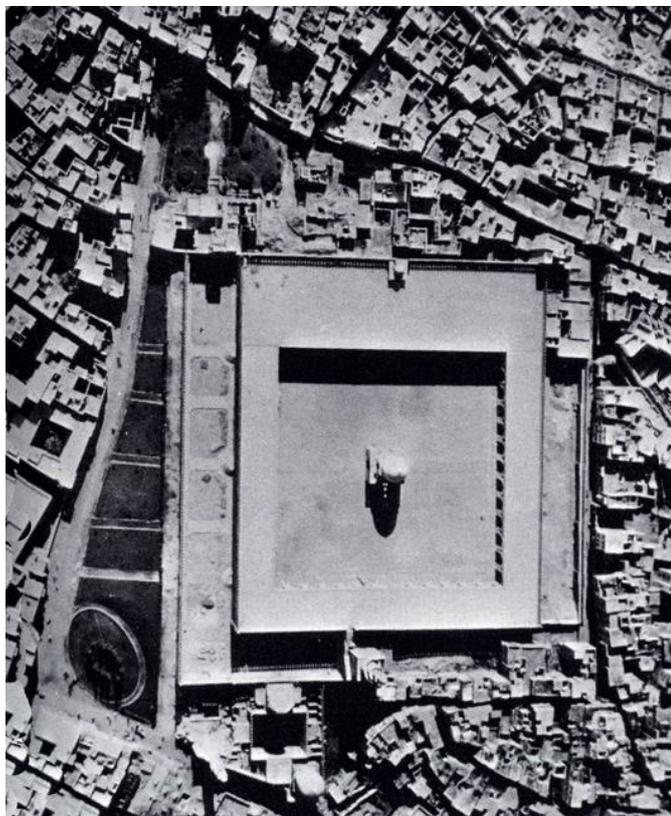


Figura 16: Mesquita de Ibn Tulun, Cairo, Egito (876-879). Vista aérea. Reprodução Disponível em <<http://otraarquitecturaesposible.blogspot.com.br/2011/05/elementos-primarios-de-la-arquitectura.html>> Acesso em 30 Abr.2015.

## 2.4. A cruz e a quadra no claustro medieval

Durante a Idade Média, ou seja, o período de cristianização da Europa, do quadrado e do retângulo, logo, da cruz, também nasce o claustro medieval. Um pátio interior descoberto e geralmente rodeado de arcadas ou pilares como no *peristylum* clássico e na mesquita muçulmana, mas nos conventos, mosteiros e abadias. Najjar, (2011, pp. 88 e 90), traz um significado do claustro:

por volta do século XII, se observa a presença dos claustros nos mosteiros, cujas principais partes eram a igreja (local de orações comunitárias), o refeitório (onde, além de serem feitas as refeições ou a reposição das forças vitais, é, sobretudo, onde se medita e lê). O claustro, em função da sua importância e complexidade de significados, merece maior atenção. Ele é um microcosmo, também é um espaço sagrado com planta quadrangular, seguindo a representação de um dos símbolos primordiais. Suas colunas e seus respectivos capiteis apresentam uma série de elementos que tem o papel de comunicar significados e simbolismos. O claustro, com a ordenação simétrica das construções regulares em torno da igreja, é o coração da comunidade. Cada um dos quatro lados do claustro tem um significado próprio: o desprezo de si mesmo, o desprezo do mundo, o amor ao próximo e o amor de Deus. A base de cada uma das colunas é a paciência. O claustro está configurado como uma cidade sagrada. É a Jerusalém celeste no Apocalipse, em cujo centro se cruzam as coordenadas espaciais e temporais. Este centro é representado por meio de um poço, uma árvore, uma fonte ou uma coluna, indicando que ali está um centro do cosmos. Por ali passa um eixo do mundo, que une os níveis cósmicos. Em função da sua importância, o claustro também já foi conhecido como o paraíso.

Curioso notar que o claustro é realmente um elemento medieval, e esse medieval deve ser entendido no diálogo e sincretismo entre os cristãos do ocidente e os mouros do oriente. Tanto o claustro cristão e o pátio muçulmano tem significados similares, tais como o centro do universo religioso e o paraíso. O claustro é um espaço sagrado que remonta a antiguidade, e o mosteiro medieval fez uso do signo do *peristylum* clássico porque este proporcionava, segundo Bicca (1994):

a ideia da criação de uma sociedade perfeita que moldasse um homem perfeito num espaço igualmente perfeito. Baseado rigorosamente na Regra da Ordem, excluía a

surpresa e a dúvida, o capricho e a irregularidade. A representação dessa ideia eram os mosteiros cistercienses limpos e claros, dos quais está banido todo o supérfluo, trata-se de uma arquitetura ascética. Obras severas como devem ser aqueles que caminham sem bagagens, secos e puros como instrumentos perfeitos.

O claustro tem um papel fundamental na arquitetura cisterciense, ele é o “cosmo ordenado, o coração do mosteiro igual ao claustro beneditino, encerra os monges num lugar fechado, mas que se abre para o interior como um jardim secreto, um espaço separado do mundo exterior e que se comunica apenas com o céu” (BICCA, 1994) tal como no mundo greco-romano e nas mesquitas árabes (figuras 17 e 18). E “sobre a cruz dos quatro pontos cardiais ele se torna como um imenso quadrante onde todos os ritmos do cosmo são aprisionados” (BICCA, 1994).

Corroboram George Duby, Lewis Mumford e Pierre Francastel citados por Bicca (2010) que:

sobre a arquitetura cisterciense recorde-se igualmente o que já foi destacado por George Duby que em nenhuma parte, em nenhum dos edifícios litúrgicos que inventou a cristandade do Ocidente, não foi dado ao ângulo reto lugar mais decisivo. Lewis Mumford, por seu turno, sublinha o fato de que foi no monastério que o valor prático da restrição, da ordem, da regularidade e da disciplina foi estabelecido, antes mesmo que esses predicados fossem transferidos à cidade medieval e ao capitalismo pós-medieval. Predicados igualmente valorizados séculos mais tarde por Le Corbusier, como já bem demonstrou Pierre Francastel. E não foram distintos os princípios norteadores dessas “cidades” chamadas de Reduções, construídas pelos Jesuítas, não apenas no Brasil.



Figura 17 - A quadra e o claustro da Abadia de Fontenay - 1119 - Comuna de Marmagne – França - Reprodução. Disponível em <<https://www.wikipedia.org/>> Acesso em 30 Mar.2015



Figura 18 - A quadra e o claustro do Mosteiro Cisterciense São Cristóvão de Lafões – 1153 - Portugal – Reprodução disponível em <<http://www.mosteiroaocristovao.com/>> Acesso em 30 Mar.2015

## 2.5. A cruz e a quadra no pátio mudéjar

E da mistura entre o pátio muçulmano e o pátio cristão medieval nasceram os pátios mudéjares que têm sua origem nos trabalhadores árabes que executavam obras para cristãos entre os séculos XII ao XVI, e que estão espalhados por toda a península ibérica. De espaço quadrangular, o pátio mudéjar tem seus significados que não difere do pátio muçulmano e do claustro cristão, a exemplo dos ordenamentos de pessoas para a oração, o resguardo do lazer das mulheres, locais de banho, espaço de ligação interno da edificação. Era o coração, o centro da arquitetura.

Segundo García-Pardo (2009, grifo nosso):

é uma arquitetura que emprega como seus antecessores orientais, materiais simples e baratos, entre os quais se destacam o tijolo, e gesso e o barro vitrificado. Não é uma arquitetura de cantaria, como a românica e gótica ocidental, mas uma arte de alvenaria [...] O Mudéjar vai continuar na América, como as mesmas tradições medievais mais adaptadas ao novo continente, nos dois vice-reinados de Nova Espanha e Peru, os projetos urbanísticos e arquitetônicos serão a melhor imagem do novo poder espanhol sobre os distintos grupos indígenas.

A fotografia do pátio mudéjar do Convento de Santa Isabel de los Reyes, Toledo, Espanha, século XIV (figura 19) deixa bem claro a influência mudéjar na arquitetura inaciana, a exemplo da cruz como traçado regulador de um espaço geométrico e retangular, com sóbrios e austeros pilares de alvenaria e ou madeira e dos barrotes e vigamentos de madeira cobertos de telhas de barro que sustentam a varanda, a mesma tipologia utilizada pela Companhia em colégios na América.



Figura 19 – Pátio mudéjar do Convento de Santa Isabel de los Reyes, Toledo, Espanha, século XIV. Fotografia de José Luis Filpo Cabana – 2012. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/>> Acesso em 06.jun.2015.

## 2.6. A cruz e a quadra no claustro renascentista

O claustro renascentista é decorrente do claustro medieval que por sua vez é decorrente do *peristylum* greco-romano mas também do claustro muçulmano. Conforme aponta Bicca (1994), seus traçados regulares aplicados no espaço renascentista foram profundamente influenciados pela cultura e pela arquitetura cisterciense. Claraval e os monges de Cister eram construtores por excelência, e dentre as arquiteturas monásticas é uma das mais significativas.

Assim, o claustro renascentista conserva tal como na antiguidade clássica e nos mosteiros de Cister, a vida coletiva, o núcleo central agregador de todo o conjunto. Na forma quadrada ou retangular originária da cruz, o claustro está para a arquitetura, assim como a praça está para o urbanismo, ou seja, o elemento estruturante do conjunto, tendo papel decisivo nos novos assentamentos, assim como faziam os romanos.

Assim, o claustro renascentista tinha uma junção de significados, pois incorporava o espaço sagrado de reclusão e meditação medieval, mas resgatava também a função de distribuição de circulação, espaço de harmonia e sociabilidade, lazer, ponto de encontro de

peçoas, contemplação do céu e da natureza, afinal, apesar de funcional, racional e antropocêntrico, o claustro continuou cristão. Trata-se do caráter racionalizador, modular, plantas regulares com a austera uniformidade da quadrícula. Essa influência se fez também na península ibérica e como consequência na colonização da América.

Com o advento da modernidade, o claustro fechado, medieval, vai sendo mais aberto, mais agregador. É na universidade renascentista que o claustro se transforma num espaço de agremiação, é o nascimento do pátio escolar (figura 20). É nesse contexto do renascimento e em torno desse claustro cristão moderno, ou melhor, desse pátio de agremiação, que surge a Companhia de Jesus. Vale lembrar que os jesuítas nasceram na universidade entre 1528 e 1543 e segundo Menezes (2000, p.50), “o pátio como espaço educativo fora trazida pelos jesuítas da Universidade de Paris, em momento de forte influência renascentista”.



Figura 20 - Pátio da Universidade de Paris – França - Reprodução. Disponível em <<http://avenirsorbonneouvelle.com/>> Acesso em 30 Mar.2015

Portanto, a cruz origina os traçados regulares, que por sua vez originam os desenhos e canteiros geométricos, quadrangulares, retangulares ou quadrados, e é um signo universal na arquitetura religiosa ao longo dos tempos. Tem como significado o centro do espaço sagrado, foi assim na arquitetura do homem primitivo, nos *peristylum* greco-romanos, nos primórdios da arquitetura do cristianismo, nos pátios muçulmanos, nos claustros cristãos e mudéjares medievais e nos claustros e pátios modernos.

Logo, quando Le Corbusier fala dos traçados reguladores nos tempos primitivos e na arquitetura greco-romana da antiguidade, cabe aqui dizer que ele parece se referir também à arquitetura do cristianismo primitivo originária da domus; das mesquitas muçulmanas e dos

mosteiros cistercienses da Idade Média; dos colégios, fazendas, igrejas e capelas jesuítas da idade moderna; ou do modernismo dele próprio, afinal, o ponto em comum entre eles é que a concepção do espaço nasce de um quadrado, conseqüentemente, da cruz. Claro que os usos sociais foram diferentes de acordo com seu próprio tempo histórico, mas a cruz com seu caminho retilíneo e seus ângulos retos como meio de centralização, ordem, regra, solidez, estabilidade, utilidade, geometria, proporção e harmonia são semelhantes.

Seria então uma falácia pensar que Le Corbusier, um estudioso erudito da história cultural e da arquitetura francesa, onde a cultura é um conceito formador de civilização e de nação, não tivesse observado os jesuítas, que por sua vez, ajudaram a formar o conceito e a ideia da Europa Moderna. Além do mais, a Companhia de Jesus foi fundada na França. A saber, há quem relate que Le Corbusier teria tido influência até mesmo dos próprios jesuítas, por meio de um padre, teólogo, filósofo e paleontólogo francês chamado Pierre Teilhard de Chardin (1881 - 1955), conforme demonstra Samuel (1999):

Você conhece este homem e sua pesquisa (Paleontologia, a condição humana, o futuro)? escreveu o arquiteto [Le Corbusier] para seu amigo e colaborador Andreas Speiser em 22 de dezembro de 1954, e relata que ele passou toda a viagem de volta da Índia lendo obras do sacerdote. "Fiquei muito bem impressionado com ele", escreveu, "Eu preciso entrar em contato com ele antes do tempo". A questão entre o homem e seu ambiente, posta por Chardin, incidirá sobre o conceito de comunidade, expressa no bloco Unidade de Marselha (1952).

Le Corbusier demonstrou interesse até pela casa dos índios, as casas dos homens, na busca da expressão de um saber popular, quando esteve em Assunción (MARTINS, 2004). Assim como o Brasil, o Paraguai tem impregnado em suas raízes históricas a marca dos padres da Companhia, e é na monumentalidade da paisagem da América do Sul, signo da administração e do agenciamento dos colonizadores do novo mundo, que nasce seus grandes edifícios-cidades-lineares (MARTINS, 2004).

Segundo Dias e Campos (2012, p.11):

o pátio é o espaço aberto ao tempo, às intempéries, ao contato com os céus, seus deuses, espíritos e deidades – a natureza física e a sagrada. Mas é o espaço fechado, encerrado e limitado entre quatro paredes que protege o homem do exterior selvagem, hostil, contra as feras e contra outros homens. É o espaço que marca junto com sua edificação (seja ela de moradia ou de outra tipologia) a presença do homem na terra. É ao mesmo tempo o espaço que se abre a natureza e que a recorta; é o espaço que agrega em si tanto

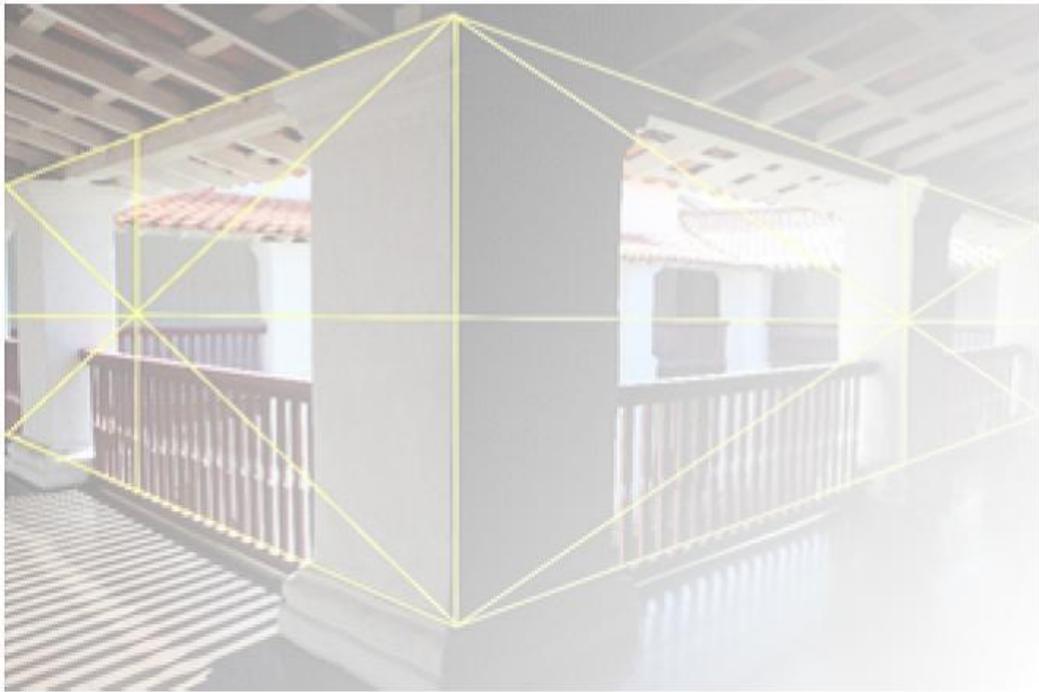
a natureza como a paisagem. A natureza pode estar ao longe, recortada pelo pátio como paisagem, ou, transportada para dentro do pátio como um jardim, um fragmento, uma reminiscência da natureza, transmutada e transformada pelo homem.

Logo, o *peristylum*, o claustro e o pátio são tipologias universais. Sua função mais importante é fornecer uma janela para o céu, duto de ar e luz, privacidade visual e espacial, além de ser fácil de ser realizado (ANGELUCCI, 2012). Foi utilizado porque iluminava; em climas quentes ventila, e em climas frios retém o calor; é o elemento central e organizador do espaço; cria espaços dentro do espaço; significava área privada; gerava sociabilidade, era um espaço sagrado, de poder e de controle social. Era também um espaço militar, pois como relata Capitel (2005 apud DIAS; CAMPOS, 2012), “nos palácios e castelos, os pátios se transfiguram tanto como um meio de defesa e organização das tropas e armamentos, como também a representação de um mundo perfeito, um particular centro do mundo”.

Portanto, a cruz da quadra e do pátio, foi o sacramento perfeito entre a arquitetura da Companhia de Jesus e o projeto civilizador do Brasil.



### **CAPÍTULO 3 – A CRUZ E A QUADRA COMO TRAÇADO REGULADOR NO ESPAÇO ARQUITETÔNICO DOS JESUÍTAS NO BRASIL (1549-1759)**



As linhas do desenho da cruz da quadra e do pátio do Colégio Reis Magos, ES. Fotografia e Arte de Rogério Entringer.

“Os traçados reguladores proporcionam a satisfação do espírito”

Le Corbusier (1887-1965)

### 3.1. A cruz e a quadra aristotélica, vitruviana e tomista no pátio jesuíta

E como não poderia deixar de ser, do quadrado e do retângulo, logo, da cruz, nasceu tanto a quadra (partido) quanto o pátio jesuítico. Ambos são as marcas de sua arquitetura não só no Brasil; e ao reclamarem essa tipologia já estavam cientes dos resultados de seus usos ao longo da história.

O pátio e a quadra é o centro de tudo, assim como no templo primitivo, nos *peristylum* clássicos, nos pátios mouros e claustros cristãos medievais, mudéjares e renascentistas. Oliveira (1988, p. 54 a 58) traz um significado da quadra e do pátio jesuíta:

o modelo para a estrutura da sociedade de Jesus deveria ser o da estrutura do universo segundo Aristóteles...a consciência de um mundo racionalmente organizado [...]; o traçado em quadra procura também essa harmonia [...]; a construção é ordenada como os astros que gira em torno de um centro que a organiza e comanda [...] as diversas funções que abriga o programa construtivo estão ligadas entre si, disciplinar e hierarquicamente[...] é a forma da disciplina dos astros racionalizada no ângulo em linha reta [...] espaço contínuo, homogêneo, mensurável, como nos ideias renascentistas dos quais Maquiavel, Galileu, Kepler, Descartes e os jesuítas não lograram se separar [...] O recurso formal da quadra propõe a unidade do corpo arquitetônico apesar da diversidade de funções que abriga. Cada atividade vem a definir um lugar específico. A residência, aulas, oficina, serviços e igreja ocupam nesta planta homogênea espaços delimitados e determinados que obedecem a uma hierarquia posicional.

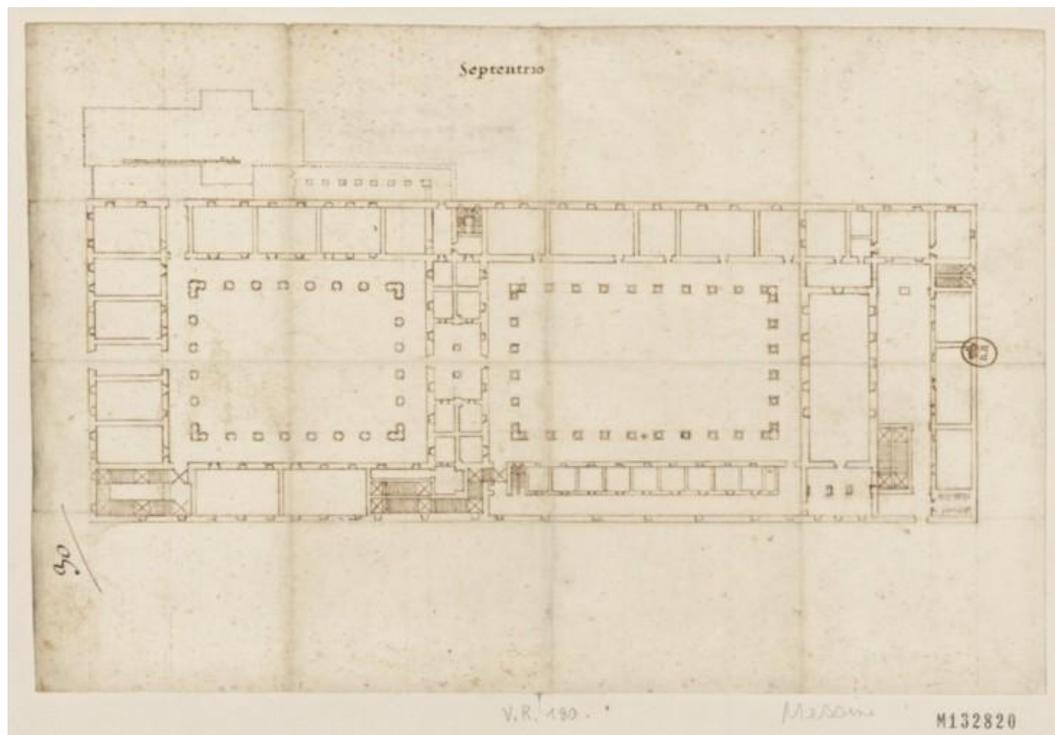
A Companhia de Jesus é uma congregação religiosa renascentista fundada sob os preceitos da escolástica, logo, indissociável da cultura greco-romana<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Ideias cristãs no período que compreende entre os séculos XII ao XVI em que tentam provar de forma científica e racional a existência de deus que rege todo o universo. Tem suas origens no pensamento clássico de Platão e Aristóteles, sendo difundido no cristianismo por Agostinho de Hipona (354 - 430), Bernard de Claraval (1090 - 1153), Tomás de Aquino (1225 - 1274) e Inácio de Loyola (1491 - 1556).

A cruz da quadra e do pátio simboliza não só o uso do *peristylum* clássico, mas também a forma de conceber o universo e deus como sendo geometria racionalmente organizada, harmônica e perfeita tal como Vitruvius fazia. O pátio e a quadra é o centro de um espaço que acima de tudo é religioso, que se comunica com o céu, com deus, com o sol, com o vento, com as estrelas, que ilumina e aquece durante o inverno e resfria durante o verão, um espaço de harmonia pois representa o paraíso terrestre tal como nos templos primitivos, clássicos, medievais e renascentistas.

Por isso, nos seus primeiros colégios, como o de Coimbra (1542) em Portugal e o de Messina (1549) na Itália, os jesuítas mantêm o partido arquitetônico tradicionalmente empregado pelas ordens religiosas nos seus mosteiros e conventos, ou seja, o de dispor os vários corpos da construção em quadra com pátio central, porque oferece isolamento tal como nos tempos medievais, ideais para práticas de introspecção, meditação e aplicação dos Exercícios Espirituais, mas também como um *peristylum* clássico, um espaço multiuso e de “agregação ativa” (COSTA, 1941, p.138). A quadra e o pátio, assim como a cruz, convergem para o centro, tal como o universo aristotélico-tomista. A cruz do homem em busca de seu interior.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 21 - Collège de Messine: projet inscrit dans un quadrilatère - plan du rez-de-chaussée: dessin, plan P. Natale Masucci, 1615. Biblioteca Nacional da França. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8448060x>> Acesso em 30 Mar.2015

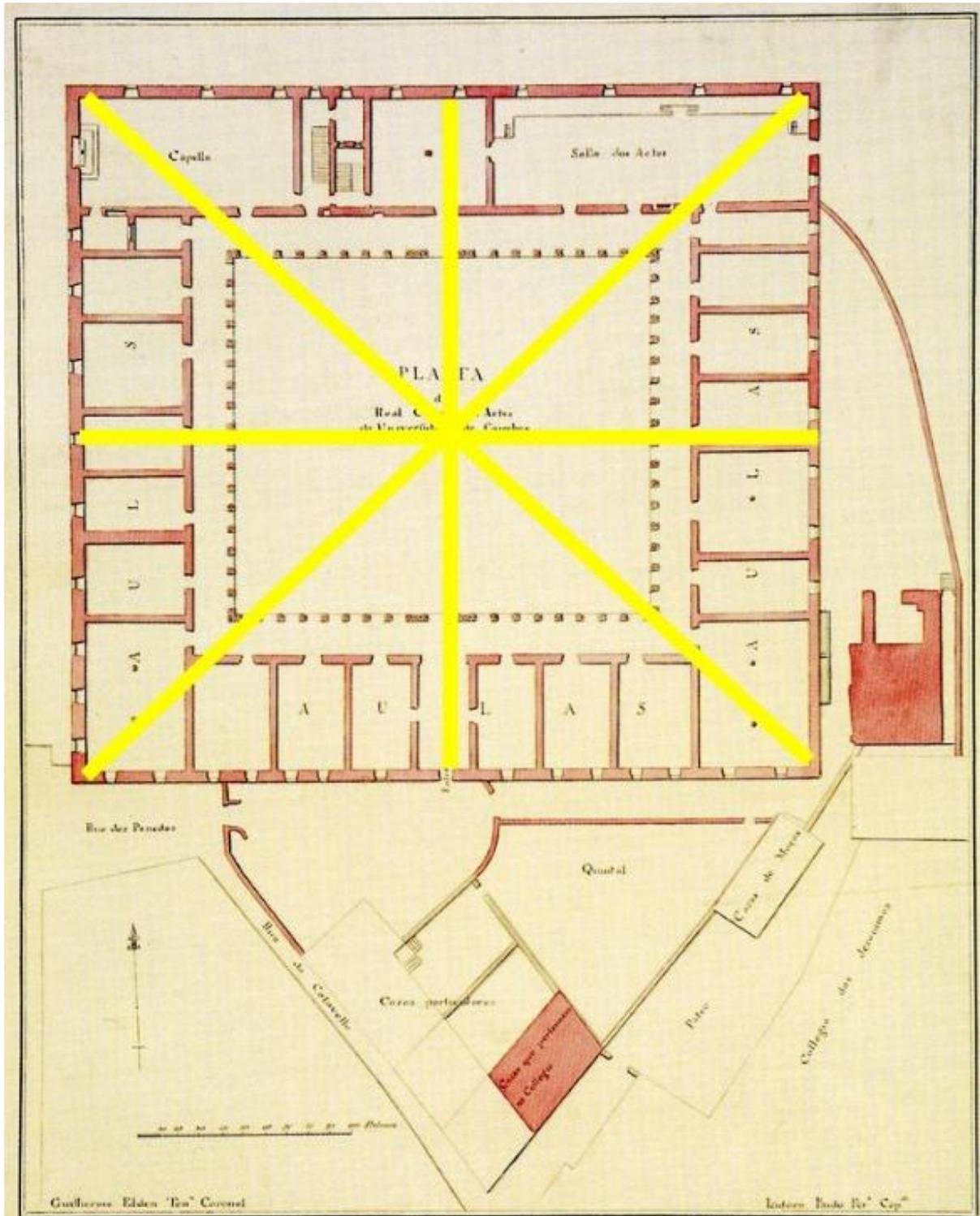


Figura 22 - Planta do Real Colégio das Artes da Universidade de Coimbra – 1773. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em <http://phi.geoimage.es/biau/index.php/component/k2/item/68-o-col%C3%A9gio-das-artes-ii> Acesso em 30 Mar.2015

A quadra e o pátio simboliza a centralização do espaço e dos elementos arquitetônicos e por isso foram escolhidos como partido e programa da *Arquitetura do Regimento de 1548*, porque este simboliza e representa a primeira forma de centralização do Brasil.

O pátio proporciona um espaço múltiplo de sociabilidade, como descreve Menezes (2000, p.50):

Em São Paulo de Piratininga não se pode deixar de mencionar é a importância do pátio do colégio. Ele era o berço da cidade; ali se davam as festas religiosas que os índios e os moradores apreciavam muito. Era ali também que Antonio Rodrigues ensaiava os curumins para as festas e procissões, com suas aulas de flauta. Era do pátio do colégio que saíam as procissões; era ali que se batizava e casava; ali se ensinava e dali partia a extrema-unção.



Figura 23 – Espaço de transição e sociabilidade na cruz como traçado regulador na quadra e no pátio do Colégio de São Paulo – 1680 - SP – Fotografia de Rogério Entringer – 2012

O Aristotélico-tomismo serviu a igreja pelo aspecto da racionalidade, ou seja, São Tomás de Aquino voltou-se a Aristóteles para tentar provar de forma racional a existência de deus introduzindo o argumento racional ao cristianismo, e isso era vital para a Igreja em tempos de Reforma religiosa e conseqüentemente uma arma contra reformista, afinal, a razão, era evocada pelos protestantes seja para o crescimento do capitalismo e das novas tecnologias, seja

para o caráter racional de deus. Portanto, o Aristotélico-Tomismo contribuiu para a sobrevivência da Igreja. A geometria da cruz dos traçados reguladores da quadra e o do pátio são racionais, assim como a *inteligência ordenadora* aristotélica-tomista de que há um ser inteligente chamado de Deus que ordena a natureza e dirige cada indivíduo. Logo, a sagrada ordenadora linha reta da arquitetura jesuíta era o elo de ligação com o ideal de ordem divina.

Portanto, dos traçados reguladores nasce a arquitetura dos jesuítas, que no Brasil, entre 1549 e 1759, simboliza uma espécie de cruzamento de Aristóteles, Vitruvius, São Tomás de Aquino e Ignácio de Loyola representados e materializados por cruzamentos de ângulos e linhas retas, muito importantes, pois proporcionam a satisfação do espírito, logo, de deus.

### **3.2 De Ratione Aedifitiorum era a Ratio Studiorum: a cruz e a quadra nos pátios jesuíticos no Brasil (1549-1759)**

*De Ratione Aedifitiorum* significa *Da Razão e ou Regra da Edificação*, e *Ratio Studiorum* significa *Razão e ou Regra de Estudos*, a cruz da razão geométrica aristotélica, vitruviana e tomista significa *regra*, a linha reta regra, logo, a arquitetura deveria responder a essa função de regerar. Era o espaço regrado para a aplicação da razão de um código pedagógico de leis que regem o processo ensino-aprendizagem. Era o espaço para a preleção do professor; para o estudo privado do aluno; para os exercícios de memória; para as repetições; para os trabalhos grupais; para as exposições; e para os exames e as provas. Assim, a linha reta da cruz da quadra e do retângulo como partido era funcional para a seriação dos graus dos alunos, cada qual no seu quadrado, ou seja, nos seus cubículos, que eram as salas de aula. O pátio era um espaço para ordenar os alunos em fila, ou para diversos fins escolares, religiosos, morais e cívicos.

Nesse ínterim, capitaneados por Loyola e chefiados por Manoel da Nóbrega, os jesuítas trouxeram a cruz como traçado regulador de suas quadras e seus pátios ao Brasil em 1549 para fundar, junto com a cidade de Salvador na Bahia, o primeiro colégio inaciano nas Américas.

Segundo Carvalho (1990-91, p.47 e 48):

o programa construtivo de um colégio na colônia obedecia, fundamentalmente as regras gerais fixadas na *Acta in Congregationis Generalis, I, 1558, " Decretum 34, De ratione aedifitiorum"*. Essas regras foram especificadas nas atas de 1565, da

Segunda Congregação Geral, e estipulavam: a preponderância do princípio arquitetônico de solidez, sobriedade religiosa, funcionalidade e higiene sobre o aparato decorativo; a distribuição em quadra, isto é, em locais articulados em torno de um pátio, com quatro partes distintas de utilização destinadas, respectivamente, ao culto religioso, ao ensino e ao trabalho, à residência e à subsistência.

Com isso, veremos a seguir que a cruz e quadra com seus pátios centrais fazem parte não só da história da arquitetura brasileira, mas também da própria história do Brasil. Começamos pelo Rio de Janeiro, que logo depois da reconquista da Guanabara, a partir de 1567, dois anos após a fundação da cidade, levantam no alto do Morro do Castelo (demolido nos anos 20 do século XX), uma quadra com pátio interno que durou aproximadamente trezentos e cinquenta anos. Seria o primeiro colégio jesuíta na região. A partir daí exerceriam poder tamanho, expandindo e fundando colégios, igrejas, aldeamentos, fazendas, que englobavam desde atual Santa Cruz até a atual divisa com o estado do Espírito Santo<sup>20</sup>.

A quadra e o pátio do colégio no alto do Morro do Castelo faziam parte dessa expansão territorial, eram o centro do poder jesuíta na região. Mas as quadras e os pátios estavam presentes também em suas fazendas que estrategicamente, eram o suporte para seus colégios.

Das fazendas jesuíticas que visitamos e que ainda conservam parte de suas características originais, duas concentram-se no atual estado do Rio de Janeiro, como é o caso de Cabo Frio e de Campos dos Goytacazes. A quadra e o pátio eram os elementos centrais, organizadores, articuladores e reguladores desses núcleos de povoamentos, unidade econômica, produção de alimentos, formação de mão- de-obra e renda para os colégios, as casas e os aldeamentos.

---

<sup>20</sup> No Rio de Janeiro, a passagem dos jesuítas durou quase duzentos anos, desde a fundação da cidade em 1565 a expulsão em 1760. Os soldados de Inácio de Loyola fazem parte de seu patrimônio histórico pois tiveram influência tamanha nos primórdios da cidade. A presença da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro remonta a missão de Martim Afonso e de Manuel da Nóbrega em 1553. Em 1555 os franceses comandados por Nicolau Durand de Villegaignon, ocupam a cidade na tentativa de fundar a França Antártida. Em 1560, uma aliança entre Mem de Sá, os jesuítas e os índios temininós contra os franceses e seus aliados tupinambás, reconquista a baía da Guanabara.

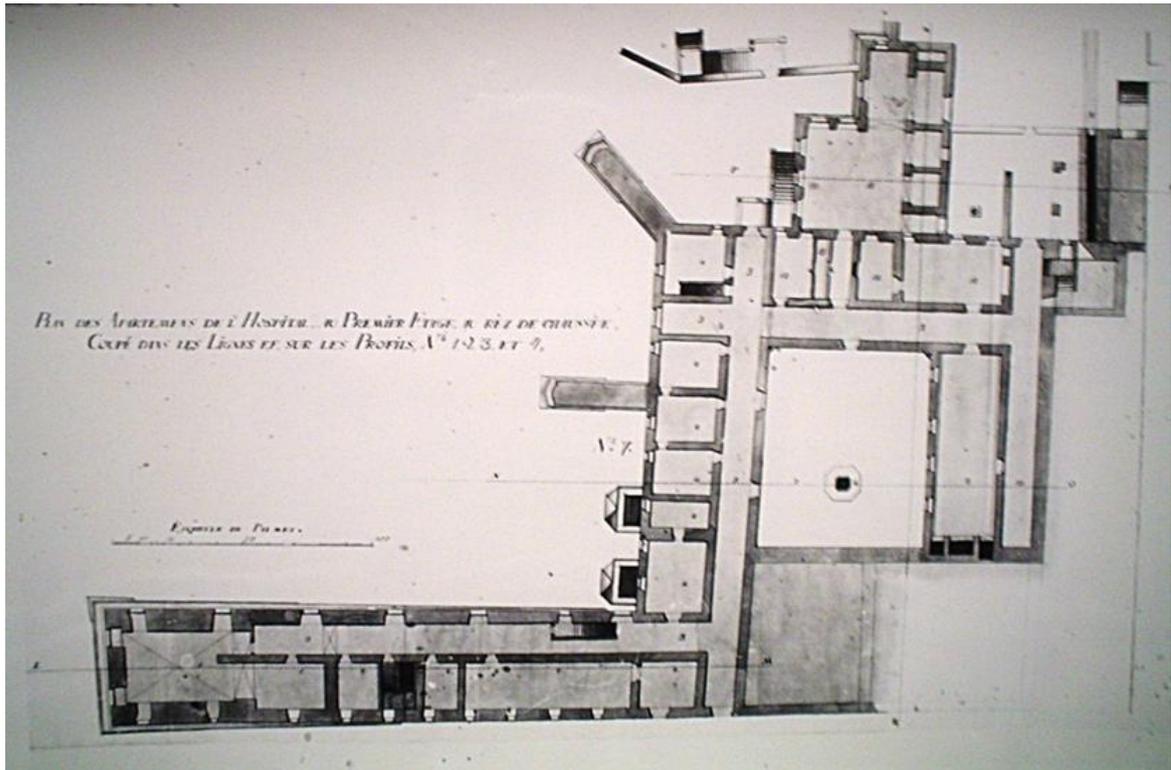


Figura 24 – Planta da quadra e do pátio do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro. La situation du College des Jesuits, destiné pour Hospital Militaire du Rio de Janeiro – 1768 – Jacques Funck - Serviço de Documentação da Marinha – Divisão de Obras Raras e Mapoteca do Rio de Janeiro.

Sob a égide da cruz, as quadras e o pátios<sup>21</sup> dessas fazendas estão relacionados à conquista, ao domínio e à conversão da atual *Região dos Lagos*. Tudo começa em 1614 quando houve uma tentativa de invasão inglesa e em 1630 uma holandesa nas costas de Cabo Frio em busca do pau cor de brasa que leva o nome desse país, para carregar em embarcações contando com a ajuda dos tupinambás e dos goytacazes que eram inimigos dos portugueses estabelecidos no Rio de Janeiro. Os jesuítas e os colonos, que embora tivessem relações conflitantes, estavam aliados pela mesma causa, aguardavam-nos com um pequeno exército de índios oriundos do aldeamento de São Pedro do Cabo Frio. Criaram uma fortaleza que recebeu o nome de Santo Ignácio enquanto que a povoação foi denominada Santa Helena do Cabo Frio. Vencidos os invasores, no ano de 1617 o jesuíta João Lobato funda o aldeamento de São Pedro do Cabo Frio junto com quinhentos índios vindos do aldeamento de Reritiba, atual Anchieta (ES).

<sup>21</sup> Aqui justificamos a necessidade de discorrer sobre a história, as peculiaridades e as características de cada lugar onde a cruz e a quadra foram implantadas na edificação.

Assim, em 1630, os jesuítas se estabeleceram em terras que ocupavam grande parte da área que hoje é conhecida como *Região dos Lagos*. Eles possuíam e/ou administravam em nome dos índios a sesmaria do aldeamento de São Pedro do Cabo Frio e mais duas, uma localizada em Iguna e outra na Ponta de Búzios, as terras onde estabeleceram a Fazenda Campos Novos, a Fazenda Santa Anna em Macaé, e a maior de todas, a de Campos dos Goytacazes. A importância da atual *Região dos Lagos* no século XVII estava ligada a posição geográfica e a sua formação litorânea. Era uma área próxima o suficiente da cidade do Rio de Janeiro, com praias que permitiam o desembarque de embarcações estrangeiras e abrigava grupos de índios hostis ao projeto colonial português e que comercializavam com os inimigos da Coroa (ENGEMANN; AMANTINO, 2010).

Na atual cidade de Campos dos Goytacazes, em 1648, os jesuítas tornaram-se oficialmente proprietários dessas terras quando foram redivididas pelo Governador da Cidade do Rio de Janeiro, General Salvador Corrêa de Sá e Benevides. E é claro que o colégio de Santo Inácio do Rio de Janeiro tinha muito interesse nessa região, pois era rica em campinas nativas e propícia à criação de gado.

A área total destinada aos jesuítas nesta época para a Fazenda Nossa Senhora da Conceição e Santo Inácio tinha aproximadamente 26 km<sup>2</sup> de extensão. Situava-se na área compreendida entre o Rio Paraíba e a Lagoa Feia indo até o mar, na Barra do Furado, o melhor porto natural da região. A construção da sede da Fazenda de Campos dos Goytacazes se deu entre 1650 e 1690, de acordo com registros em livros da Companhia de Jesus e tem seu partido em quadra com pátio central. O colégio foi construído em local privilegiado, no centro geográfico de uma planície atrás da serra do mar, apresenta uma elevação em relação aos arredores e é protegido pelos brejos na época das chuvas. Foram também os padres os mais importantes na limpeza e abertura de canais, rios e valas saneadoras dessa região. Quando foram expulsos, em 1759, a fazenda contava com 1.435 escravos, 9.000 cabeças de gado vacum e 1.000 cavalos. Sua extensão territorial havia sido consideravelmente aumentada devido a aquisições e doações (FILHO, 1934).

Nas proximidades de Cabo Frio, os inicianos também possuíam uma grande fazenda, que começaram a levantar por volta de 1690 e provavelmente surgiu de queimadas para facilitar a derrubada da mata nativa e dar lugar a gramíneas que serviriam de pastagem. Chamaram-na de Campos Novos, para diferenciá-la da fazenda de Campos dos Goytacazes. Do ponto de vista econômico, sua produção, como era peculiar às fazendas jesuíticas, era voltada principalmente para a criação de gado e alimentos, mas também havia uma grande exploração econômica de

madeiras retiradas de suas matas e enviadas para o Rio de Janeiro (ENGEMANN; AMANTINO, 2010). E tanto a fazenda de Cabo Frio quanto a de Campos dos Goytacazes tem partido em quadra, com pátio ocupando a região central da edificação que articula e agrega com os espaços da igreja, do refeitório, da botica, da oficina, dos dormitórios, da cozinha e até da defesa militar.

O desenho ou os elementos arquitetônicos da Fazenda Campos Novos de Cabo Frio nascem do traçado em cruz, visível tanto nas plantas quanto no discurso visual nas fotografias. Como podemos observar abaixo, essa fazenda tem no primeiro pavimento pilares de pedra e no segundo, pilares de madeira fundidos à parede estrutural de alvenaria.

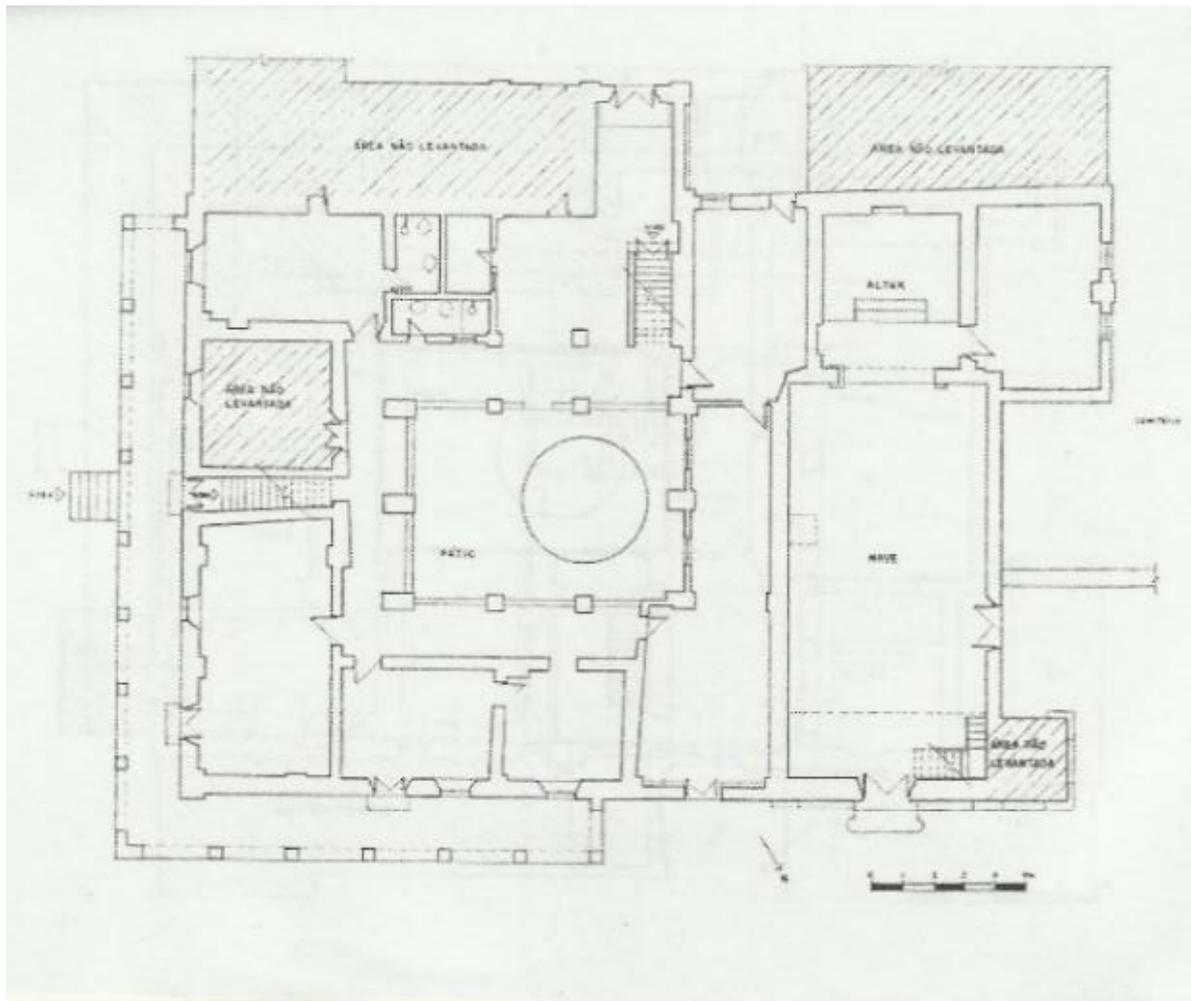


Figura 25 – Planta da quadra e do pátio da Fazenda Campos Novos. Reprodução da Planta baixa do Primeiro Pavimento da Fazenda Campos Novos – 1690 - Cabo Frio – RJ – Levantamento realizado por José Antônio Andrade ARAÚJO, publicado em A Quadra Perfeita: Um Estudo sobre Arquitetura Rural Jesuítica. Niterói. UFF, 2000.



Figura 26 - A cruz e quadra - pátio, pilares e corredores – segundo piso da Fazenda Campos Novos – 1690 – Cabo Frio – RJ – Fotografia de Rogério Entringer – 2012

No atual Estado do Espírito Santo, tão velho quanto Bahia, São Paulo, Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro, os jesuítas chegaram em 1551. Nas terras capixabas tendo em José de Anchieta seu principal agenciador, do traçado em cruz nasceram suas quadras com pátios internos que originaram não só as primeiras cidades do Estado, mas também do Brasil, a exemplo de Reritiba, atual Anchieta, Guarapari, Vila Velha/Vitória, Reis Magos, atual Nova Almeida/Serra.

Dos antigos aldeamentos jesuíticos no Espírito Santo, somente a antiga aldeia dos Reis Magos, composta de igreja, residência e praça ainda permanece completa e com as características originais. A sua construção teve início com o Padre Braz Lourenço junto aos índios tupiniquins locais. A primeira capela foi erguida em 1557, era pequena e feita de palhas. Em 1569 é construída uma nova capela, com ampliação para residência dos padres. Segundo o historiador jesuíta Serafim Leite, a inauguração da nova igreja foi realizada no dia 06 de janeiro de 1580, em grande solenidade, com presença de índios da região e jesuítas de Vitória (BORGES, 1998).

Os materiais construtivos dos elementos de seu pátio são basicamente madeira e alvenaria de pedras de rios e recifes com argamassa de cal de conchas e areia da praia. Todo avarandado por dentro com guarda corpo de madeira, os corredores do primeiro pavimento são

de pedra e do segundo de piso taboado, estruturados por capiteis toscanos de pedra, cal e barrotes e cobertos de caibros, ripas e vigamentos. E a prova irrefutável de que o traçado em cruz origina o pátio da arquitetura jesuítica é a sombra negra da cruz no piso do corredor, provocada pela ação do sol no cruzamento dos pilares e do corrimão do guarda-corpo. E como a sombra reflete a forma de toda arquitetura, nesse caso reflete a forma da cruz dos traçados reguladores da arquitetura dos *companheiros de Jesus*.

Outra edificação muito importante localizada ao extremo sul da enseada do colégio dos Reis Magos e da baía de Vila Velha/Vitória, é a residência da antiga aldeia de Reritiba, atual cidade de Anchieta e a igreja de Nossa Senhora da Assunção<sup>22</sup>, construída em 1579 pelo Padre José de Anchieta, e que também tem o partido em quadra e pátio central formados pelo traçado da cruz.

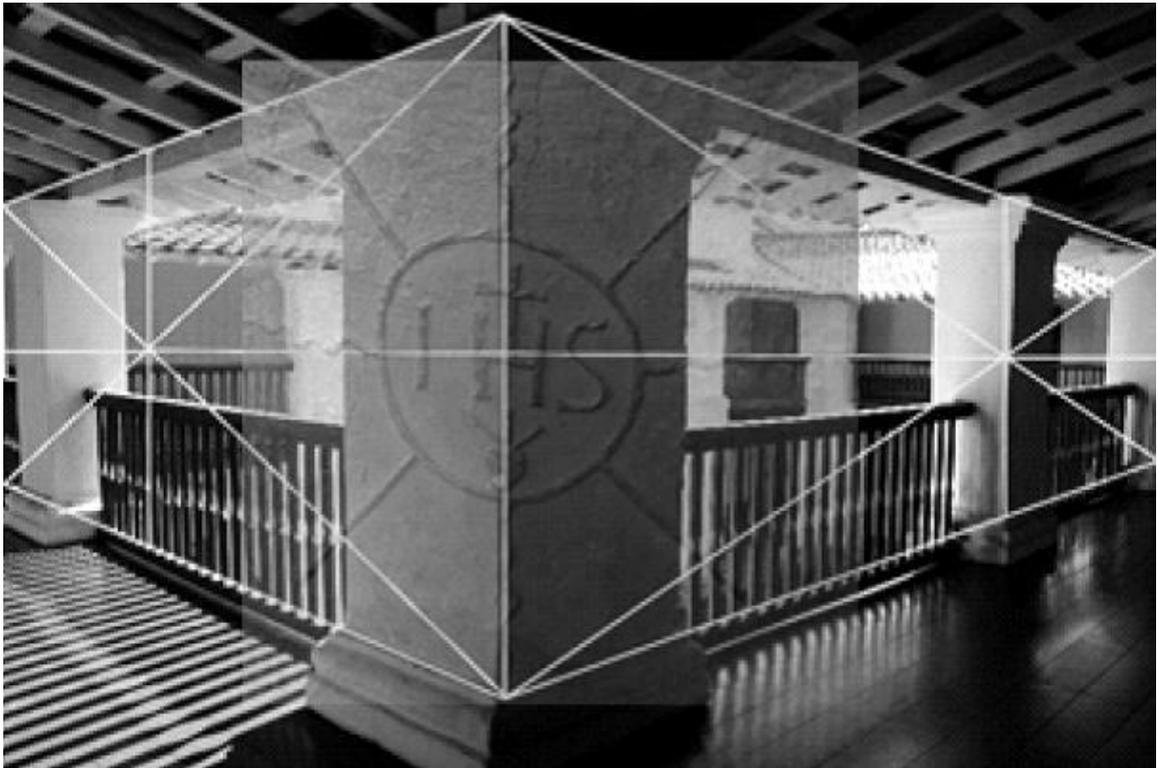


Figura 27 - A cruz e a quadra; pátio, varandas, pilares toscanos e corredores – Colégio Reis Magos – 1580-1615 – Nova Almeida – ES – Fotografia de Rogério Entringer - 2012

<sup>22</sup> Segundo descrição do Livro Histórico do IPHAN, inscrição 222, nº Processo 0229-T-40 de 21-9-194.



Figura 28 - Sombra da cruz no piso do corredor, provocada pela ação do sol no cruzamento dos pilares e do corrimão do guarda-corpo avarandado de madeira. Em fotografia a sombra reflete a forma, logo, a arquitetura jesuítica é em cruz – Colégio dos Reis Magos – 1580-1615 - Nova Almeida - ES– Fotografia de Rogério Entringer - 2012

No sul, o início da ação dos jesuítas teria sido o da passagem dos padres Pedro Correa e João de Sonia, enviados de São Vicente para catequisar os índios carijós que habitavam a *Terra dos Patos*, como era conhecida a região da atual cidade de Laguna, em Santa Catarina. Segundo os relatos, esses padres teriam sido martirizados (mortos pelos índios, por desertores ou náufragos) por volta de 1550. Em 1605, o Padre Fernão Cardim superior da casa das Missões em Cananéia (a mais próxima dos carijós de Paranaguá) enviou os padres João Lobato e Jerônimo Rodrigues para dar continuidade ao trabalho. Entre 1606 e 1640, os jesuítas instalaram no Superagui, junto ao Varadouro Velho, a primeira casa de missões no território do atual Paraná. Em 1738, o rei de Portugal autorizou a edificação do colégio e dois anos depois teve início a sua construção, provavelmente sobre alicerces que já existiam desde o final do século XVII ou do início do XVIII (1708). Entretanto, a data de fundação é a de 10 de dezembro de 1752. Em 1754, transferiram-se os padres para sua nova casa e os serviços religiosos para a igreja do colégio<sup>23</sup>.

Assim, surgiu o antigo Colégio de Paranaguá, atual Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), edificado em quadra entre 1740-50, seguindo a mesma tipologia dos colégios do séculos XVI e XVII. Seu pátio, por assemelhar-se a uma praça forte, tem a característica pesada e fechada do claustro medieval. Seu traçado e seu espaço nascem da cruz e os materiais construtivos de seus elementos são alvenaria de pedras e madeira. Os corredores do primeiro pavimento são de tijolos de barro e pedra, e do segundo, piso taboado, estruturados por arcadas de origem romana de pedra e cal e barrotes, com cobertura de caibros, ripas e vigamentos.

Portanto, se chegarmos ao colégio dos Reis Magos (ES), na Fazenda Campos Novos (RJ) ou no colégio de Paranaguá (PR) e recuarmos a qualquer um dos cantos do segundo pavimento para fotografarmos, temos a mesma visão recorrente, ou seja, uma quadra traçada em cruz, sustentada ou por pilares ou por arcadas. Por isso, optamos por riscar as imagens para que a compreensão do traço em cruz da quadra e do pátio ficasse explícito (figuras 26,27 e 29).

---

<sup>23</sup> Paranaguá: o antigo Colégio dos Jesuítas. Espirais do Tempo. p.318. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/BIBLIOGRAFIACPC/ESPIRAIS/prg1.pdf>>. Acesso em 07.jul,2013.

Preocupada com o avanço lusitano tanto para a costa quanto para o oeste<sup>24</sup>, a Espanha ordenou a fundação de povoados a partir do rio Uruguai cuja empreitada foi dada a Companhia.

A Companhia, a partir de 1585, visava a região do Rio da Prata. A quadra com seus traçados reguladores retos em cruz já estava em 1604, quando realizam-se os primeiros trabalhos nas imediações de Guaíra, Paraná, Uruguai e Tape (Rio Grande do Sul). A quadra com seus traçados reguladores retos em cruz já estava na primeira fase da civilização jesuítico-guarani no Rio Grande do Sul que inicia em 1626 e termina em 1637.



Figura 29 - A cruz e a quadra: pátio, arcadas e corredores – Antigo Colégio de Paranaguá – 1740-59 – Paranaguá – PR – Fotografia de Rogério Entringer – 2013

Com o missionário Cristóbal de Mendonza em 1632, fundaram em quadra com seus pátios de traçados reguladores retos em cruz as seguintes reduções: São Nicolau do Piratini, Nossa Senhora da Candelária, Assunção do Ijuí, Todos os Santos do Caaró ou Mártires, São Carlos do Caapi, Apóstolos, São Tomé, São Miguel, São José, São Cosme e Damião, Santa Tereza, Sant'ana, São Joaquim, Natividade, Jesus Maria e São Cristóvão (PADILHA e TRENTIN, s/d).

<sup>24</sup> Nesse tempo os espanhóis eram donos de terras que compreendiam do oceano pacífico na banda ocidental ao atlântico na banda oriental do continente sul-americano.

Com as investidas da bandeira de Raposo Tavares em busca dos dóceis guaranis em 1632 e com o martírio dos primeiros padres que ali chegaram, tais como Roque Gonzáles, Afonso Rodriguez e João del Castilho, os índios reduzidos migraram para a margem direita do rio Uruguai (hoje Província de Misiones na Argentina). Recomeçaram os trabalhos em 1682, quando se iniciou a migração de Concepción (atual Paraguai) e foram reunidos novamente os guaranis em São Nicolau, que foi o primeiro dos Sete Povos (1626) e hoje é conhecida como a Primeira Querência do Rio Grande do Sul (PADILHA e TRENTIN, s/d).

Sobrando hoje apenas suas imponentes ruínas que impressionam pela alta tecnologia, destreza, grandeza, racionalidade, regra, ordem e geometria de seus construtores, os índios, São Nicolau, foi reconstruída e restaurada entre 1682- 67, e contava com população aproximada de 3.000 pessoas; em 1.700 de 5.278 e em 1.707 com 5.386 habitantes, que se dedicavam integralmente aos trabalhos de construção da aldeia (PADILHA e TRENTIN, s/d).

São Miguel Arcanjo (atual São Miguel das Missões) teve sua primeira fundação em 1632, pelo padre Romero nas proximidades de Jaguarí (rio dos jaguares). Em 1687, quando as incursões bandeiristas aparentemente cessaram, os missionários e os índios sob a liderança de Antônio Sepp, retornaram de Concepción (província de Misiones – Argentina) para o mesmo local (Jaguarí), com uma população inicial estimada em 4.195 habitantes (aproximadamente mil e quatrocentas famílias), e retomaram os trabalhos. Como havia dificuldades de permanecerem neste local, migraram para área da atual São Miguel das Missões (PADILHA e TRENTIN, s/d). São Miguel encontra-se numa pradaria, em local planejado de onde ao redor tudo se vê, e nas proximidades do serpenteado rio Piratini. Entre a cruz e a quadra a igreja foi projetada pelo arquiteto João Batista Prímoli e construída por milhares de operários guaranis entre 1735 e 1747.

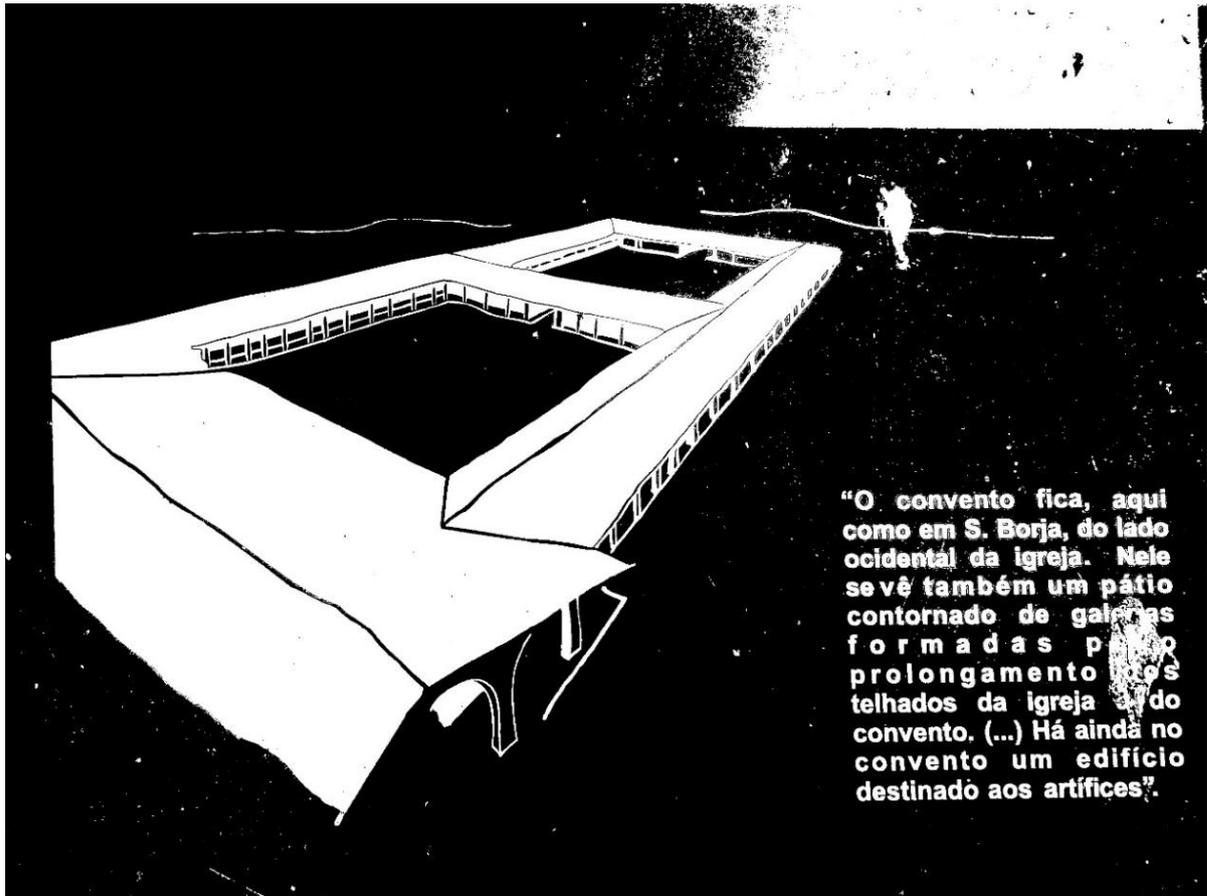


Figura 30 – A cruz, a quadra e o pátio - Placa indicativa do Sítio Arqueológico de São Nicolau – RS – IPHAN - Fotografia Limiar Preto e Branco – Rogério Entringer - 2013

Por fim, sob o signo da cruz e da quadra, com seus traçados reguladores retos, a antiga redução de São Lourenço Mártir foi fundada em 1691 e formou-se a partir da imigração dos habitantes da redução de Santa Maria Maior, localizada na margem direita do rio Uruguai (atual Argentina) que também foi concebida no risco cruciforme regular quadrado e retangular. Seu fundador foi o padre Bernardo de La Vega, seguido pelo jesuíta Miguel Fernandes. Enquanto os homens cuidavam da edificação, as mulheres cuidavam das plantações. Transcrevendo Serafim Leite, segundo Padilha e Trentin (s/d), “perto do povo de São Lourenço existe uma caverna denominada *Querepoti* (prata), donde dizem que os jesuítas extraíam esse metal”. Similar a São Miguel, São Lourenço Mártir também está localizado no alto de uma ondulante pradaria, nas proximidades do serpenteado rio Piratini, local estratégico por oferecer uma visão que alcança todo o horizonte.

Logo, a cruz era geradora da quadra e do pátio, que por sua vez eram o cosmo ordenado, o coração da edificação. A ordenação simétrica de suas construções regulares geravam regra, dimensão, proporcionalidade, utilidade, severidade, austeridade, harmonia e perfeição. Essa era

a *Regra da Ordem*, aplicada em todas as edificações jesuíticas no Brasil, desde a chegada em 1549 à expulsão em 1759. Mesmo com as mudanças nos tempos históricos, a quadra e o pátio continuaram sendo regra. Da cruz nascia desde o quadrado ou o retângulo de suas singelas capelas, até as quadras e os pátios de seus colégios e fazendas, seja no norte ou no sul do Brasil. Assim, os jesuítas estão para a modernidade o que os cistercienses foram para a Idade Média, ou seja, em nenhuma parte, em nenhum dos edifícios litúrgicos que inventou o cristianismo ocidental moderno, não foi dado ao ângulo reto lugar mais decisivo; e assim como nos monastérios, nas edificações jesuítas o valor prático da ordem, da regularidade e da disciplina foi estabelecido. Os inicianos almejavam a centralização, seja no espaço arquitetônico, nas suas missões políticas e civilizatórias ou nas suas ideias religiosas, e a quadra e o pátio foram os meios e os fins perfeitos para isso.

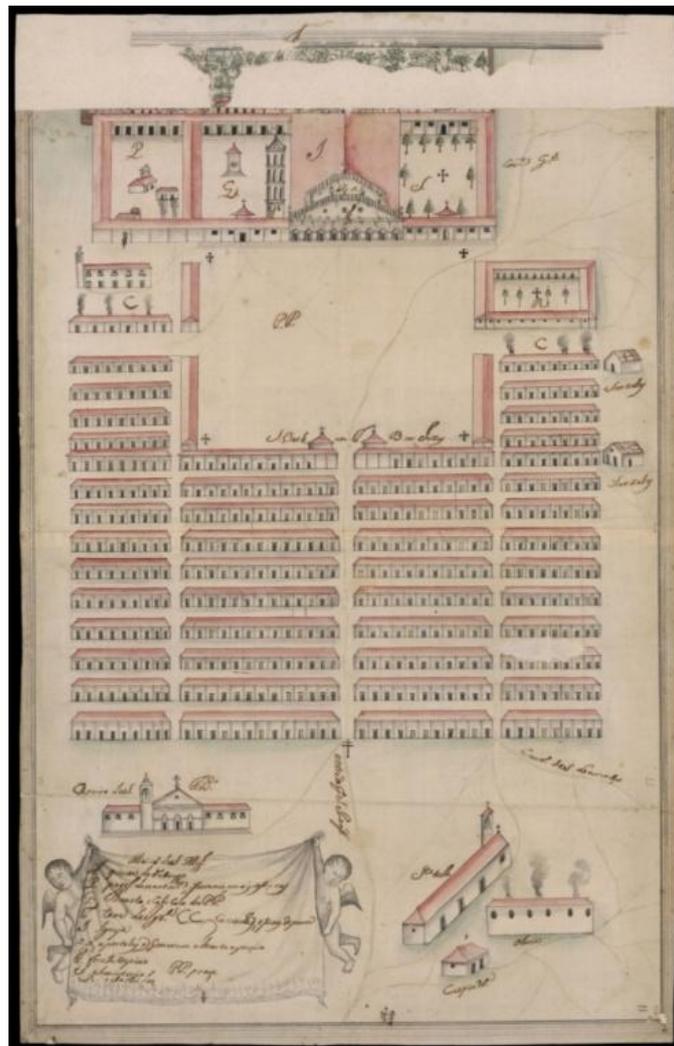


Figura 31 – As quadras, os pátios e a praça. Planta de Missão de S. Miguel. Localização cart1033420fo11. Cartografia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

### 3.3. A cruz das fachadas e a geometria dos elementos: Francisco Dias e a modernidade na arquitetura jesuítica brasileira

Os elementos desse espaço em quadra eram inspirados nos traços e nos materiais construtivos que remontam a antiguidade clássica, especificamente a greco-romana. Bastamos comparar pilares, barrotes, estrutura construtiva do telhado, paredes de alvenaria ou cantaria de pedras, o barro, os guarda-corpos e as janelas de rampa com peitoril e verga de madeira, seteiras e varandas presentes na arquitetura grega de origem popular (ver figura 32) e na arquitetura inaciana, e veremos que são semelhantes, tais como os materiais construtivos típicos de cada lugar, porém, com modo de produção ameríndio. Enquanto na Europa a maior parte da arquitetura erudita e oficial era refinada, no Brasil essa mesma arquitetura era rústica e de característica popular, mesmo que a arquitetura dos jesuítas no período colonial represente o que havia de mais fino e sofisticado no Brasil.

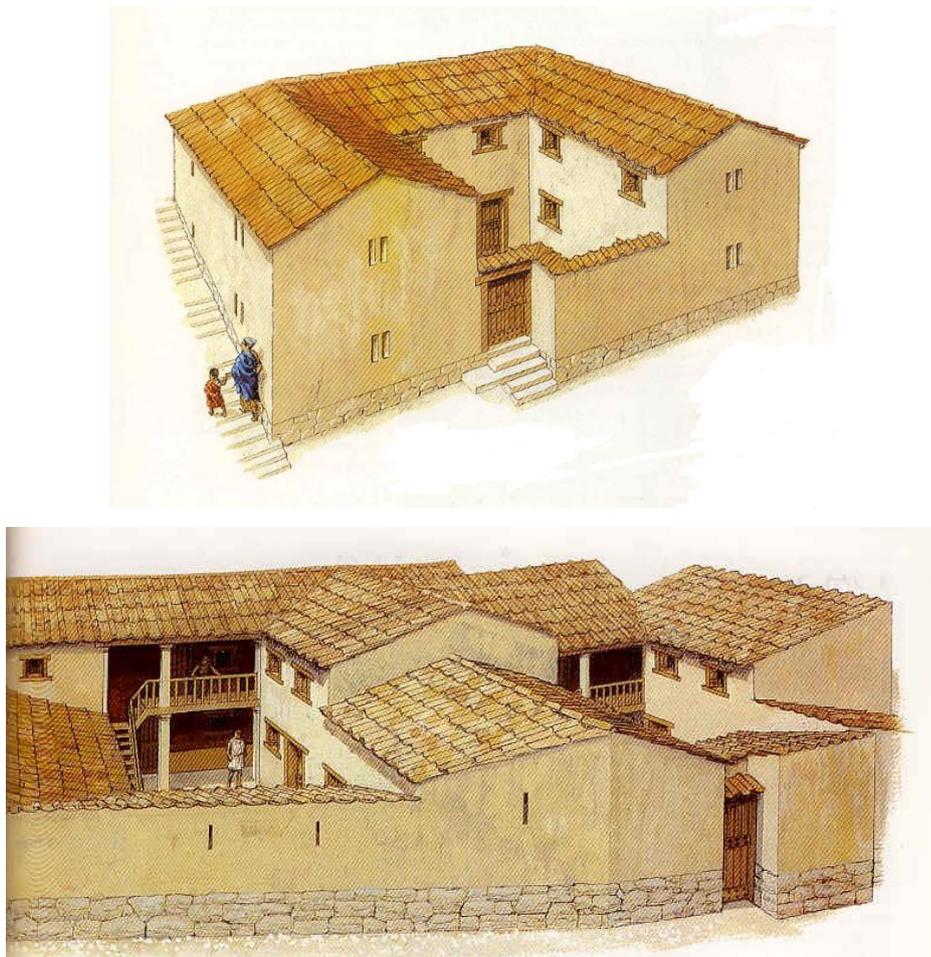


Figura 32 - Reconstituição de casas populares gregas. Reprodução de CONNOLLY, P; DODGE, H. La ciudad antigua. La vida en la Atenas y Roma clásica. Acento Editorial, 1.998. Disponível em <<http://www.sofiaoriginals.com/jun623casas.htm>> Acessado em 06 Jun.13.

A arquitetura dos jesuítas compreende a primeira fase da história da arquitetura brasileira que vai de 1580 a 1625 (BAZIN). Primeiramente eram ermidas com escolas, cozinhas, dormitórios feitos de barro e palha. Quando o sítio onde havia sido erguida as primeiras ermidas e as missões já eram mais seguras e estáveis, vinham as pedras e a madeira. Manoel da Nobrega em 1549 contava com Diogo Perez (sobrinho do arquiteto Luís Dias, que os portugueses trouxeram junto a Tomé de Souza para realizar obras de caráter oficial) como mestre de obras do colégio (LEITE, 1953, p.39). Assim, podemos dizer que a introdução da quadra na arquitetura jesuítica brasileira começa logo com a casa de múltiplos usos dos tempos de Nobrega, em que os padres erguiam suas edificações muitas vezes por conta própria, com o cordel, o prumo, a serra, o enxó e os índios; é o que Costa (1941) chama de “recriações com sabor popular”, no entanto, sempre seguindo os partidos quadrados, reguladores e regradores da Companhia.

Mas os jesuítas tiveram seus próprios arquitetos e/ou os que trabalhavam para eles. Os mais notórios são Giacomo Vignola (1507-73), Afonso Alvares (15??-1580), Filippo Terzi (1520-97) e Francisco Dias (1538 - 1633). Mas dos autores clássicos que escreveram sobre a arquitetura jesuítica no Brasil, como Lucio Costa (1941), Serafim Leite (1953), Germain Bazin (1983), John Bury (2006) e Benedito Lima de Toledo (2012), todos são unânimes em considerar a importância de Francisco Dias para a arquitetura jesuítica em especial a luso-brasileira.

O português Francisco Dias entrou para a Companhia em 1562, era pedreiro, carpinteiro, mestre-de-obras, arquiteto e navegador (LEITE, 1953). Representa um dos primeiros arquitetos na história dos jesuítas. Em Portugal, atuou como coadjuvante ao lado de Pilippo Terzi na edificação da Igreja de São Roque em Lisboa. Chegou ao Brasil em 1577. Projetou os colégios da Bahia (1583), Pernambuco (1584-97), Rio de Janeiro (1585-88) e Santos (1585-1600).

Francisco Dias foi o responsável pela transição de uma arquitetura que correspondia ao período *nobregiano* da conquista, feitas de pau-a-pique e palha, para outra fase, que seriam os grandes e pesados colégios em quadra com pátio central feitos de alvenaria de pedras e ou barro, característicos dos finais do século XVI e todo o século XVII, época do domínio e da conversão. Nesse período de transição, Francisco Dias foi perfeito para criar uma identidade para as obras da Companhia no Brasil.

Com dissemos acima, o programa em quadra já estava presente na arquitetura jesuítica desde o *Regimento de 1548* de Tomé de Souza e nas regras gerais fixadas na *Acta in Congregationis Generalis, I, Decretum 34, De ratione aedifitiorum* de 1558. As casas de

múltiplos usos *nobreganianas* já possuía um traço quadrado, linear e retilíneo e esse partido em quadra com pátio central foi utilizado antes dos partidos de Francisco Dias.

Mas é preciso argumentar que Francisco Dias foi o modelo que seria aplicado depois em colégios como os de São Paulo, Vitória, N.S da Assunção em Anchieta, Reis Magos em Nova Almeida, N.S da Conceição de Guarapari, a antiga Fazenda de N.S da Conceição e igreja de Santo Inácio de Loyola em Campos dos Goytacazes, a Fazenda Campos Novos de Cabo Frio e as residências de Embu e São Pedro da Aldeia.

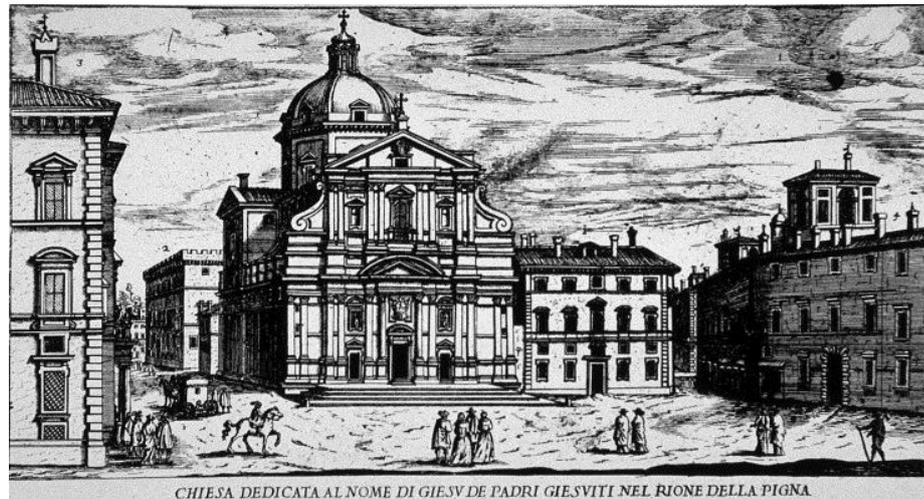


Figura 33 – Chiesa Il Gesu – Disponível em <<http://www.chiesadelgesu.org/la-chiesa/storia-della-chiesa/>> Acessado em 06 Jun de 2015.

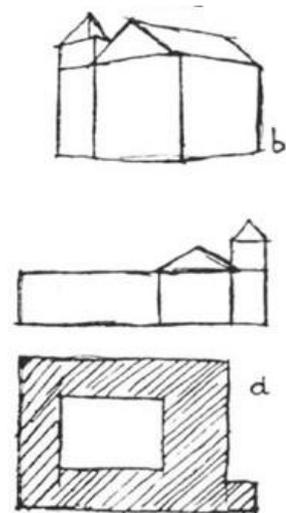


Figura 34 Da esquerda para a direita: Igreja de São Roque, Lisboa. Reprodução. Disponível em <<http://www.museu-saoroque.com/pt/igreja-de-sao-roque/o-edificio.aspx>> Acessado em 06 Jun de 2015; e a Geometria áurea dos quadrados, retângulos, triângulos, linearidade, regularidade, linhas retas, simetria, equilíbrio, proporção, ordem, regra e razão, das plantas e das fachadas jesuíticas no Brasil. Reprodução dos desenhos de Costa (1941)

E mesmo a arquitetura vernacular de características mais populares erguidas pelos padres obreiros e com a mão-de-obra dos índios e ou escravos, as vezes saía fora do modelo de Dias, mas sempre tentando acompanhá-lo, a exemplo das capelas de São Lourenço dos Índios e São Francisco Xavier em Niterói, a capela de São João Batista de Carapicuíba, que assim como os colégios projetados por Francisco Dias, tem no frontispício de suas igrejas o traçado geométrico do pentagrama áureo. Eram o predomínio da linha reta, quadrados, retângulos e triângulos, lineares, regulares, simetria, equilíbrio, funcionalidade, estabilidade, sobriedade, austeridade, proporção, ordem, centralização, regra e razão.

Os partidos de Francisco Dias foram introduzidos no Brasil segundo influências e tipologias de Vignola, Pilippo Terzi e Alfonso Álvares, portanto, um maneirismo lusitano de origem italiana, um estilo arquitetônico moderno. A seriação é característica da modernidade, tanto a *Ratio Studiorum*, o código de leis pedagógicas, quanto a *De ratione aedificiorum*, a arquitetura em quadra dos colégios jesuíticos de Francisco Dias eram em série, ou seja, aplicável em qualquer parte do Brasil, logo, sua arquitetura pode ser considerada protomoderna, ou seja, representa os primórdios da modernidade.

Da cruz nasciam os quadrados, retângulos e triângulos das fachadas inacianas<sup>25</sup>. Ao visitar os principais remanescentes da arquitetura jesuítica no centro-sul do Brasil, tivemos a preocupação de tornar visível essas recorrências, assim, construir um discurso visual, por isso, ao fotografar as fachadas, utilizamos a linguagem do enquadramento com objetiva grande angular, pois permite tornar visível o desenho do projeto arquitetônico e a linguagem do monocromático, porque tem a função de evidenciar as formas da edificação contribuindo para evidenciar o traço, o desenho, e o projeto.

Exemplo disso é a capela de São Francisco Xavier, edificada entre 1662/96 no alto de São Francisco em Niterói, cidade fundada também como resultado da reconquista da Guanabara e um signo das cidades de posse e de controle militar da costa, é um lugar fortemente marcado pela interação cultural entre os indígenas e jesuítas.

Com visão privilegiada para as montanhas do Rio de Janeiro, está posicionada estrategicamente na parte detrás da entrada da barra da Guanabara fortificada pelas fortalezas de Santa Cruz e São João.

---

<sup>25</sup> Centramos nosso recorte nas recorrências fotográficas, e verificamos a validade desse argumento, como é possível ver nas fotografias das fachadas das figuras 35 a 43 a seguir.

Tinha comunicação visual direta com o imponente colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro do outro lado da baía. Sua planta quadrada e retangular, mostra um pátio no meio que com o tempo foi modificado, perdendo sua função original e hoje encontra-se descaracterizado. Sua fachada é uma câmara quadrada feita de alvenaria de pedras e cal, de um pavimento, de traçados quadrados e retângulos encimados por um triângulo (figura 35).

O outro exemplo da geometria pura dos jesuítas no desenho e na edificação de seus núcleos é a capela de São João Batista (1736) da antiga aldeia de Carapicuíba (SP) fundada em 1580 e que originou-se de uma extensa fazenda de índios administrados e descidos do sertão ou libertados da escravidão. Tal propriedade pertencia a Afonso Sardinha que doou em 09/07/1615 ao Colégio de São Paulo, passando formalmente a administração dos jesuítas. Fez parte dos doze aldeamentos mais significativos que compreende hoje o conhecido território do estado de São Paulo, tais como Pinheiros, São Miguel, Baruerí, Guarulhos, Embu, Escada, Itaquaquecetuba, Itapeperica, São José, Peruíbe e Queluz. Era composta por tribos tupinambás, tupiniquins e carijós (OZONATO, 2009).

Assim, como a fachada da Capela de São Francisco Xavier, a capela de São João Batista, construída em 1736, feita de taipa de pilão é o ponto culminante do traço em cruz, tendo à frente uma imensa praça quadrada ladeados pelas casas dos índios. A capela é o exemplo máximo da sobriedade e a austeridade dos jesuítas, pois não possui cruzeiro nem naves laterais, é um simples retângulo encimado por um triângulo (figura 36).



Figura 35 - A cruz como traçado regulador na Capela de São Francisco Xavier – 1662-96 - Niterói - RJ – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 36 - A cruz como traçado regulador: a quadra e a praça – Capela de São João Batista – 1736 - Aldeia de Carapicuíba – SP – Fotografia de Rogério Entringer – 2012

Outros exemplos da geometria jesuítica são a residência e a igreja de N.S da Assunção (1587-1600) de Anchieta (ES), o colégio dos Reis Magos (1580-1615) em Nova Almeida (ES), a igreja de N.S da Conceição (1585) de Guarapari (ES), a antiga Fazenda de N.S da Conceição e igreja de Santo Inácio de Loyola (1658) em Campos dos Goytacazes (RJ), o colégio de São Paulo (1680), a Fazenda Campos Novos (1690) e a igreja de Embú (SP) de 1700, todos de partido em quadra com pátio central, com as paredes de alvenaria extremamente brancas que compõem as fachadas das câmaras que são retângulos. Os frontões das igrejas são triângulos (porque oferecem rigidez) encimando quadrados ou retângulos; as vezes alguns apresentavam uma ondulação e um movimento nos ornamentos, como encontramos nas igrejas de Campos dos Goytacazes, Niterói e São Pedro da Aldeia (RJ), mesmo assim um movimento muito sóbrio e tudo muito geométrico e linear (figuras 37 a 43).



Figura 37 - A cruz como traçado regulador na Igreja de Nossa Senhora da Assunção – 1587-1600 - Anchieta – ES – Fotografia de Rogério Entringer – 2012

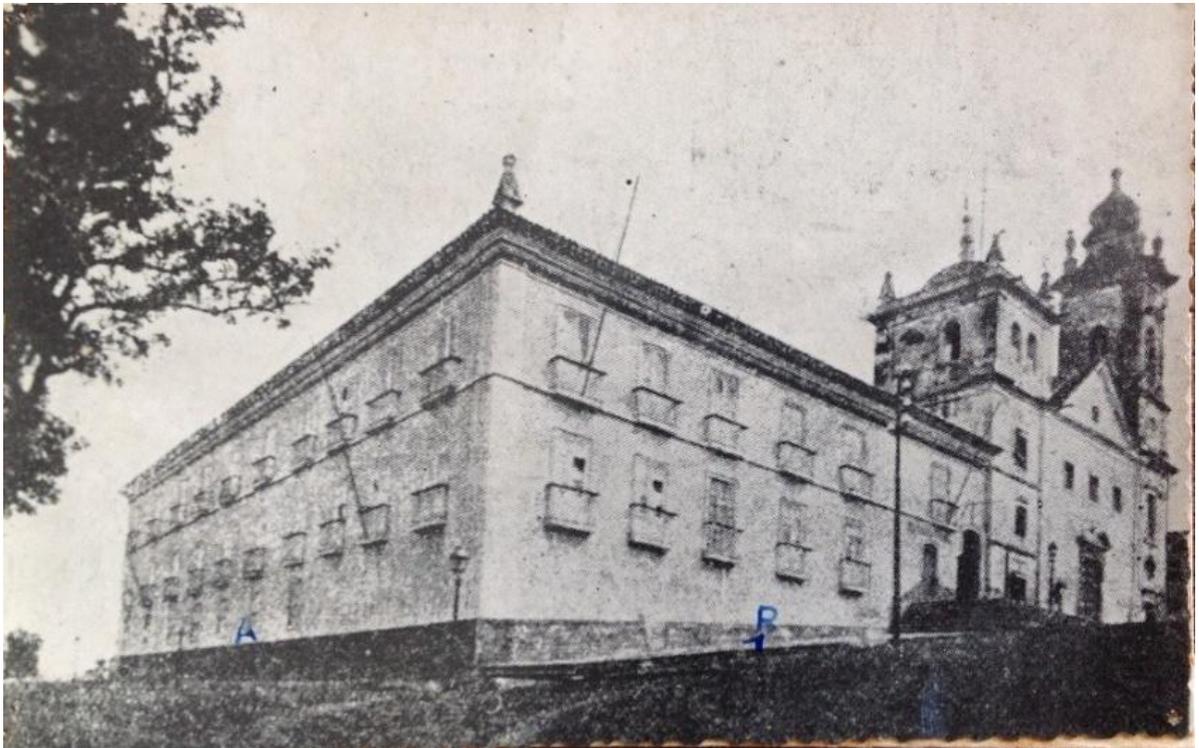


Figura 38 - A cruz como traçado regulador na Igreja do Colégio de Vitória – Sec. XIX - Reprodução Fotográfica do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro

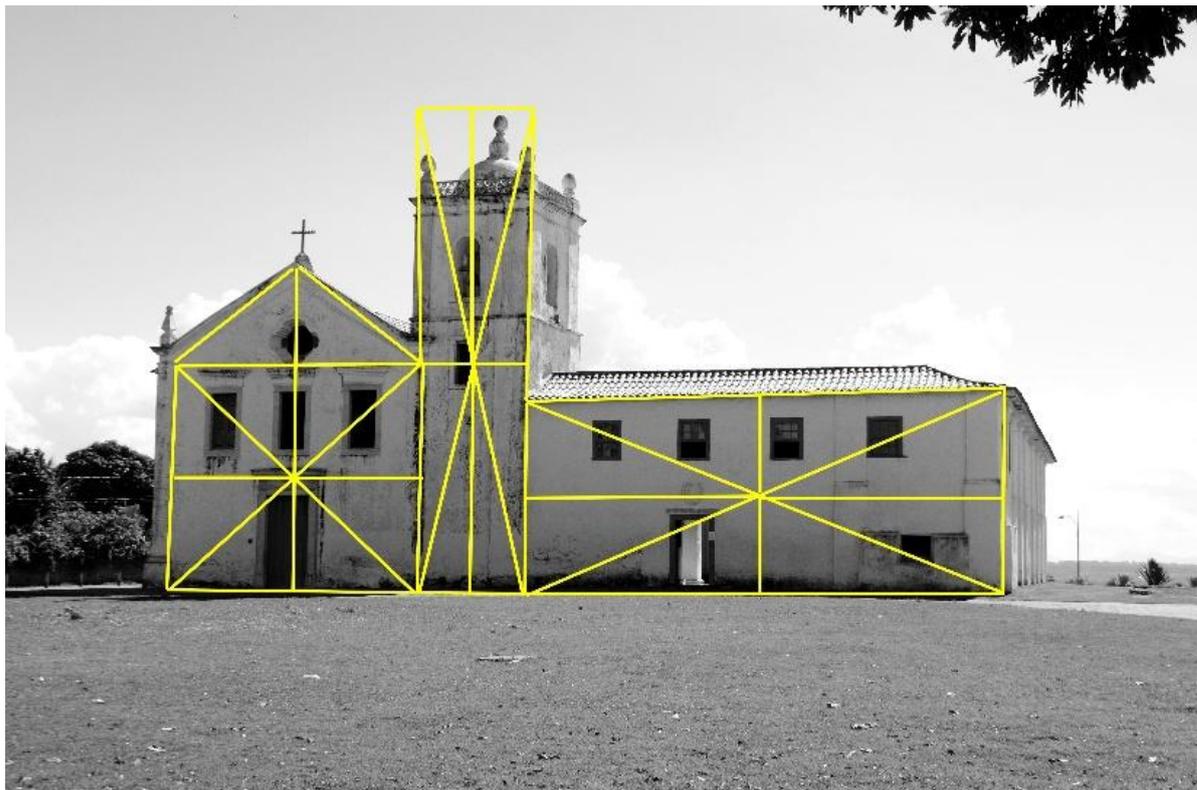


Figura 39 - A cruz como traçado regulador no Colégio dos Reis Magos – 1580-1615 – Nova Almeida – ES – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 40 - A cruz como traçado regulador na Antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Igreja de Santo Inácio de Loyola - 1658 – Campos dos Goytacazes – RJ – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 41 - A cruz como traçado regulador na Fazenda Campos Novos - 1690 – Cabo Frio – RJ – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 42 - A cruz como traçado regulador na Igreja de Embu - 1700 – SP - Fotografia de Rogério Entringer – 2013



Figura 43 - A cruz como traçado regulador na Igreja de São Pedro da Aldeia – 1723 - RJ – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 44 – Geometria Pura: quadrados e retângulos na igreja de Embu (SP) – 1700. Fotografia de Rogério Entringer – 2013 e na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Anchieta (ES) – 1585. Fotografia de Rogério Entringer 2012

Logo, validamos o argumento de que as plantas, as fachadas, a cruz das quadras e dos pátios, o espaço e os elementos da arquitetura inaciana no Brasil tem sua forma clássica, porque são lineares, regulares, com planos ordenados, formas fechadas, eixos verticais e horizontais, ângulos retos, serenidade, regras e geometria, contendo assim, os mesmos atributos cunhados por Wolfflin (2000) para designar os conceitos do que seja o clássico e sua forma. Uma releitura do clássico e de sua geometria pura era regra, porque é áurea, porque centraliza, regra, ordena e satisfaz o espírito, *funcional, serial e moderno*.

### 3.4. A geometria áurea da cruz e da quadra

A geometria áurea, conhecida também como geometria de ouro, geometria sagrada, proporção divina, proporção áurea, proporção de ouro, número de ouro, número áureo, seção áurea<sup>26</sup> é utilizada desde a antiguidade, na Mesopotâmia, pelos egípcios, britânicos, hebreus, gregos, romanos, passando pela Idade Média, pelo renascimento, maneirismo, barroco, iluminismo e pelas vanguardas modernas, ou seja, ela está presente em toda a história. Vitruvius a teria usado porque concebia que a arquitetura dependia da ordem, da simetria, da economia e da proporcionalidade. Na Idade Média, a arquitetura de Cister obtém sua beleza visual mediante a geometria perfeita, dita sagrada, para gerarem não a decoração supérflua, mas a proporção da harmonia e a representação do divino.

Leon Battista Alberti (1404-1472) que foi profundamente influenciado por Vitruvius também utilizou a geometria áurea para alcançar a proporção da harmonia. Ela está presente em sua *De re aedificatoria*<sup>27</sup> é uma nova ciência que traçaria os primeiros lineamentos, que se desenvolveria nos séculos XV e XVI, até Palladio, é ciência tipicamente humanista: a ciência pela qual a racionalidade humana domina o furor irracional da natureza organizando-os (ARGAN, 1999).

Andrea Palladio (1508-1580), tal como Alberti, que era contemporâneo de Inacio de Loyola (1491-1556), estudou e desenhou as ruínas da Roma antiga e publicou uma edição da obra de Vitruvius. Em 1570 publicou *Quattro Libri dell'Architettura* onde discutia seu próprio trabalho bem como o resultado de suas pesquisas sobre a arquitetura clássica.

---

<sup>26</sup> É uma constante real algébrica irracional denominada *PHI*, uma referência ao escultor Phidias, que dizem ter utilizado para conceber o Parthenon, e com o valor arredondado a três casas decimais de *1,618*. Também é chamada de razão áurea, razão de ouro, média e extrema razão de Euclides, proporção em extrema razão, divisão de extrema razão ou áurea excelência. O número de ouro é ainda frequentemente chamado razão de Phidias.

<sup>27</sup> *De re aedificatoria libri decem* ou *Dez Livros sobre Arquitetura*, foi o primeiro grande tratado moderno de arquitetura, conservava monumentos do passado e escrito em Roma sob o papa Nicolau V, o humanista que propunha uma *rastauratio* e que se fizesse surgir a Roma cristã das ruínas da Roma antiga, é o tratado que concebe o espaço como uma proporcionalidade geométrica.

Considerava o modelo antigo indispensável para a formação de uma verdadeira civilização e desde então se tornou canônico, sendo, com a exceção da obra vitruviana, o mais influente tratado de arquitetura de todos os tempos. Para Palladio a arquitetura tinha de ter funcionalidade, conforto e estabilidade com a beleza assim como a *firmitas, utilitas e venustas* (solidez, utilidade e beleza) vitruviana.

Foi o primeiro a usar consistentemente o frontão do templo greco-romano na cobertura de um pórtico. Villa Capra foi planejada sobre a forma da cruz grega. Para Palladio, o cubo, por exemplo, sendo articulado a partir de um único elemento onde não se encontra fim nem início, nem se distinguem um do outro, mas tendo todas as suas partes similares entre si e todas participando na figura do todo, onde os extremos sendo encontrados em todas as suas partes, igualmente distantes do centro, o tornam perfeitamente adequado para demonstrar a essência infinita, a uniformidade, e a justiça de deus.

Arquitetura regida pela ordem. Proporções harmônicas geradas por uma geometria dinâmica, que estabelece as dimensões de todas as partes a partir de um módulo primário dividido ou multiplicado de várias maneiras, mas sempre mantendo uma coerência matemática entre si. O objetivo final dessas teorias era espelhar na criação humana a ordem cósmica estabelecida pela divindade e manifestada na natureza, ordem que era possível alcançar e compreender através das relações numéricas, onde de todas a mais importante era a seção áurea. Essas relações foram aproveitadas na arquitetura, bem como em outras artes, desde a Antiguidade, e suas conotações éticas estavam na identificação do que é belo com o que é bom e virtuoso, um conceito que fora sintetizado pelos gregos.

Giacomo Vignola (1507 - 1573), que trabalhou para a Companhia de Jesus na construção de El Gesu, e semelhante a Palladio, estudou as ruínas de Roma, medindo templos, também com o objetivo de publicar uma edição da obra de Vitruvius, assim como ocorreu com todos os arquitetos renascentistas, a geometria áurea se fazia necessária. A cruz que define o centro exato do quadrado e que gera quatro quadrados proporcionais é uma geometria áurea, gerando proporção à construção, para que não haja espaços vazios sem funcionalidade. É lógico que isso interessava aos jesuítas.

Segundo Bury (2006), as igrejas que influenciaram a arquitetura jesuítica foram Chiesa Del Gesù (1568 - 80), em Roma, projetada por Vignola (figura 33) e São Vicente de Fora (1629), em Lisboa, projetada por Filippo Terzi. Das igrejas portuguesas que influenciaram a arquitetura jesuítica no Brasil sem dúvida a de São Roque (1590-1619) em Lisboa, projetada

por Filippo Terzi e Afonso Álvares foi a mais influente (ver figura 34). E tanto a Chiesa Del Gesù como a Igreja de São Roque tem nos frontispícios de suas fachadas o pentagrama áureo.

Aqui, trazemos a contribuição de que o pentagrama e o retângulo áureo estão presentes na arquitetura brasileira desde os primórdios de sua história via jesuítas. É a geometria da história, estando presente no frontispício da fachada da igreja de São Lourenço dos Índios, em Niterói (figura 45), edificação relacionada ao assentamento indígena que se deu no fim do século XVI, em terras que foram povoadas a partir da doação, em 16 de março de 1568, de uma sesmária ao chefe termininó Araribóia, por serviços prestados na expulsão dos franceses<sup>28</sup>.

E esse mesmo retângulo e pentagrama áureo estava presentes na quadra e nas câmaras da fachada do antigo Colégio e Igreja de Santana de 1585, da antiga Aldeia do Rio Verde ou Aldeia de Santa Maria de Guaraparim (figura 46). Fundado no alto de uma colina em 1569 pelo padre José de Anchieta, atual cidade de Guarapari (ES), assim como Niterói e a região dos lagos (RJ), também representa o signo de ocupação e defesa da costa com seu espaço recortado por portos, enseadas e baías.

---

<sup>28</sup> De acordo com descrição do Livro Histórico do IPHAN sob Inscrição: 247, nº Processo: 0163-T-38 de 12-10-1948, os registros históricos mostram que, desde o início da ocupação desta área, a presença religiosa se fazia marcante. A carta do Padre Gonçalo de Oliveira, datada de 1570, já anunciava uma primeira capela, em taipa, localizada no alto de um morro da Aldeia de São Lourenço dos Índios. Esta edificação primitiva cedeu lugar a outra inaugurada em 10 de agosto de 1586, com a representação do Alto de São Lourenço. Nesta época a ermida era ainda uma capela tosca e pequena, e já antes de 1627, os jesuítas substituíram-na por um templo mais próprio. Um século mais tarde, passou por novas modificações e, em 1769, a capela foi reconstruída, tomando a fisionomia que ainda hoje conserva, apesar das reformas que sofreu no século XIX e que pode ser considerada um marco do primeiro assentamento lusitano do lado oriental da baía da Guanabara.

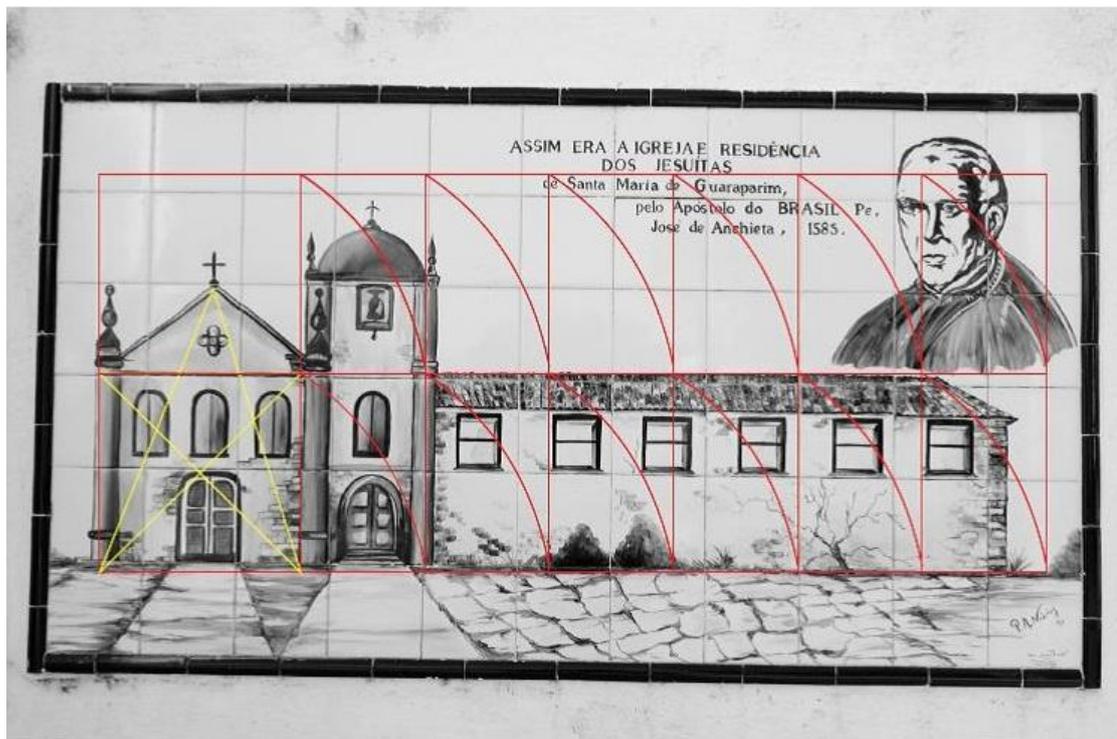


Figura 45 - Retângulos áureos e pentagrama. Pintura da fachada do antigo Colégio e Igreja de Santana de 1585 nos azulejos da atual Igreja de Nossa Senhora da Conceição - Guarapari - ES - Fotografia e desenho de Rogério Entringer - 2012

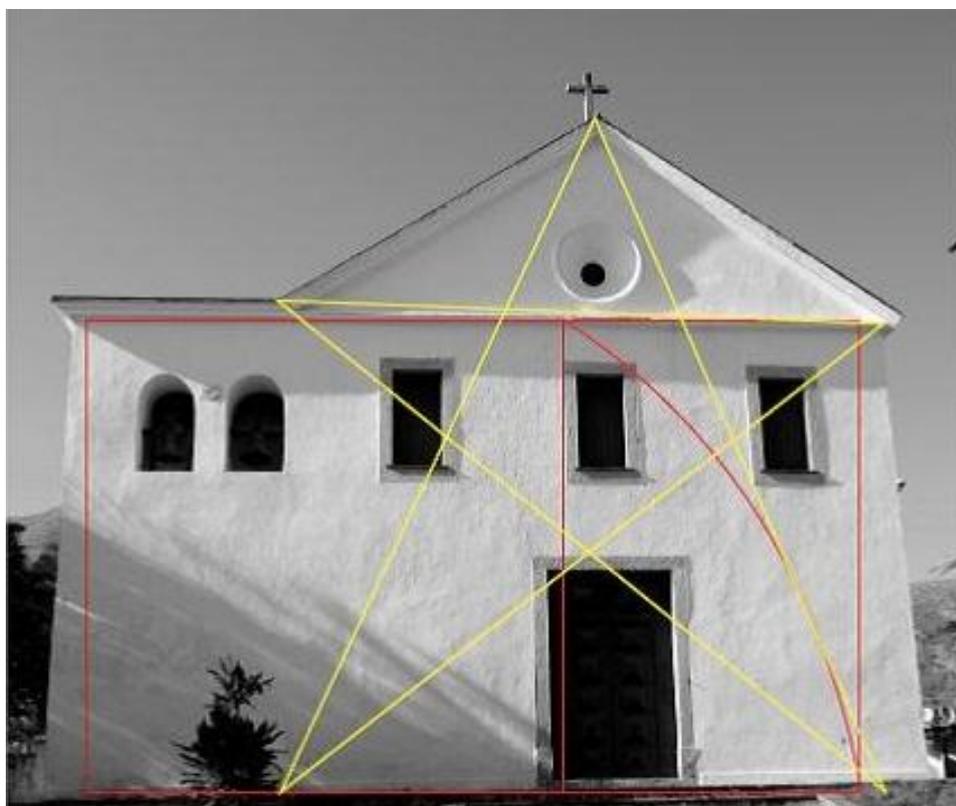


Figura 46 - Retângulo áureo e pentagrama na fachada do Igreja de São Lourenço dos Índios, fundada em 1586 e reconstruída em 1769 - Niterói, RJ. Fotografia e desenho de Rogério Entringer - 2012

A construção do retângulo e da espiral nasce de um quadrado dividido ao meio e a partir de um dos pontos formados nasce um círculo até encontrar um vértice do quadrado originando um retângulo áureo. É a geometria comum, o quatro é representado pelo quadrado e as curvas e espirais dentro do quadrado. Ajuda o desenho e a construção da edificação fornecendo proporção, harmonia, estabilidade, regra, ordem, equilíbrio e perfeição; e pode ser encontrado na forma aproximada do homem e também a ordem de crescimento da natureza. A geometria sagrada foi amplamente utilizada nas construções e nas artes renascentistas. O homem aristotélico, vitruviano e tomista era feito de geometria áurea, a arquitetura da Companhia de Jesus também, porque é a arquitetura do homem. Os jesuítas tentaram ensinar para o índio que a natureza era geométrica, ou melhor, que havia geometria na natureza, como se os silvícolas não soubessem disso.

Geometria perfeita, cruz perfeita, retângulos e quadras perfeitos, por isso serviu aos inicianos, porque geraria um traço de um projeto cujo espaço era perfeito. Segundo Forster (2012) “a perfeição nas virtudes era o maior anseio dos jesuítas”, e corrobora Vainfas de que (2012) “no preâmbulo das Constituições inicianas o âmbito missionário aparece em procurar ajudar, com a graça divina, a salvação e perfeição dos próximos, no caso do Brasil, dos índios”.

Segundo Bazin (1983, p.87) “os jesuítas portugueses do século XVII, adotaram, definitivamente, a disposição romana.” E a arquitetura romana era racional, centralizada, prática e funcional. A geometria áurea é uma *ratio* (razão) e esse mesmo signo de *Ratio* está presente na Constituição Inaciana e em seu código de leis pedagógicas. A arquitetura seria o núcleo de operações dessa *ratio* como meio de conquista, domínio e conversão. Uma arquitetura feita com a geometria sagrada, os números de ouro e a proporção áurea.

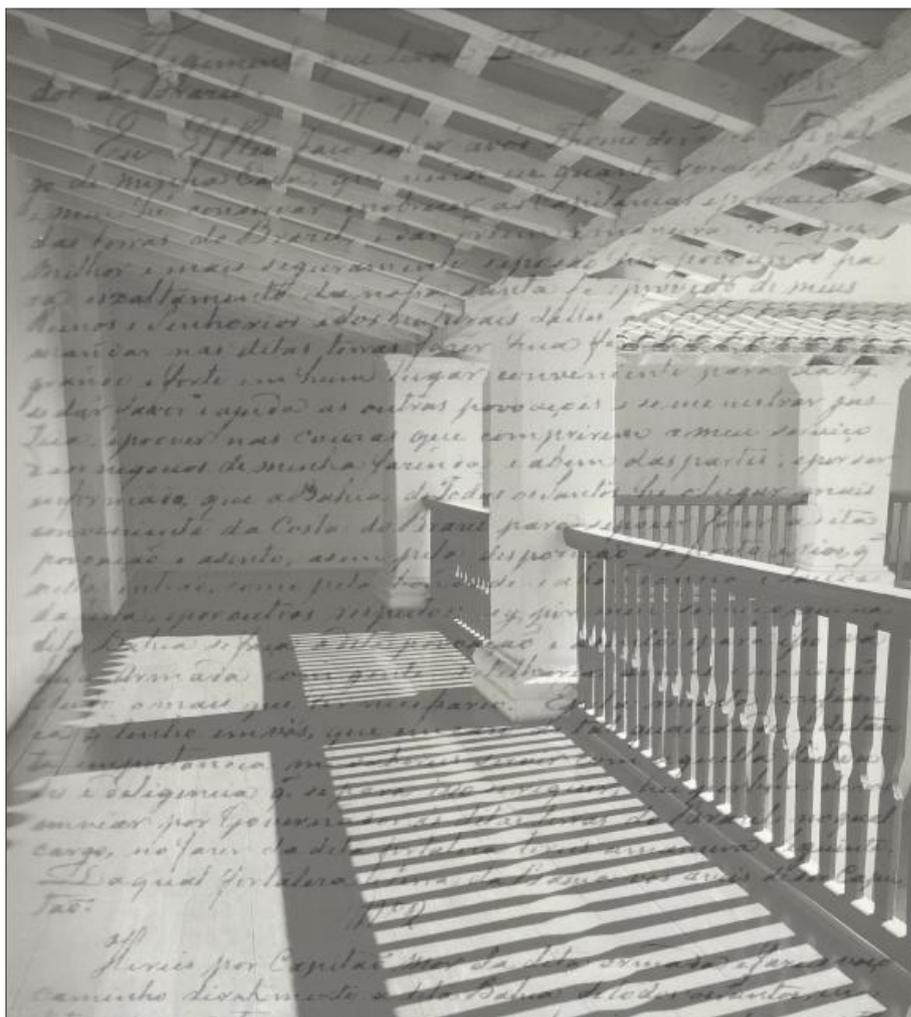
A arquitetura jesuítica nascia da quadra e esta da cruz *grega, latina*, ou em X. Em todos os lugares que edificaram, seja em colégios ou igrejas, capelas ou fortificações, fazendas ou traçado de cidades. Em sua forma básica, a cruz, em especial a *grega*, é o símbolo perfeito da união dos opostos, mantendo seus quatro braços com proporções iguais. Porque o traçado em linha reta numa arquitetura é simples, fácil, rápido, barato, geométrico, racional, ordeiro, disciplinador e funcional.

Logo, a geometria áurea dos jesuítas era ideal para a igreja em tempos de crise e reforma porque é severa, rápida, econômica e pode ser aplicada em qualquer lugar. Eles descobriram que o *cruzamento das linhas retas* seria o meio perfeito tanto para *satisfazer o espírito* da Companhia, quanto para dar forma a sua cruzada moderna, para centralizar, regradar, ordenar, organizar, disciplinar, rezar e meditar observando os céus, sentindo o vento e a luz, sociabilizar,

controlar, privar e defender com razão e perfeição o espaço do caminho sinuoso que era a grande obra de civilização e evangelização do Brasil.



## CAPÍTULO 4 – A CRUZ E A QUADRA COMO TRAÇADO REGULADOR DA REGRA, ORDEM, E CENTRALIZAÇÃO: MEIOS DE DEFESA, CONQUISTA, DOMÍNIO E CONVERSÃO



A Arquitetura do Regimento: Sobreposição do Regimento de 1548 na cruz da quadra e do pátio do Colégio dos Reis Magos (ES). Fotografia e Arte de Rogério Entringer.

“...um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse, onde dois eixos se cruzam em cruz.”

Lucio Costa (1902-1998)

#### **4.1. A cruz que assinala e que toma posse: as imposições do meio físico a favor da missão**

Os jesuítas do Brasil colonial não eram diferentes dos homens primitivos de Le Corbusier (2002) e a opção pela geometria quadrada, pelo ângulo e linha reta, era porque “ao entorno deles a floresta está em desordem”. As imposições do meio físico e social foram fatores que tanto auxiliavam quanto dificultavam a edificação da colonização onde a arquitetura religiosa está presente desde o princípio. Por isso os jesuítas optaram pela quadra e decorrente dela o pátio, porque ordenavam o meio, e ao mesmo tempo o quadrado sendo uma figura geométrica sagrada encontraria a geometria da natureza e com ela harmonizaria.

Assim, suas edificações são símbolos do ordenamento do espaço nos primórdios da colonização. Na chegada em 1549 até meados do século XVII era a casa comunal de múltiplos usos; depois do século XVII até a expulsão em 1759, foi substituída pela igreja, sacristia e cerca e as três alas que somadas ao corpo da igreja, formava a quadra, o pátio, o colégio, e a residência (NAJJAR, 2011) tal como propôs Francisco Dias.

E essa quadra era edificada em lugares estratégicos, preferencialmente altos. Isso tem três simbolismos: o primeiro de origem religiosa, o segundo de infraestrutura e o terceiro militar. Visitamos e fotografamos algumas das edificações localizadas ao alto, como por exemplo, o que restou da igreja da cidade alta de Salvador, ou do colégio de Porto Seguro hoje em ruínas; as residências e colégios do Espírito Santo como em Anchieta, Nova Almeida, e o local onde se implantou o antigo colégio de Vitória que descaracterizado tornou-se o Palácio Anchieta, e da mesma forma o que restou da antigo colégio de Guarapari; o colégio de São Paulo reconstruído segundo as características do século XVII, e o que restou da antiga igreja de Cananéia; as capelas de Niterói; as fotos históricas do antigo colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro; e as ruínas das antigas reduções do sul do país.

A escolha do lugar mais alto do sítio, no sentido cristão, pode significar a penitência, o pesar físico que o sujeito se submetia na subida árdua que era chegar à igreja, à casa de deus, ao céu, ou uma alusão ao sofrimento de Cristo na subida para o calvário. Mas edificar templos

no alto ocorre a longos séculos seja na Acrópole grega ou nos mosteiros da Idade Média. O alto é o lugar do divino, lá de cima se vê tudo; é o plogée fotográfico, ou seja, um plano de tomada do olhar de cima para baixo, uma visão planar e soberana de todos que estão embaixo.

Para os jesuítas, essa *visão do alto*, favorecia também o isolamento, que por sua vez favorecia o retiro, e sua paisagem entorpecedora era um canal de entrada para a prática da meditação, e conseqüentemente dos Exercícios Espirituais. Foi assim no colégio do Morro do Castelo no Rio de Janeiro (figura 47) e/ou nas capelas de São Lourenço dos Índios e de São Francisco Xavier em Niterói, com uma vista privilegiada para a baía da Guanabara, e da mesma forma em Salvador, porém, nesse caso, para a baía de Todos os Santos.

A escolha de um lugar estratégico para a implantação da quadra levando em conta o que seus arredores ofereciam foi uma regra, tal como a presença de águas de onde pudessem extrair recursos de sobrevivência e de matéria prima. Segundo Holanda (2005, p.41) “já nos primeiros tempos da colonização europeia, a presença de boas águas determinou muitas vezes a escolha dos sítios para instalação de povoados. Bons ares e boas águas: requisitos que andam sempre juntos e de certo modo, relacionados entre si”. A escolha do sítio e a ocupação do espaço para a fundação de suas propriedades não podia deixar de ser também uma recorrência aos clássicos da antiguidade e ou dos castelos medievais. Custódio (2002, p.104), quando transcreve a fala do padre Antonio Sepp, jesuíta a serviço da coroa espanhola, atuante nas missões que hoje pertencem ao estado brasileiro do Rio Grande do Sul, diz que:

este (Antonio Sepp) demonstra sua extensa bagagem cultural europeia, citando explicitamente o modo de proceder usado dos romanos, que foi historicamente resgatado a partir do Renascimento: “Explorar o sítio era tão necessário a nós como todos os de Europa, antes de povoarem uma terra, e aos romanos antes de tomarem posse das colônias; Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso etc...a que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigados por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade e claridade; cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para fabrico de telhas e tijolos e mil outras coisas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação.

Com exceção de São Paulo do Piratininga (1554), o mapa do Brasil do século XVI era litorâneo<sup>29</sup>, portanto, o que há de mais antigo em termos de arquitetura de cunho europeu encontra-se no litoral. Nesse sentido, das propriedades inicianas que visitamos muitas concentravam-se à beira-mar compreendendo hoje cidades como Salvador (BA), Porto Seguro (BA), Vitória (ES), Nova Almeida (ES), Anchieta (ES), Guarapari (ES), Rio de Janeiro (RJ), Niterói (RJ), Rio das Ostras (RJ), Santos (SP), Cananéia (SP) e Paranaguá (PR).



Figura – 47 – Espaço estratégico para conquista, domínio e defesa – O colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo – década de 1920 – Rio de Janeiro - Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro.

---

<sup>29</sup> Nessa época o povoamento e urbanização eram São Vicente/SP (1532), Porto Seguro/BA (1535), Santa Cruz de Cabralia/BA (1536), Ilhéus/BA (1536), Igaracu/PE (1536), Olinda/PE (1537), Santos/SP (1545), Salvador/BA (1549), Vila Velha/ES (1551), Vitória/ES (1551), Itanhaém/SP (1561), Rio de Janeiro/RJ (1565), Filipéia/actual João Pessoa/PB (1585), São Cristóvão/SE (1590), Natal/RN (1599) e Cananéia/SP (1600). No século XVII aparecem São Luís/MA (1612), Cabo Frio/RJ (1615), Belém/PA (1616) e Paraíba (1676).

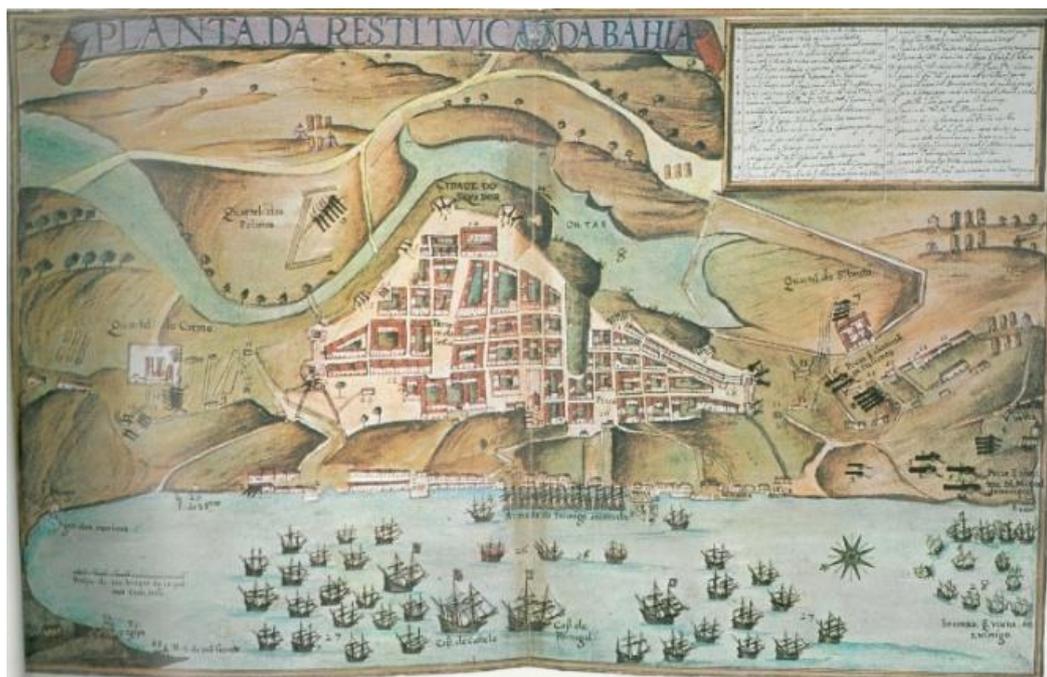


Figura 48 - Estratégias de ocupação do espaço e do sítio O colégio dos jesuítas, em forma de quadra, ângulos retos, planar e regular ocupa o centro do espaço fortificado. Mapa da Restituição da Bahia – de João Teixeira Albernás – Data – 1631 – Mapoteca do Itamaraty. Reprodução de Holanda (1972).

As regiões de baías sempre foram essenciais para a ação jesuíta, por isso que Salvador (figura 48) e São Vicente (figura 49) foram suas duas primeiras bases no Brasil, uma atendia a região Nordeste e outra o Sul. As propriedades edificadas próximo a baías são os colégios de Salvador, Santos, Vitória, Rio de Janeiro, Paranaguá e as capelas de Niterói. Entre as edificadas ao alto em frente a região portuária estão os antigos colégios de Salvador e Vitória.

Edificar em locais estratégicos a beira mar e as margens de foz de rios era um signo jesuítico no Brasil. Os rios eram verdadeiras estradas que ligavam seus colégios, que eram bases operacionais para a conquista e o domínio. Eram pelos rios que iniciavam as expedições em busca de riquezas e ou em busca dos índios através dos diálogos de conversão. Dentre as que visitamos, edificadas a beira mar e próximo a foz de rios estão as ruínas do antigo colégio de Porto Seguro e o rio Buranhém, a igreja e a residência de Nossa Senhora da Assunção em Anchieta e o rio Benevente, o colégio dos Reis Magos e o rio Reis Magos em Nova Almeida, a igreja de São Pedro da Aldeia e a região dos lagos, e o colégio de Paranaguá e o rio Itiberê.

A Companhia de Jesus não ficou restrita ao litoral, avançou ao interior, mas sempre edificando quadras às margens de rios. Nos primeiros tempos da colonização, havia um plano para manter os agentes e agenciadores sociais nas encostas dos mares. Segundo Holanda (1999), estipularam por meio das cartas de doações das capitanias hereditárias que era proibido adentrarem



Outras imposições do meio natural foram essenciais para a conquista e o domínio do Brasil, como por exemplo, a atual *Região dos Lagos* no Rio de Janeiro, com seus ventos fortes e cotidianos que possibilitavam içar velas rápido numa eventual fuga ou ataque. Ou navegar pela costa entre Angra dos Reis até Cananéia que exigem conhecimentos náuticos profundos para não serem tragados por ventos e tempestades ou afundados por rochas. Ou as ilhas que serviam para construir cidades, fortificações e defender o espaço triangulando tiros, além da dificuldade de serem invadidas. Ou os arredores de baías, enseadas e penínsulas que são abundantes em toda a extensa costa litorânea brasileira e que ofereciam portos secretos e seguros.

A hidrologia foi fortemente utilizada não só como fator de defesa, transporte e comunicação, mas como extração de recursos básicos e de matéria prima construtiva como exemplo, as ostras que viravam alimento e depois cal, que junto com a areia e as pedras colhidas, sejam nos rios, ou em recifes de corais, eram utilizadas na alvenaria das paredes de suas quadras.

Em lugares frios, a neblina também servia como estratégia de defesa, um esconderijo efêmero e natural pois impossibilitava a visão, como ocorre nas regiões geladas das antigas missões do sul ou nas serras do mar. As regiões serranas, sem sombra de dúvida, também proporcionavam fatores importantes no projeto colonizador, civilizador e evangelizador que a Companhia tinha para o Brasil. Dentro de uma colonização inicialmente litorânea foi preciso conhecer, dominar e vencer as serras para que os primeiros jesuítas conseguissem adentrar o interior e fundar novos lugares. Relata Taunay (1953) que Nobrega depois do “vencimento da muralha paranapiacabana que exigia ingente esforço nos trilhos cortados de resvaladouros, de profundos despenhadeiros, subiam e desciam às vezes de gatinhas” para fundar em quadra, São Paulo do Piratininga.

Ocuparam a serra de Ibiapaba no Ceará entre 1655 e 1759, a chapada dos Guimarães no Mato Grosso, andaram pela serra da Mantiqueira, pela serra capixaba, e há relatos de que também andaram pelas serras de Garuva e de Urubici em Santa Catarina. As montanhas ofereciam esconderijo e recursos diversos de sobrevivência e de estrutura construtiva como nascentes de rios, madeira, pedra e barro. E para os jesuítas ofereciam também o nascente e o poente do sol, o silêncio, o vento, o clima frio e puro que favorecem o retiro, o isolamento e a austeridade da alma e potencializar a capacidade de interiorização e desabrochar o autoconhecimento que leva ao encontro de deus.



O Rio de Janeiro com suas montanhas e seu porto, foi fundado como uma praça de guerra, e o colégio é o símbolo disso, e inerente a fundação da cidade. Bastamos ver o levantamento e as plantas realizados pelo engenheiro militar suíço Jacques Funck (1715-1788), nove anos depois da expulsão dos inicianos, para transformar o Colégio dos Jesuítas em Hospital Militar, como parte de um projeto maior que era fortificar urbanizando a cidade durante o vice-reinado do Marques do Lavradio (1769-79), homem forte do Marquês de Pombal, implacável algoz dos jesuítas. A importância dos levantamentos feitos por Funck sobre o colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro é tamanha porque são documentos que tornam visíveis ao pesquisador como era o projeto feito por Francisco Dias (figuras 52 e 53).

O que interessava Funck era a relação entre a tipologia do partido e do programa jesuítico e do hospital que ele propunha. A natureza da arquitetura militar presente na arquitetura dos jesuítas mereceu destaque em Funck, ele entendeu a importância de sua localização para o remodelamento, defesa e urbanização, principalmente por sua característica militar, localizado estrategicamente no alto do morro, dividindo espaço com a fortaleza de São Sebastião, com domínio visual total da entrada da Guanabara, e representava a arquitetura do *Regimento de 1548*, ou seja, o enlace entre o poder régio e o poder concílio (figura 52).



Figura 52 - No alto, ao lado da fortaleza de São Sebastião está o colégio dos jesuítas do Rio e Janeiro - Plan de la forteresse de São Sebastião, située sur une Hauteur du sud – Jacques Funck – 1768 – Reprodução da Cartografia - Serviço de Documentação da Marinha – Divisão de Obras Raras e Mapoteca do Rio de Janeiro.

O programa em quadra de Francisco Dias do antigo colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro interessou Funck pois possuía boticas e seus cubículos tinham diversas funções, entre elas, dormitórios, que podiam agrupar diversas pessoas em seus corredores. O próprio colégio fora fundado pelos jesuítas como um forte quadrado. Naturalmente que nos planos de Funck, o hospital também teria essa função. A localização era favorável para os doentes da guarnição, oferecia segurança, pois subir o Morro do Castelo era tarefa árdua, além de oferecer uma paisagem única proporcionada pelas montanhas do lugar, favorecendo a recuperação dos pacientes.

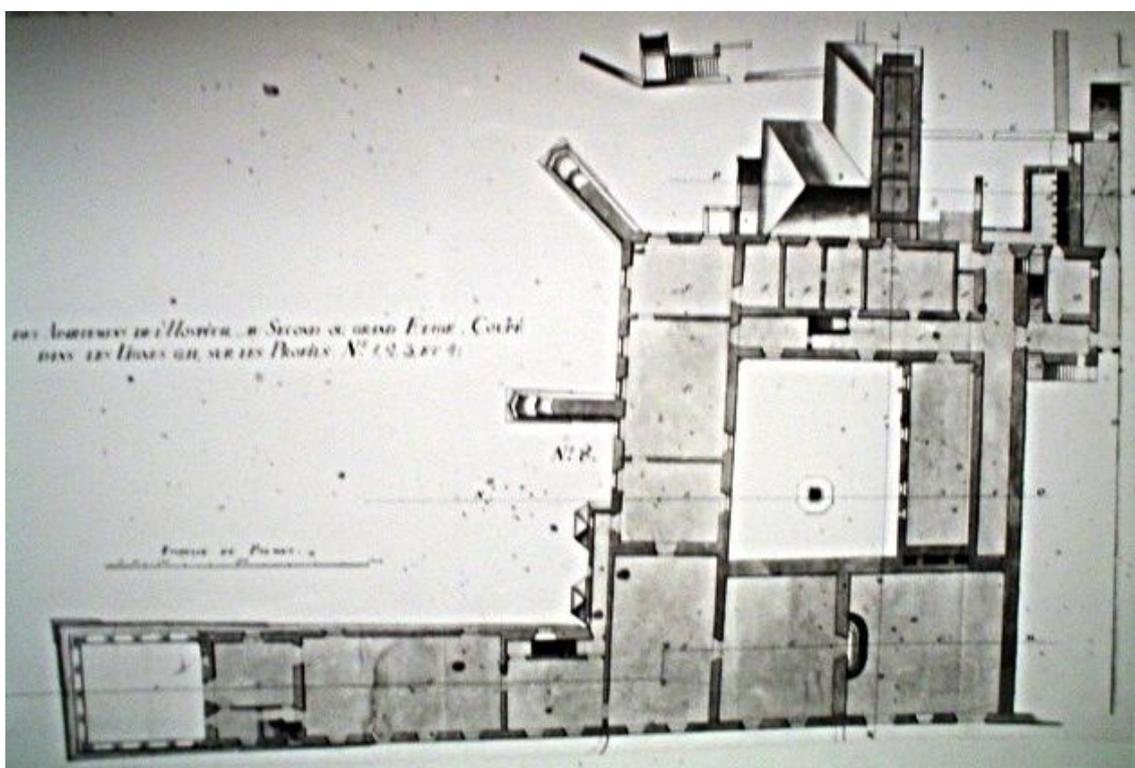


Figura 53 – O plano de Francisco Dias visível no levantamento feito por Jacques Funck para a substituição do colégio dos jesuítas em Hospital Militar. Plan des Apartemens de l'Hospital au troisieme Etage, coupé, dans les lignes sur les profils.

Assim, é impossível não relacionar o papel dos jesuítas com suas cruzes, quadras e pátios, na fundação e formação das primeiras cidades brasileiras, onde muitas vezes era o cruzamento de duas rotas que unia cabeça de uma ponte ou uma baía do litoral que determinava a localização dos primeiros estabelecimentos, como bem observou as diretrizes da Carta de Atenas dos CIAMs, ou como queria Lucio Costa em sua Brasília, ou seja, um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse, onde dois eixos se cruzam em cruz.

Como homens no Brasil dos séculos XVI ao XVIII os jesuítas sabiam que eram reféns do meio, e também dos perigos da natureza. Os núcleos construtivos estavam sob o risco de

perigos da escuridão que proporcionavam ataques de animais ou inimigos, de tempestades, fortes ventos e chuvas, frio e calor. Assim, traçaram estratégias de adaptação e tiravam proveito do sitio natural e da geografia do lugar em que estavam inseridos para um único fim, realizar suas missões. A quadra com pátio central funcionou em todo o Brasil, porque aplicava-se tanto nos climas quentes e litorâneos cuja função era de ventilar, quanto nos climas frios dos planaltos e das pradarias cuja função era de, com a luz do sol, aquecer; e em ambos os casos serviam para iluminar a edificação, ou, dentro dela serem iluminados pelo sol, pela lua, pelas estrelas, pelo contato com o céu e com deus. Por isso lançaram mão da geometria sagrada, armada e universal da cruz do retângulo e do quadrado, porque atendiam a todos esses requisitos.

#### **4.2. A cruz e a quadra armada: conquista e defesa**

A quadra e o pátio são também espaços de defesa. É interessante ressaltar o binômio entre religião e guerra, afinal, desde os remotos templos primitivos os homens estavam preocupados também em defender seu espaço sagrado. Assim, o espaço intramuros das altas e pesadas paredes quadradas, quadrangulares e retangulares ofereciam segurança, além de um cinturão fortificado único que é barato, fácil e rápido de fazer, bem típico dos modos portugueses nos primeiros agenciamentos na história do Brasil colonial. Além de proporcionar uma circulação protegida, exercendo sobre as pessoas um controle social, a quadra e o pátio são também uma forma de segregar, confinar, controlar, regradar, disciplinar e reduzir.

Os primeiros jesuítas podem ser conhecidos como homens de guerra, pois tinham o papel de conquistadores, soldados na luta contra invasores e corsários, eram agentes da coroa no processo de posse atrelado ao processo de povoamento. Assim, não hesitaram em usar os traçados reguladores da cruz e da quadra para a edificação da conquista, do domínio e da conversão, seja pela aculturação e inculturação ou pela bala do canhão.

A Companhia de Jesus nasceu sob o signo de defesa, luta. Aliás, só seria fundada depois que Inácio de Loyola fora atingido por uma bala de canhão que lhe varou as pernas na defesa da Fortaleza em Pamplona em 1521, onde era capitão de companhia. Loyola e Claraval tem muito em comum, uma mistura entre guerra e redenção divina. Como já dissemos, Inácio renasce da condição de quase morto e durante sua longa recuperação lê a *Vita Christi*, de Rodolfo da Saxônia, e a *Legenda Áurea*, sobre a vida dos santos, de Jacopo de Varazze, monge

cisterciense, tal como Claraval, que comparava o serviço de deus com uma ordem cavaleiresca (BOTERO, s/d), logo, não seria inválido argumentar que os Exercícios Espirituais fixados por ele seria uma revivência mais espiritualizada da *Régle du Temple*, o manual religioso-militar adotado pelos monges templários por orientação de Bernard de Claraval.

O termo *Companhia*, entre os jesuítas, tem duas simbologias, uma militar e outra mercantil. Como militar, é uma unidade composta por sessenta a duzentos e cinquenta homens e tradicionalmente comandada por um capitão, normalmente dividida em dois ou mais pelotões, com várias companhias a formarem um batalhão. Tipicamente, a companhia é a menor unidade de um exército a dispor de autonomia administrativa e logística e apareceu nas milícias europeias da Idade Média. Soldados do batalhão de Cristo que em número reduzido tinham o objetivo de dispersarem-se pelo mundo, mesmo nos lugares mais inóspitos, havia um jesuíta e com ele estava toda a Companhia.

Como mercantil, *Companhia* designa uma organização, pois implica tanto independência financeira para que as iniciativas tenham sucesso, quanto o convencimento pelo discurso, pelas ideias, similar a um negociante (LIMA, 2008). Segundo Ferreira Jr e Bittar (2012, p.709) era “uma grande empresa mercantil ligada ao mercado internacional de circulação de manufaturas”.

Mas há um terceiro termo com simbologia a acrescentar: o da *companhia* intelectual, afinal, Loyola havia passado por três grandes universidades como Alcalá, Salamanca e Paris. Lutero também era um intelectual, professor da Universidade de Wittenberg e defendia que a vida eterna não dependia de indulgências e sim do que as pessoas acreditavam. O reino dos céus era dado a quem tinha fé e não dos esforços penosos para a igreja, pregava a igualdade entre os servos de deus e o espírito mercantil como uma virtude e não com um pecado.

Em contrapartida, Loyola desenvolvera um método inédito de contato com deus que vinha da crença no conhecimento pessoal, também era dotado de um espírito mercantil e de uma crença na igualdade entre os homens, especificamente os do clero. A grande sacada dos jesuítas foi penetrar na crítica reformista e, depois de conhecido o inimigo, utilizar suas próprias ideias como arma para fortalecer os valores tradicionais da Igreja na Contra-Reforma. Era uma congregação ibérica fundada por um militar intelectual convertido ao catolicismo romano com forte característica de guerreiro de Cristo, visando a aplicação da Contra-Reforma, seja na luta corporal ou no embate teórico, teológico e filosófico contra o avanço protestante no século XVI.



Figura 54 – O martírio. Detalhe da cartografia intitulada Mision de Mojos de la Compania de IHS de el Peru – 1756. Reprodução de FURLONG, Pe. Guillermo Cardiff. Cartografia jesuítica del Rio de La Plata. Buenos Aires: Talleres A. Casa Jacobo Peuser Ltda, 1936. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Os jesuítas eram revolucionários na igreja, pois, fundia o sagrado com o intelectual, o militar e o mercantil. O espaço da *guerra*, do *pensamento* e ou do *empreendimento* era o espaço de *deus*. Eram disciplinados, em pequeno grupo, mais muito bem constituído e encaravam suas missões como santas: era o martírio numa guerra pela fé sem piedade, afinal, a morte em combate é gloriosa (figura 54).

Segundo Feiber (2013, p.76):

o governo da Companhia de Jesus funciona como uma monarquia absoluta. É comandada por um Superior (igual a um General) numa forma militar – quer dizer com obediência absoluta ao Papa – como se fosse um monarca do absolutismo (e não da Idade Média). Este poder é, dentro da Ordem jesuítica, hierarquizado a partir da seguinte forma: Superior Geral (General), Profissionais, Coadjuutores temporais e espirituais, Estudiosos (Acadêmicos/Professores) e Noviços.

Eram exímios intelectuais, professores, teóricos, tratadistas e engenheiros militares desde de século XVI até o XVIII<sup>30</sup>. Segundo Serafim Leite (1953, p.41) “nos inventários dos colégios assinalam-se livros de arquitetura grega e militar”. Logo, suas quadras e suas edificações eram colégios religiosos, fazendas, igrejas ou uma capelas armados. Oliveram (2013, p.02) aponta que:

em Portugal, foi no reinado de Felipe II, quando a sua cabeça coroada decidia o destino de dois reinos, que se estabeleceu a criação do um ensino básico de fortificação, que seria ministrado a todos os alunos do colégio de Santo Antão, dos padres da Companhia de Jesus. Este pormenor, que envolve o ensino jesuítico, é destacado por Cristovão Ayres, o qual encontrou na Real Biblioteca da Ajuda documento que decretava a vinda da Espanha (Valença) do padre Roldão, jesuíta, para o colégio referido, para reger a disciplina de fortificação “criando com a sua lição” indivíduos entre os quais fosse possível escolher os que pela sua capacidade fossem dignos de se aperfeiçoarem na Flandre.

---

<sup>30</sup> Uma lista elaborada por Oliveram (2013, p.07 e 09), enumera os principais tratadistas jesuítas e suas obras conhecidas. Dentre esses, destacamos:

- Sempilio, Ugo. Jesuíta, linguista e matemático. Prof. da Academia de Madri. Tratado: De disciplinis mathematicis libri duodecim. Antuérpia, 1635.
- Fournier, Georges. Jesuíta francês. Texto: *Traité des fortifications, ou Architecture militaire tiré des places les plus estimées de ce temps, pour leurs fortifications divisé em deux parties. La première vous met en main les plans, coupes, et élévations de quantité de places fort estimées, et tenues pour très bien fortifiées. La seconde vous fournit de pratiques faciles pour en faire de samblables.* Paris 1648.
- Curtz, Albert. Jesuíta que usava o pseudônimo literário de Sigfried Hirsch. Texto: *Amussis Ferdinanda sive problema Architectura militaria*, Munique, 1651. Obra revista e republicada em outras partes em 1654 e 1662
- Bourdin, Pierre. Jesuíta francês. Texto: *L’architecture militaire, ou l’art deW fortifier le s places.* Paris, 1655.
- Brueil, Jean du. Jesuíta francês. Usava o pseudônimo de Senhor de Bitainvieu. Texto: *L’art universel des fortifications Françaises, Hollandoises, Espagnoles, Italiebbes, et Composées; avec l’art d’attaquer les places fortifiés par les surprises, et par la force, et aussi de défendre les places fortifiés contre les surprises, e contre la force.* Paris, 1665.
- Tacquet, André. Jesuíta, professor de matemática da Universidade de Anversa. Texto: *Opera mathematica.* Antuérpia, 1669. Reeditada em 1707 e traduzida para o inglês em Londres em 1672.
- Eschinardi, Francesco. Jesuíta romano. Professor de filosofia em Florença e Roma e de matemática em Perúgia. Usava o pseudônimo de Constanzo Amichevoli. Texto: *Architettura militare ridotta a método facile, e breve col modo distinto di formare ciascuna parte.* Roma, 1684.
- Cassani, Giuseppe. Jesuíta, mestre de matemática do Colégio Imperial dos Jesuítas de Madri. Texto: *Escuela militar de fortificacion ofensiva, y defensiva, Arte de fuegos, y d’esquadronar, donde se ensenna lo que debe saber qualquier Soldado para proceder con inteligencia en las funciones de sitiar, o defender las Plazas, disponer fortines; uso de la artilleria, y de las bombas, con la theoria de los movimientos de um esquadron.* Madrid, 1705.
- De Aquino, Carlo. Jesuíta napolitano. Autor de diversas obras poéticas e de oratória, professor de eloquência e Prefeito de Estudos na Universidade Gregoriana. Texto: *Lexicon Militare*, Roma, 1724.
- Stafford, Ignácio. Jesuíta, matemático. Irlandês formado na Espanha e por muito tempo professor do Colégio de Santo Antão. Confessor do marques de Montalvã e com ele esteve por alguma tempo em Salvador. Tratado manuscrito na BN de Lisboa. Códice 240 da Coleção Pombalina: “Obras Matematicas” – Varias obras Mathematicas compuestas por el P. Ignacio Stafford mestre de mathematica en el Colegio de S. Anton de la Compañia de Jesus y no acabadas por causa de la muerte del dicho padre. Lisboa Año 1638.
- Gonzaga, Luiz. Jesuíta, professor de matemática do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, dirigiu teses sobre fortificação e tem um tratado manuscrito inédito na biblioteca da Ajuda: Exame Militar.

Continua Oliveram (2013, p.06) dizendo que:

desde os primeiros momentos da fortificação do Brasil, encontramos a presença de padres jesuítas no desenho das nossas praças. Um dos fortes mais interessantes que temos no nosso litoral norte é o Forte dos Reis Magos, em Natal, projeto do padre jesuíta Gaspar Samperes, iniciado em 6 de janeiro de 1598.

Com isso, vemos que a historiografia aponta fartamente a participação dos missionários jesuítas na construção de fortes e cidades (que muitas vezes eram atribuídos nomes relacionados a milagres em feitos militares em guerras e combates, a exemplo de Ajuda, Salvador, Vitória), “na defesa interna, na mobilização militar, na catequização, na educação, na contra insurreição, tanto militar, quanto psicológica (KITAYAMA e FARIAS, 2008, p.08), onde a cruz, a quadra e os pátios eram o lócus central, regrador e ordenador disso.

#### *4.2.1. A cruz e as geometrias quadradas de guerra*

Assim que pisaram na América os jesuítas experimentaram suas teorias de geometrias de guerra e perceberam que a cruz e a quadra nos traçados reguladores servia para defender deus do diabo, ou melhor, os reis e os papas dos seus inimigos, e de forma que guardassem os tesouros das terras americanas, dos luxuriantes mares verdes e azuis.

A cartografia militar (figura 55) do forte de San Bruno, o primeiro a ser fundado nas Califórnia, junto a missão de San Bruno (atual México), feita em 1683 pelo padre jesuíta Eusébio Kino, mostra que as fortificações jesuíticas eram baluartes modernos. Trata-se de uma fortificação de caráter trapezoidal com dois baluartes pentagonais nas pontas, onde existem também dois telescópios. A cruz de madeira como símbolo de guerra balizava a edificação localizada no alto de uma colina. Dos ângulos de linhas retas nasciam suas cortinas, do quadrado e do retângulo nasciam suas igrejas, armazéns e depósitos.

A edificação militar jesuíta tinha de ser geométrica, porque deveria ser precisa. Tem forma trapezoidal com dois bastiões de traçado triangular que era para dar rigidez às cortinas, e que, tamanho era a austeridade e a economia dos jesuítas em solo americano, que esses bastiões muitas vezes serviam como revelins. Logo, essa planta mostra que tanto o triângulo quanto o telescópio foram utilizados pelos jesuítas, mestres na engenharia militar, porque eles

davam muito valor na rigidez e na alta tecnologia de observação a favor da conquista, defesa e controle da missão.

A razão da guerra era a geometria. A fortificação abaluartada é um estilo de fortificação desenvolvido, inicialmente, na Itália, a partir do final do século XV, para fazer frente ao desenvolvimento da artilharia, já capaz de destruir facilmente as altas muralhas medievais. É preciso lembrar que o modelo de fortificação no Brasil colonial é moderno, vindo de Elvas, Portugal. Os portugueses foram influenciados pelas escolas italiana, francesa e dos países baixos. Assim, a América foi um campo de experimentação da fortificação geométrica abaluartada moderna.

Dentre as mudanças entre as tipologias medievais e modernas, destacamos as muralhas que devam origem aos baluartes; o aldarve deu lugar aos caminhos cobertos; os castelos e as alcáçovas deram origem as praças-fortes e cidadelas; os barbacãs deram origem aos revelins; os balestreiros deram origem as troneiras; os cubelos deram origem aos bastiões; o fosso medieval permanece mais acoplado aos reparos; as torres de cerca deram origem as guaritas; as almeias são substituídas pelas barbetas; e os espaços de contramobilidade foram se modificando em espaços labirínticos. Logo, a essência do plano de fortificação moderna consiste em projetar espaços que defendem espaços, razão e geometria para agenciar o espaço da guerra.

E nessas geometrias armadas de guerras, os jesuítas tinham uma peculiaridade, privilegiavam geometrias que regravam e centralizavam e dentro de seus fortes geométricos, o pátio, cuja função era a de uma praça de armas, era o centro da praça forte, o espaço principal da guerra e de forma alguma poderia ser invadido (figura 56).

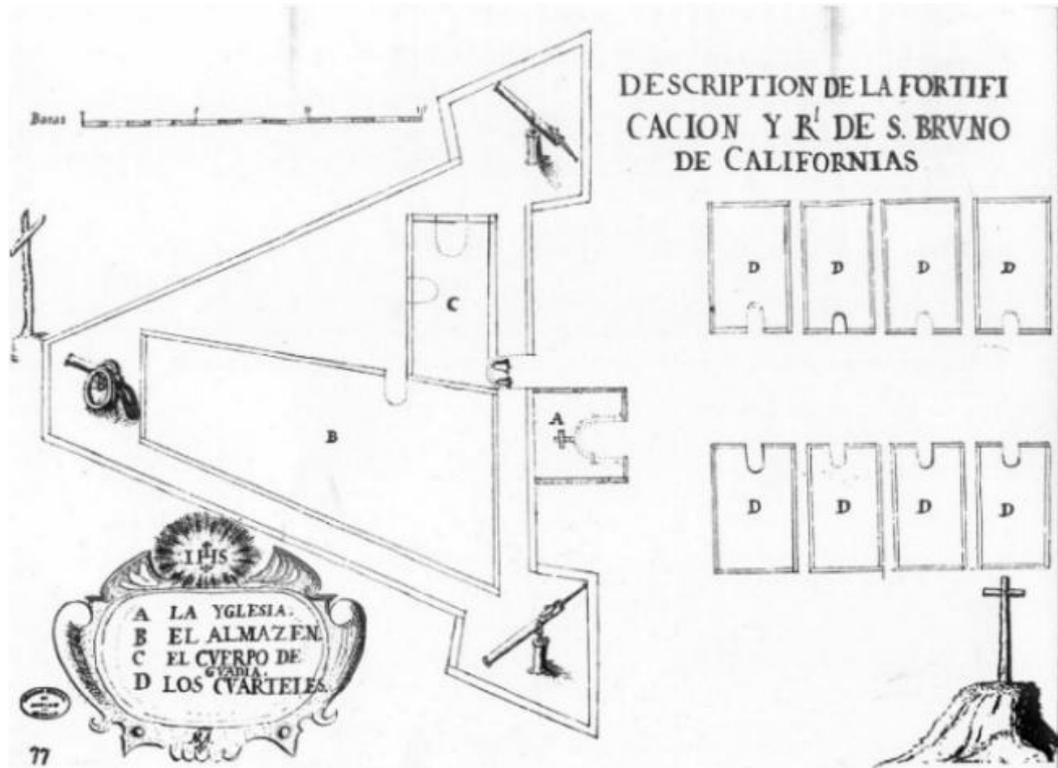


Figura 55 - A cruz nos traçados reguladores como meio de conquista, domínio e defesa. Descripción de la fortificación y RL de S. Bruno de Californias – Autor – Padre Eusebio Kino – 1683 - Reprodução de O Compasso e a cruz [CD-ROM]: cartografia Jesuítica da América Colonial. Reprodução de (BARCELOS, 2006). Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Figura 56 - Forte poligonal que nasce de um pátio quadrado - Reis Magos – risco atribuído ao padre jesuíta Gaspar de Samperes – 1597 – Natal – RN – Acervo do IPHAN - 1999. Disponível em <[http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id\\_fortaleza=417](http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=417)> Acesso em 10 Jan.2015

#### 4.2.2. As seteiras: luz, ventilação e defesa

Nos colégios, fazendas, igrejas e capelas jesuíticas existiam seteiras, isto é, uma abertura para permitir o disparo de armas, servindo também como vão nas paredes para entrada de vento e luz. Quanto mais estreito era o risco do rasgo, mais luminosidade claro escuro criava e que favorecia a meditação mesmo estando na guerra. As seteiras surgiram desde os remotos tempos da arquitetura e servia também como janela. Durante o período medieval, era formada por uma faixa vertical, usadas pelos arqueiros franco atiradores, ou mesmo para observar o que acontece ao redor, é observar sem ser observado, é atingir sem ser atingido.

Feitas de alvenaria e ou cantaria de pedras e ou barro, nos colégios jesuítas, as seteiras em faixa mais estreita eram utilizadas para flechas conservando a tipologia e forma medieval; no entanto, haviam as mais modernas, feitas com peitoril e vergas inclinados para o interior, que servia para atirar com novas armas como os arcabuzes, mosquetes, bacamartes e para penetrar mais luz. De qualquer modo, faziam parte da cruz das geometrias quadradas de guerra e tinha a linha reta como traçado formador com a função de vigiar, defender, iluminar e ventilar a quadra armada.



Figura 57 - Da esquerda para a direita: Seteira do Colégio dos Reis Magos – 1580 - 1615 – Nova Almeida – ES; Seteira da Igreja de Nossa Senhora da Assunção – 1585 - 1600 – Anchieta - ES – Fotografias de Rogério Entringer – 2012; e Seteira das ruínas da antiga missão de São Lourenço Mártir – 1690 – São Luiz Gonzaga - RS – Fotografia de Rogério Entringer – 2013



Figura 58 – A geometria dos espaços jesuíticos lembram a segunda fase de Le Corbusier em Ronchamp. Seteiras da antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição – 1658 – Campos dos Goytacazes - RJ – Fotografia de Rogério Entringer - 2012

*4.2.3. As janelas conversadeiras e os campanários: comunicação com o núcleo e ponto de observação na guerra, defesa, Exercícios Espirituais e trocas de experiências*

O campanário é utilizado na arquitetura religiosa desde a época paleocristã. Os primeiros castelos espanhóis e portugueses originaram-se das atalaias, ou seja, construções de torres em pontos de observação de lugares altos, para informarem ou darem cobertura em conflitos, invasões e ou guerras. Encontramos na arquitetura românica portuguesa o campanário anexo à igreja, seus riscos eram geométricos, um bloco quadrado e retangular áureo vertical coroado com um triângulo. Dessa mesma forma, encontramos campanários cistercienses e mudéjares portugueses coroados ora por um triângulo, ora pela meia laranja, e tanto um quanto o outro estão presentes também na arquitetura árabe.

Ora, era exatamente dessa forma que também constituíam-se os campanários jesuíticos no Brasil. Alguns eram coroados com singelas linhas e ornamentos ondulados barrocos, porém, na maioria dos casos eram blocos geométricos retangulares coroados de forma triangular ou em meia laranja (figuras 37 a 43) unido a fachada. São retângulos que nasciam das vértices de quadrados encimados pelas figuras geométricas ou do triângulo e ou do semi-círculo, conhecido como meia laranja árabe<sup>31</sup>.

Assim, o campanário ou a torre sineira das igrejas e capelas serviram ao programa e ao partido arquitetônico jesuítico no Brasil porque era um elemento de defesa. Podemos considerar que era a guarita mais alta da edificação. Era um elemento importante na composição do espaço da quadra armada, ponto de visão que proporciona olhar o horizonte retilíneo seja no mar, nas pradarias, colinas ou campos gerais, harmonizando com as formas do programa e do partido, também retilíneos.

Para um jesuíta, que era responsável pela vigia, em tempos de paz ou de guerra, a visão lá do alto era um convite à reflexão sobre a grandeza da obra de deus, alcançada de forma contemplativa via Exercícios Espirituais. E ao badalar seus sinos, também comunicavam, disciplinavam, regiam, controlavam o tempo e os ritos.

<sup>31</sup> COSTA, (1941) faz a distinção entre o campanário em meia laranja e triangular. Segundo ele, “quando a cobertura das torres era feita com tijolo, ficava sempre à mostra, pelo lado de fora, o acabamento natural do extradorso caído, em forma de "meia laranja", indicando-se assim, sem rebuços, a boa influência da técnica moçárabe. Quando era feita com pedra e cal prevalecia geralmente o acabamento em forma de pirâmide”.

Outro elemento importante nas quadras jesuíticas eram suas janelas conversadeiras. Tomamos como exemplo, três delas. A primeira é a do colégio dos Reis Magos (1580-1615) localizado no distrito de Nova Almeida, no município de Serra, no Espírito Santo. A janela tem verga, peitoril, ombreiras e porta feitos de madeira. A porta é de régua, cor azul. Tem dois acentos, um de frente ao outro e está localizada no final do corredor, de frente para o mar, com vista para a foz do rio Reis Magos. A segunda janela é a da sede da antiga fazenda de Nossa Senhora da Conceição de Campos dos Goytacazes, atual Solar do Colégio, no Rio de Janeiro, edificada entre 1650 e 1690. Assim como no colégio dos Reis Magos, aqui a janela também tem verga, peitoril, ombreiras e porta de madeira. A porta da janela é almofadada dupla de cor verde, com dois acentos, um de frente ao outro, feitos de alvenaria de tijolo de adobe e está localizada no final do corredor, de frente para o campo. A terceira janela conversadeira é a do antigo colégio de Paranaguá, atual Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, construído entre 1740-50 no Paraná. A janela tem verga, peitoril e ombreiras de madeira. A porta da janela é almofadada dupla de cor verde, com dois acentos um de frente ao outro, feitos de alvenaria de granito com argamassa de cal (marisco triturado ou de recifes), areia e óleo de baleia; e está localizada no final do corredor, de frente para o mar e para a foz do rio Itiberê (figura 59). Todas essas janelas tem riscos retangulares que nascem do cruzamento de duas linhas retas, ou seja, da cruz reguladora e geométrica, com uma sobriedade e uma austeridade de impressionar.



Figura 59 – Da esquerda para a direita: Janelas Conversadeiras do Colégio dos Reis Magos de 1580/1615, ES, da Antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Igreja de Santo Inácio de Loyola, atual Solar do Colégio de 1658, localizado em Campos dos Goytacazes – RJ – Fotografias de Rogério Entringer – 2012; e do Antigo Colégio dos Jesuítas de Paranaguá de 1740/59, e atual Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR de Paranaguá – PR – Fotografia de Rogério Entringer - 2013.

Existe uma tipologia em comum nas quadras às quais integram essas janelas conversadeiras, e a fotografia torna visível isso. As três fotografias tem em comum o enquadramento vertical, para proporcionar uma simetria no objeto de registro escolhido, ou seja, as janelas conversadeiras do fundo dos corredores; o contra luz de uma luz que entra e distribui uma luminosidade difusa, introspectiva, solitária, isolada e reflexiva; as portas de madeira e os acentos um de frente ao outro, voltados a paisagem natural campestre ou marinha (figura 60).



Figura 60– Janelas para o campo e para o mar: defesa e introspecção. Da esquerda para a direita o Colégio dos Reis Magos de 1580/1615 de Serra/ Nova Almeida (ES); e a Fazenda Campos Novos de 1690, em Cabo Frio (RJ). Fotografias de Rogério Entringer - 2012

Se indiciarmos o signo das janelas conversadeiras e investigarmos sua história, sua tradição, veremos que ele existe na arquitetura portuguesa desde a Idade Média, como é o caso do Castelo de Santa Maria da Feira, do século XI (figura 61), e dos Castelos de Beja e Leria, ambos do século XII (figura 62). Construídas de cantaria de pedra, permitem a entrada de elementos como luz e ar, mas também possibilita a extensão do olhar como um indivíduo que participa da ação observada.



Figura 61 - Seteira em cruz com conversadeira - Castelo de Santa Maria da Feira, Portugal, século XI. Disponível em <[http://fortalezas.org/midias/jpg\\_originais/01140\\_003764.jpg](http://fortalezas.org/midias/jpg_originais/01140_003764.jpg)> Acesso em 10 Jan.2015;



Figuras 62 - Da esquerda para a direita: Janela Conversadeira do Castelo de Leiria, Portugal, século XII. Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/42054691>>; e Janela Conversadeira do Castelo de Beja, Portugal, século XII. Disponível em <<https://archromosome.wordpress.com/tag/beja/>> Acesso em 10 Jan.2015.



Figura 63 – A cruz e a quadra, dos espaços, das janelas e das pátios – Antiga Fazenda de Nossa Senhora da Conceição de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro – Fotografia de Rogério Entringer - 2012

As janelas que compõem o quadrado jesuítico e que eram voltadas para o pátio simbolizam a relação intrínseca entre a arquitetura e as ideias aristotélico-tomistas, ou seja, ao sentar voltado para o pátio, contemplava o significado da cruz, que era a convergência para o centro. O indivíduo ao praticar os Exercícios Espirituais, aliava o pensamento lógico e racional de raiz aristotélica com a fé cristã, se completaria com a ideia de voltar-se para dentro, para o centro, para o arquétipo do paraíso, para o coração da arquitetura e de si mesmo (figura 63 e 64).



Figura 64 – A cruz e a quadra, dos espaços, das janelas e das pátios – Antigo Colégio dos Jesuítas de Paranaguá (PR) 1750. Fotografia de Rogério Entringer - 2013

No Brasil do século XVI, XVII e XVIII, o significado intrínseco dessas janelas conversadeiras jesuíticas era atender as necessidades de conquista, domínio e conversão de um território, numa cruzada que transpunha o atlântico. Essas janelas serviam ao papa e ao rei, pois eram elementos de uma arquitetura cujo programa e partido eram cunhar uma cultura portuguesa e cristã, além de visão estratégica de defesa, pois de lá do alto, viam de longe quem adentrava o horizonte das missões. E elas serviam aos jesuítas como elementos de sua arquitetura, pois possibilitava experimentar seus métodos, práticas e teorias modernas. A luz

difusa que entra de suas janelas e os acentos isolados no fundo dos corredores, diante de uma paisagem entorpecedora, era espaço ideal para a prática da meditação, seja dos irmãos, dos padres, dos professores ou dos alunos jesuítas. Favorecem o retiro e a contemplação da natureza marcante nos Exercícios Espirituais inacianos; e serviam também como espaço para trocas de experiências, para ler e escrever cartas, signo peculiar dos jesuítas e tão vital para o funcionamento da Companhia.

Assim, da cruz do quadrado e do retângulo de linha reta, madeira, pedras, cal de conchas, areia, barro, mão-de-obra africana, mas majoritariamente indígena, erguiam-se as cidades, os colégios, as igrejas e fazendas, inseparáveis do processo de ocupação, posse, conquista e controle do território. O óleo sobre tela do pintor Manoel Victor Filho, representa bem isso, Tomé de Souza com a mão na argamassa dentro de uma caixa quadrada de madeira, ensinando um índio que olha atentamente a produção e ao fundo, um padre jesuíta, ângulos e linhas retas da fortificação tal como queria D. João III no *Regimento de 1548* (figura 65).

Dadas as argumentações de como a cruz e a quadra serviram como estratégia de conquista e defesa, passemos agora aos argumentos de como ela foi utilizada pelos jesuítas como meios de domínio e conversão dos habitantes desse território conquistado.

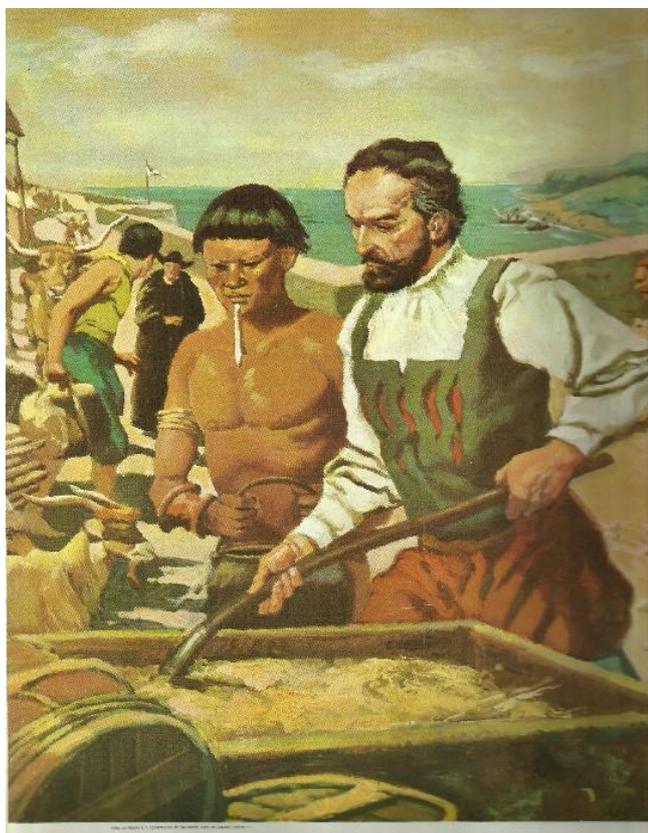


Figura 65 – Tomé de Souza com a mão na argamassa dentro de uma caixa quadrada de madeira ensinando um índio que olha atentamente a produção; e ao fundo, um padre jesuíta e ângulos e linhas retas da fortificação - Tomé de Souza e a construção de Salvador – óleo de Manoel Victor. Reprodução de Holanda (1972).

### 4.3. Aculturação

Aculturação é um termo de origem antropológica, que significa um conjunto de fenômenos provenientes do contato direto e contínuo de grupos de indivíduos de culturas diferentes e as mudanças decorrentes desse contato; ou como duas culturas distintas ou parecidas são absorvidas uma pela outra, formando uma nova cultura diferente (SILVA e SILVA, 2009, p.15). Geralmente caracteriza uma imposição cultural.

Antes de mais nada é preciso afirmar que a cultura do Brasil formou-se da aculturação entre europeus, africanos e indígenas. Presente na história do cristianismo desde os primórdios, a aculturação encontrou sua modernidade nos jesuítas. Miranda, M (2001, p.93, grifo nosso) é partidária dessa opinião, ou seja, de que:

o encontro com outros povos e culturas são diferentes factores que hão-de ter concorrido muito mais poderosamente para uma verdadeira recriação conceptual e para uma fundamental transformação da face da Europa [...] os jesuítas fizeram activamente parte de todo esse dinamismo que a gerou, não apenas enquanto fundadores e mestres de colégios, mas também enquanto apóstolos, pregadores, missionários, humanistas, pedagogos, poetas, matemáticos, cientistas, físicos, astrólogos e arquitectos e, enfim, enquanto promotores desse grande encontro de culturas que havia de acompanhar o nascimento da Europa moderna.

Segundo Branco (2012) os jesuítas “encontraram uma nova face da humanidade até então desconhecida, embrenharam-se nas culturas e costumes locais, aprenderam suas linguagens e depois usaram nas para catequizar os índios. Esse era o verdadeiro método revolucionário, inovador e gerador de intrigas de ordens religiosas ligadas ao medievalismo”. Corroborar Massimi (2013) dizendo que os inacianos:

realizaram uma síntese entre a herança do catolicismo medieval e o novo espírito renascentista, encarregam-se de traduzir tais concepções num método de formação do homem, seja em seu percurso evolutivo da infância até à maturidade pela educação, seja no que diz respeito à aculturação dos povos ameríndios, africanos e orientais, através do processo de cristianização.

Confessores da armada de Tomé de Souza em 1549, os primeiros jesuítas a chegarem na América foram Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes (o Abarabebê), João de Azpilcueta

Navarro, Vicente Rodrigues, Antonio Pires e Diogo Jácome, aportando em Salvador. A segunda leva do batalhão chegou em 1550 na armada de Simão da Gama. Em 1553 chega José de Anchieta na armada de Duarte Góis. Menezes (2000, p.46) diz que “os *Regimentos de 1548* expressam a preocupação com a aculturação sistemática e intensiva do elemento indígena aos valores espirituais e morais da civilização ocidental e cristã, como condição para a colonização portuguesa lançar raízes definitivas.” Assim, a educação como aculturação seria uma arma violenta na conquista, domínio e conversão do novo mundo. Mas não só de aculturação viviam os inácianos, mas também de inculturação.

#### 4.4. Inculturação

Inculturação significa adaptação a cultura do povo ao qual se dirige. É um método de introduzir a cultura dominante, aspectos culturais de um determinado povo dominado à sua cultura. Miranda, M de F (2001) traça um panorama de como a inculturação esteve presente na história do cristianismo como estratégia de sobrevivência ao longo dos séculos, ou seja, “as mudanças nas expressões e nas práticas representam o esforço de gerações sucessivas de fiéis para que o cristianismo atinja homens e mulheres que vivem em outras situações existenciais e outras linguagens”. Nesse panorama, Miranda M de F (2001, p.23 e 24, grifo nosso) nos dá exemplos de inculturação praticados por jesuítas das missões, tal como:

Mateus Ricci (1552 - 1610) que vestiu-se doze anos como monge budista estudando o confucionismo e o modo de vida dos mandarins para conquistar a classe intelectual e dominante da sociedade chinesa, reinterpretando a cultura crista que possibilitaria uma compreensão e leitura chinesa do cristianismo [...] outro exemplo seria Roberto de Nobili (1577-1656) que estudou sânscrito na Índia e adotou o modo de vida de um *Rajah Sannyasi* para aproximar a casta mais alto de brâmanes [...] Pedro Paez fez o mesmo só que com os ritos sagrados da Etiópia.

Acrescentamos aos exemplos dados por Miranda, M de F (2001), que no Brasil, os jesuítas, segundo Lima (2000, p.103 e 104):

dominados pela rudeza do ambiente, atordoados pela natureza tropical, identificados com a terra, tornavam-se quase todos selvagens. O próprio Anchieta não escapou a

esta influência. Sua existência entre os selvagens e o prestígio que entre eles adquiriu, superior ao dos feiticeiros índios, tendem a provar que o missionário, senão em obediência a um constrangimento do meio, ao menos por um perfeito artifício, se fizera um verdadeiro pajé (feiticeiro). Seu poder não se pode bem explicar senão pelos processos de magia, aceitos ou humildemente copiados pelos de seus concorrentes, e que lhe serviram de métodos de catequese.

Os jesuítas adquiriram a cultura indígena, aculturaram e inculturaram, logo todo o processo histórico missionário foi igualmente marcado por suas origens indígenas, e as cruces, as quadras e os pátios de suas arquiteturas não seriam exceções.

#### **4.5. Educação como aculturação e inculturação**

De acordo com Miranda, M (2001, p.96 e 97):

a divisão da cristandade havia de mostrar pouco a pouco que a prioridade do século era o ensino, missão que faria daqueles religiosos os maiores arautos da Contra Reforma e da Reforma Católica, para quem a educação era tão importante como a pregação, tal como concebiam aliás os próprios reformadores. Por isso, em pouco tempo se verificou uma verdadeira explosão de colégios jesuíticos em toda a Europa [...] Podemos pois afirmar que durante mais de dois séculos a sociedade europeia contou com uma educação comum. Desde Portugal à Rússia, desde os Países Baixos à Sicília, todos os alunos dos jesuítas eram formados nos mesmos autores e nos mesmos textos clássicos, por vezes segundo os mesmos manuais como a Gramática de Manuel Alvares ou a Retórica de Cipriano Soares - com o mesmo género de exercícios e principalmente de acordo com os mesmos modelos humanístico-cristãos.

Para Toledo (2000, p.182) “a expansão deveria ser calcada, também, na grande ênfase dada à educação e formação de elites intelectuais e políticas nas várias nações. Para tal empreitada, tornava-se imprescindível a fundação de colégios também para não internos.” Segundo Mesquida (2013) a orientação de Inácio de Loyola era de que as instituições de ensino da Companhia oferecessem educação gratuita, mantidas seja pelo Estado, seja por doações de particulares ou de entidades interessadas na expansão do catolicismo. Assim, entre 1556 a 1570, com Manuel da Nóbrega, tinham propriedades de terras, escravos e gado para custear suas

atividades em missões, mas a partir de 1570, com Luís da Grã e a aplicação das Constituições Inacianas, a posse de bens era apenas para os colégios.

Pioneiros no ensino brasileiro, de 1549 a 1556 em casas quadradas comunais de múltiplos usos catequisaram os índios; de 1570 a 1599, ocorre o fim das casas de bê-á-bá, da redízima e do ensino de crianças órfãs indígenas e mamelucas típicas do período *nobreganiano*. Com isso iniciam-se os grandes colégios quadrados com pátios centrais com modelo econômico da plantation (monocultura, latifúndio e trabalho escravo), e educação voltada para os filhos dos senhores de terras e de escravos.

Mas as edificações dos núcleos jesuíticos não foram tão somente uma estratégia de conversão do indígena, que ao trabalhar no canteiro de obras, absorvia a doutrina católica. Chamamos a atenção aos colégios, que podem ser entendidos como um capital cultural, onde saberes eram conferidos como poderes de um capital simbólico (BOURDIEU, 1992) que gerava desigualdades causadas pela restrição ao acesso aos bens simbólicos.

Nesse sentido, os grandes colégios marcam o fim da era *nobreganiana*, que segundo Menezes (2000, p.53):

passam a acolher, em primeiro plano, os filhos de brancos abastados, secundarizando a participação dos mamelucos. Pode-se verificar, no período, que, esses grandes colégios, as humanidades eram reservadas aos filhos dos "principais da terra". Excluía-se os órfãos, os curumins se limitavam às escolas de ler e escrever das aldeias.

Com isso, os colégios jesuítas podem ser perfeitamente analisados na ótica do *Círculo Privilegiado* de STEVENS (2003), que aplica os conceitos de capital cultural e poder simbólico de Bourdieu especificamente no campo da arquitetura. Assim, se pensarmos que os jesuítas eram agentes do espaço social no Brasil daqueles tempos, logo, detinham o capital cultural do poder simbólico. Nesse sentido, “a implantação dos núcleos jesuíticos decorreu da política colonizadora e como reprodutora da cultura (OLIVEIRA, 1988, p.24).

Assim, o colégio era uma espécie de *quadrado dos privilegiados*, ou seja, o lócus, onde os filhos de colonos senhores de escravos eram os *cobaias privilegiados* das primeiras aplicações das pedagogias inacianas, que ao estudarem em suas quadras com pátios centrais eram introduzidos aos aristotélico tomismo escolástico revisitado do século XVI.

Apontam Toledo e Jr que “é uma pedagogia a partir da qual deveria surgir um crescimento espiritual e também intelectual e que implicasse na mudança do estilo de vida, contemplando, em última instância, o câmbio para uma vida devota e a serviço de deus.” Para

Bingemer (2013) os jesuítas “acreditavam na educação com um poderoso meio de evangelização e transmissão de valores”.

Segundo Signes (2011, p.04):

no Brasil a Companhia de Jesus pode ser enquadrado numa dupla ação: pedagogia e catequese. Por pedagogia compreende-se o papel dos jesuítas como formuladores de modelos culturais, civilizadores e educadores, que posteriormente criam colégios jesuíticos para o alcance de tais objetivos, e por catequese, a tarefa de mensageiros da palavra divina aos nativos.

Para Mesquida (2013, p.236):

a educação foi escolhida como opção preferencial assumida pela Companhia de Jesus desde a sua origem, e a forma como o ensino fundado no Ratio, tendo como base teórica o tomismo-aristotélico, auxiliou a conformar a sociedade à cultura luso-europeia, baseada na ordem, na disciplina, na obediência, na autoridade, no respeito hierarquizado às regras.

A *Ratio Studiorum* “que não pretendeu ser um tratado pedagógico, marcou indelevelmente tanto a educação quanto a pedagogia moderna, e constitui-se hoje, para nós, numa das mais importantes referências documentais da gênese do mundo moderno” (TOLEDO, 2000, p.182) e também o primeiro código de leis pedagógicas implantado no Brasil.

Segundo Toledo (2000, p.183):

a *Ratio Studiorum* é um conjunto de regras destinadas à organização da vida de estudos, relacionadas à espiritualidade, evidentemente, nos colégios da Ordem. É destinada, também, a dar parâmetros para a educação, a avaliar as responsabilidades e atribuições e, ainda, a reger as formas de avaliação e promoção nas escolas – estabelecendo metas, objetivos e procedimentos universais.

Assim, os jesuítas utilizaram o teatro, a música, a escultura e a arquitetura no processo de educação enquanto aculturação e inculturação. A Companhia começou a formar, rapidamente, técnicos escolhidos dentre os indígenas, para ajudar na grande obra de evangelização do mundo pagão. Os jesuítas viram, na formação profissional, um excelente veículo para a catequese, desenvolvendo nos índios este senso de dignidade que a criação de uma obra propicia àquele que a realiza com suas próprias mãos (BAZIN, 1983, p.24 e 44).

Educadores, catequizadores, logo, “civilizadores”. A implantação dos Exercícios Espirituais, da Constituição da Companhia interessava a coroa e a igreja pois era um método de ação moderno e próprio dos inacianos. A *Ratio Studiorum* foi a razão das regras de uma educação hierárquica e rígida, fundada na ordem, cujo fim era aculturar e inculturar como estratégia de conquista, domínio e conversão, e a cruz e a quadra de sua arquitetura não seria exceção.

#### **4.6. A cruz e a quadra na praça da Aldeia e da Missão**

Os índios americanos conheciam a cruz. Nas regiões andinas e platinas, era conhecida como *chakana*, uma cruz quadrada, que surgiu da observação das estrelas do Cruzeiro do Sul e se constituiu como o símbolo ordenador da sociedade andina. A etimologia da palavra *chakana* nasceu da união do *quéchua*: *chaka* (ponte, de ligação) e *Hanã* (alto, alto, grande); seu maior significado é de apontar a ligação entre o homem e o divino. A cruz quadrada andina tem uma forma geométrica resultante de observação astronômica, tem geometria sagrada e foi utilizada como base para projetos arquitetônicos. A *chakana* tem a forma de um X, as diagonais que ligam os quatro cantos da arquitetura, ou seja, do universo (JORDÁN, 2012).

Os índios que habitavam as terras que hoje compreende o território brasileiro também conheciam a cruz do Cruzeiro do Sul, e também era um símbolo sagrado (AFONSO, 2006); logo, faz sentido pensar que os indígenas a utilizaram como desenho e estrutura de uma casa de múltiplos usos com suas cruzes estruturais de madeira. Assim, podemos concluir que os jesuítas, mestres na arte da aculturação e da inculturação, entenderam o simbolismo da cruz indígena, que ordena e eleva a deus, e fizeram o sincretismo com o simbolismo da ressurreição de Cristo e sua elevação ao céu. Tanto para os índios quanto para os inacianos, a cruz é um símbolo de elevação aos céus, a deus, e isso explica a fotografia da igreja de São Pedro da Aldeia (RJ) alinhada às estrelas do Cruzeiro do Sul (figura 9).

Voltando à cabana do homem primitivo de Le Corbusier, vemos que a linha reta da cruz que origina os traçados reguladores já estava presente também na cultura ameríndia. As aldeias tupis-guaranis eram configuradas por oito casas ordenadas, duas a duas, nos lados do quadrado, formado pelo pátio central (REIS FILHO, 2000).

De acordo com Fernandes (1960, p. 73):

os grupos compunham-se em média, de quatro a sete malocas ou habitações coletivas. Estas eram dispostas no solo de modo a deixar uma área quadrangular livre, o terreiro, bastante amplo para a realização de cerimônias como as reuniões do conselho de chefes, o massacre e a ingestão das vítimas, as atividades religiosas lideradas pelos pajés, as festas tribais.



Figura 66 - A cruz como traçado regulador. Esquema de uma aldeia Guaraní, Paraguai. Reprodução em WEIMER, Gunter. A Evolução da Arquitetura Indígena. IHGB RS: Porto Alegre, 2014. Disponível em <[http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao\\_arquitetura\\_indigena.htm](http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao_arquitetura_indigena.htm)> Acesso em 10 Mar.2015

Voltamos ao significado da quadra aristotélico-tomista dos jesuítas. Para Aristóteles deus é pensamento, atividade teórica, tendo como objeto a própria perfeição. De deus depende a ordem, a vida, a racionalidade do mundo. O universo para Aristóteles é ordenado racionalmente. Para Tomás de Aquino, deus é o governo supremo, ou seja, a suprema inteligência que governa todas as coisas em ordem, dispondo-as de forma organizada racionalmente, o que evidencia a intenção da existência de cada ser. Para os índios, deus é uma força misteriosa que comanda tudo, a natureza era relacionada a geometria, e essa, a deus.

O ponto de ligação entre o aristotélico-tomismo dos jesuítas e os indígenas era a crença mútua de que deus não era humano, era uma força superior que governa tudo e é inerente à natureza. A quadra era a representação aristotélica do universo, a geometria quadrada, sagrada e armada. A quadra para o índio era o espaço sagrado e armado, era a representação do centro do seu universo. A quadra era o centro seja do universo aristotélico-tomista jesuíta ou da espiritualidade indígena. Logo, o homem, seja ele um jesuíta europeu ou um índio americano pagão, quando estão na cruz, na quadra, no pátio ou na praça, é o homem universal em busca de centro do seu ser espiritual e divino.

É importante argumentar que:

a fundação de uma aldeia pelos jesuítas não se dava a partir da existência da igreja, pelo contrário, era a partir da fundação da aldeia que os religiosos passavam a desenvolver atividades de catequese e somente a partir da conquista da confiança dos indígenas que

se iniciava a construção da igreja. Não devemos esquecer que a única mão de obra para a construção era a indígena (NAJJAR, 2011, p.72).

Logo, por isso a Companhia de Jesus usou a praça quadrangular em suas reduções e colégios, como estratégia de aculturação e inculturação. Foram buscar na tradição europeia uma área quadrangular livre, e encontraram a experiência nas praças regulares em quadras da antiguidade clássica, dos mosteiros cistercienses medievais e do renascimento, e interlaçaram na cultura do índio. Aquele espaço entre a cruz e a igreja nas praças em quadras dos aldeamentos jesuíticos tinha função de gerar espaço de sociabilidade, festas religiosas, mas também o limite máximo do sagrado e da guerra, onde o demônio e o inimigo só poderiam entrar capturados ou mortos.

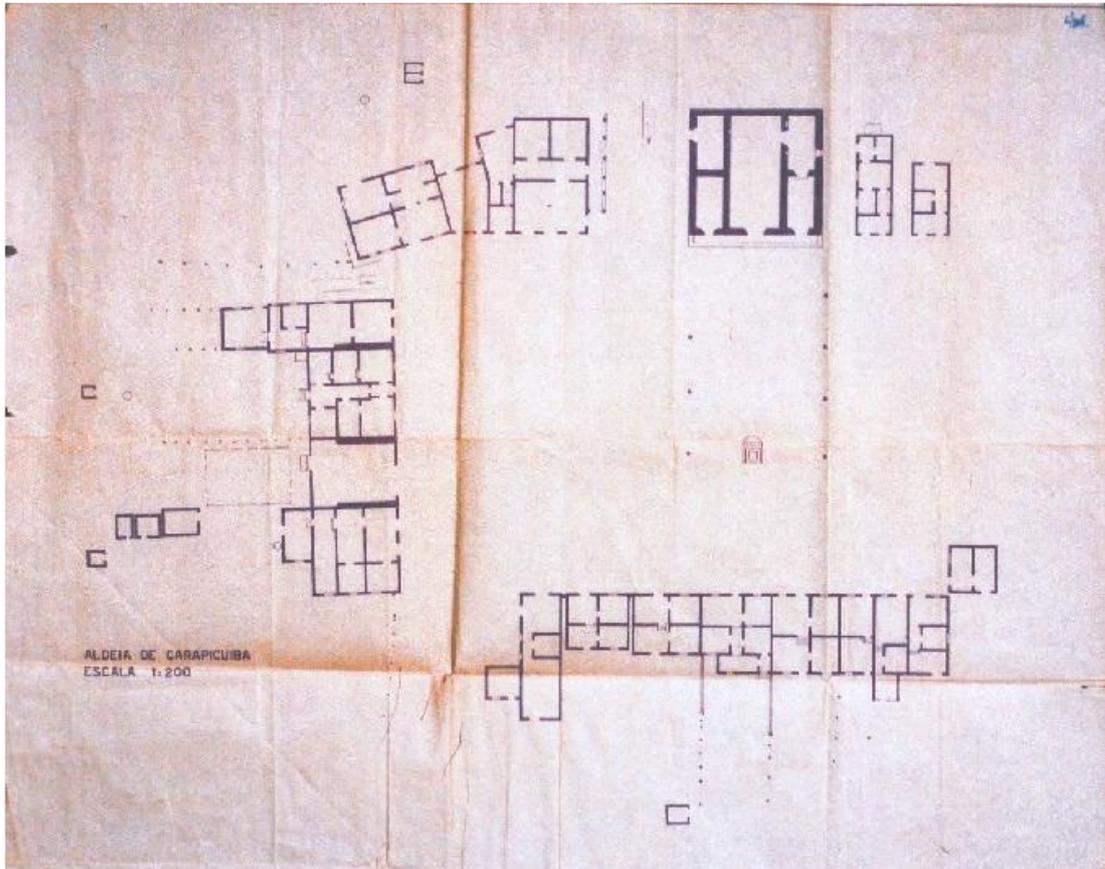


Figura 67 – Geometria quadrada na planta baixa da Aldeia de Carapicuíba – 1736 - SP – Reprodução. Secretaria Regional do IPHAN – RJ. Reprodução de ONOZATO (2013)

#### 4.6.1. A cruz, a quadra e a madeira

Dos materiais construtivos que se encontram nos elementos das quadras e dos pátios jesuíticos, muitos são de madeira. A arquitetura inicial era basicamente feita com madeira. Assim, os jesuítas inseriram sua cultura, seus utensílios de trabalho e seus formatos de arquiteturas e cidades, mas mantiveram o material e as técnicas locais dos índios. Os carros de boi, carroças, barcos, casas, ferramentas e armas eram elaborados de acordo com os desenhos europeus mas com a tradição tecnológica dos índios.

A extração de madeira na costa do Brasil é histórica e remonta aos primórdios da colonização. Mas, antes da chegada dos portugueses, as terras estavam totalmente cobertas por florestas e matas virgens, e os únicos homens que habitavam esta área eram os índios, que faziam a derrubada de árvores em escala e áreas muito pequenas, apenas o espaço suficiente para montar uma aldeia e cultivar a terra. A madeira extraída era utilizada nas edificações e na fabricação dos meios de transportes. A enorme variedade de espécies arbóreas permitia inúmeros usos: tinta, canoas, vigas, ripas, pilares, armas de caça, instrumentos musicais, instrumentos de trabalho.

E como vemos ao longo desse trabalho, se os jesuítas amparavam-se em conceitos dos romanos no que tange ao canteiro de obras, logo, valeram-se dos conhecimentos transmitidos por Vitruvius que ensina um método de trabalhar com a madeira na edificação arquitetônica: “se deve cortar durante o outono e o inverno porque proporciona mais durabilidade. Para entablamentos, portas e janelas é preciso estarem secos a pelo menos três anos” (PALLADIO, 1797).

Os jesuítas conheciam o técnica e o trato com a madeira. Entre 1681 e 1711 o padre jesuíta Antonil (1997, p.114) descreve a tecnologia para retirar a madeira do mato:

cortam-se os paus no mato com machado, no discurso de todo o ano, guardando as conjunções da lua, três dias antes da lua nova, ou três dias depois da lua cheia, e tiram-se do mato diversamente, porque nas várzeas uns os vão de rolando sobre estivas; e outros os arrastam a poder dos escravos que puxam, nos outeiros, de alto a baixo, se descem com socairo e, para cima dos mesmos outeiros, também se arrastam puxando. Isso se entende aonde não há lugar de usar dos bois por ser a paragem ou muito a pique, ou muito funda e aberta em covões. Mas, onde se pode puxar os bois, se tiram do mato com tiradeiras, amarrando com cordas ou com cipós ou couros a tiradeira,

segurada bem com chavelha; e, na lama, em tempo de chuva, dizem que se arrastam melhor que em tempo de seca, porque com a chuva mais facilmente escorregam.

Segundo Antonil (1997, p. 113 e 114):

no Brasil se pode fazer como escolha, por não haver outra parte do mundo tão rica em paus seletos e fortes, exigindo paus de leis, sólidos, de maior durabilidade e aptos a serem lavrados. O madeiramento da casa do engenho, para bem há de ser de maçaranduba, porque é de mais dura e serve para tudo, a saber, para tirantes, frechais, sobre frechais, tesouras, espigões, e terças, e desta casta de pau há em todo o Recôncavo da Bahia e em toda a costa do Brasil.

O padre Antonil (1997, p. 113), relata que os tipos de madeiras encontradas no Brasil colonial eram:

sapucaia, sapupira, sapupira-cari, sapupira-mirim, sapupira-açu, vinhático, arco, jataí amarelo, jataí-preto, messetaúba, maçaranduba, pau-brasil, jacarandá, pau-de-óleo, picaí. Os tirantes e frechais grandes, conforme seu comprimento e grossura vem do mato só com a primeira lavradura. Os esteios e as vigas são de qualquer pau de lei. Forros e costados de utim, peroba, buranhém, unhuíba.

Corroborando com o padre Antonil, o padre Serafim Leite (1953, p.44) diz que:

as madeiras eram escolhidas nas matas segundo fim a que destinavam. E se há país rico em madeira de lei aptas a obra de duras, é certamente o Brasil. Nem faltavam nas próprias matas da Companhia e deixaram nomes sem serem as únicas, as de Sergipe, Ilhéus, Espírito Santo e Cabo Frio. Cortavam-se e cortavam-se por terras até ao porto fluvial ou marítimo onde se embarcavam para os colégios. Já lhes davam o primeiro desbaste e no lugar do corte ou as transformavam em tábuas os serradores.

Foi com a madeira que os indígenas fizeram a armação das estruturas das paredes e das tesouras de suas habitações (figuras 68 a 70). Logo, por isso, os jesuítas valeram-se dos traçados regulares para dar forma às estruturas de suas construções, porque os índios já conheciam os traçados geométricos e reguladores. Da madeira, a arquitetura jesuítica-ameríndia valeu-se para construir seus elementos como pilares, vigas, caibros e ripas, cortados e plainados ora no facão, ora na serra. Cruzes de madeira onde os pilares sustentavam as vigas que sustentavam os caibros, que sustentavam as ripas, distribuindo o peso para sustentar os telhados de barro; ou

cruzes de madeira onde as vigas sustentavam os caibros distribuindo o peso para sustentar as varandas, corredores e espaços superiores (figuras 71 a 75).

Até nas estruturas do telhado o traçado é em cruz e geométrico. Tomemos como exemplo a forma triangular (porque oferece rigidez) do caibro armado, recorrente em nossas fotografias. Cada caibro recebe seu próprio tirante. As duas pernas dos caibros são conectadas umas às outras sendo unidas em si por cruzamentos de ripas. Essa é uma tipologia utilizada nos primórdios da colonização, onde o caibro armado foi funcional porque era o elemento estruturante principal, dispensando o uso de tesouras, portanto, mais simples, fácil, rápido e econômico (figuras 71 a 73).

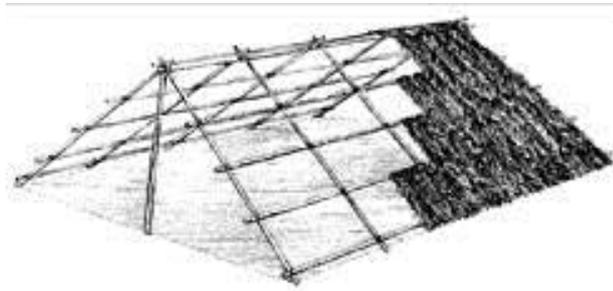


Figura 68 - A cruz como traçado regulador. Casa Gauto, com cobertura de palha, Mato Grosso. Reprodução em WEIMER, Gunter. A Evolução da Arquitetura Indígena. IHGB-RS: Porto Alegre, 2014. Disponível em <[http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao\\_arquitetura\\_indigena.htm](http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao_arquitetura_indigena.htm)> Acesso em 10 Mar.2015

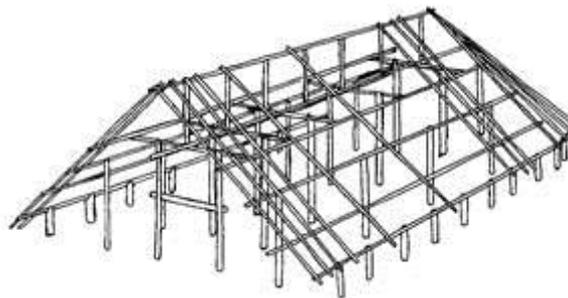


Figura 69 - A cruz como traçado regulador. Estrutura de uma casa-aldeia Aruaque, fronteira entre Brasil e Venezuela. Reprodução em WEIMER, Gunter. A Evolução da Arquitetura Indígena. IHGB RS: Porto Alegre, 2014. Disponível em <[http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao\\_arquitetura\\_indigena.htm](http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao_arquitetura_indigena.htm)> Acesso em 10 Mar.2015



Figura 70 - A cruz como traçado regulador. Casa de pescador, foz do Rio Real, Sergipe. Reprodução em WEIMER, Gunter. A Evolução da Arquitetura Indígena. IHGB RS: Porto Alegre, 2014. Disponível em <[http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao\\_arquitetura\\_indigena.htm](http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao_arquitetura_indigena.htm)> Acessado em 10 Mar.2015.



Figura 71 - A cruz como traçado regulador – caibros, ripas, vigamentos – materiais e estrutura do telhado do Colégio dos Reis Magos – 1580-1615 – Nova Almeida – ES – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 72 - A cruz como traçado regulador – caibros, ripas, vigamentos – materiais e estrutura do telhado da Igreja de São Pedro da Aldeia – 1723 – RJ – Fotografia de Rogério Entringer - 2012



Figura 73 - A cruz como traçado regulador – caibros, ripas, vigamentos – materiais e estrutura do telhado da Igreja de São Lourenço dos Índios – 1769 – Niterói - RJ – Fotografia de Rogério Entringer - 2012



Figura 74 - A cruz como traçado regulador – caibros, ripas, vigamentos – materiais e estrutura do barrote do Colégio Reis Magos – 1580-1615 – Nova Almeida - ES – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 75 - A cruz como traçado regulador – caibros, ripas, vigamentos – materiais e estrutura do barrote da Igreja de São Pedro da Aldeia – 1723 – RJ – Fotografia de Rogério Entringer - 2012

Durante os primórdios da Idade Média, as primeiras arquiteturas genuinamente católicas romanas tinham seus telhados estruturados por madeiras, mas com o passar dos tempos foram substituídas por pedras, pois a madeira causava muitos incêndios. As cruzes de madeira sustentavam o telhado, da arquitetura indígena e jesuítica, logo, no que tange às estruturas da edificação, o que representou o mármore na Antiguidade e na Idade Média, a madeira representou nos primórdios colonização da América.

Logo, enquanto coordenavam o canteiro de obras do trabalho e das varandas de suas edificações, transferiam aos índios a tradição de construção clássica, europeia, ibérica, mas também evangelizando-os introduzindo o significado da cruz de madeira cristã. Ou seja, enquanto entrecruzavam vigas, caibros e ripas de seus telhados e barrotes, ensinavam, catequisavam e evangelizavam orientando os indígenas a renderem-se à marca sagrada da cruz, senão sofreriam consequências, afinal, Jesus morreu na cruz para a salvação de todos. Assim, transferiram o complexo de culpa cristão para os índios, que conheciam a cruz de madeira, a cruz das estrelas, a cruz das quadras, da arquitetura, mas não a cruz como objeto de sofrimento e elevação de Cristo aos céus.

#### *4.6.2 A cruz e a quadra são de pedra, cal, arreia e barro: meios de educar, aculturar e inculturar*

No Brasil, os jesuítas foram os primeiros a construir com materiais resistentes (BAZIN,1983). As paredes das edificações, resultados da concepção de um espaço cujo traço formador era a cruz, das quadras e das linhas retas eram feitos de alvenaria com mão-de-obra africana, mas, majoritariamente indígena. Segundo Ribeiro (1988):

a tecnologia produtiva era inicialmente indígena, e vai sendo substituída, com o passar dos séculos, por técnicas europeias, a medida que vai se integrando, se configurando e se modernizando na economia mercantil. Ainda assim, ao longo dos séculos, a tecnologia do Brasil rústico seria basicamente indígena.

Portanto, para entender os construtores das edificações jesuíticas, é preciso antes entender a organização social dos indígenas que habitavam as terras portuguesas. Segundo Fernandes (1960, p.76):

os tupis ignoravam a exploração econômica do trabalho escravo. Seu sistema tecnológico de trabalho era combinar a capacidade de trabalho individual em diferentes fins, em forma de mutirões. Não tinham o espírito de propriedade particular e qualquer um podia aproveitar-se de seus haveres livremente.

Corroborando Souza (2002) dizendo que:

o sistema econômico guarani era fundado nas relações familiares de produção, circulação e consumo de serviços/recursos/bens, subordinados pela lógica do dom e da reciprocidade. A produção era voltada principalmente ao abastecimento alimentar do núcleo doméstico, fundada sobre tecnologia simples, sem complexa divisão do trabalho e com relativa liberdade na utilização dos recursos. Nas florestas, organizaram um singular arranjo técnico e econômico, capaz de manter equilíbrio mais duradouro entre a exploração dos recursos e o ambiente natural.

Por isso que, de acordo com Furtado (1998, p.69):

no Brasil português, os jesuítas desenvolveram técnicas bem mais racionais que os colonos de incorporação das populações indígenas à economia da colônia

conservando os índios em suas próprias estruturas comunitárias, tratavam eles de conseguir a cooperação comunitária dos mesmos, uma economia extrativa florestal.

No litoral as técnicas construtivas utilizadas nessas construções não apresentam grandes variações. A estrutura é sempre de pedra e cal de ostra, processo construtivo que consiste em juntar dentro de uma armação de madeira, denominada taipa, pedras de vários tamanhos e diversas formações rochosas com uma liga de barro, cal e areia. Depois de seca a liga, retira-se a forma e aplica-se sobre a pedra um revestimento de barro, cal e areia e sobre esse revestimento uma pintura de cal” (CAMPOS; REIS; TRISTÃO; ROCHA-GOMES, 2007).

Vejamos por exemplo, o que restou do antigo colégio de Porto Seguro (figura 76). Ruínas compostas por gnaíse, uma rocha resistente a intempéries e desgastes físicos, com argamassa de cal (marisco triturado, corais ou recifes) misturado a areia da praia. Ao que parece, com orientação dos jesuítas e a *cooperação* dos índios, foram pegando blocos do jeito que se encontravam no meio, podendo ser transportados com facilidade, prontos a serem utilizados na construção. Suas ruínas mostram o traçado regular, simétrico, retangular ou quadrangular dos cubículos de morar, trabalhar e orar a beira mar.

Das argamassas originalmente usadas no Brasil colonial temos dois exemplos: o primeiro, argamassa de barro misturada com esterco animal e um pouco de areia; e o segundo argamassa de areia, óleo de baleia e cal, obtida pela queima de cascas de ostras e blocos de corais misturados com lenha. O uso de argamassas com cal vem das arquiteturas árabes e mudéjares presentes na Espanha e em Portugal e contribui para a resistência à penetração da água nas paredes e conseqüentemente, para a durabilidade das estruturas da alvenaria. O material empregado na fábrica provinha das ostras, que eram abundantes no lugar. As ostras eram catadas, lavadas e jogadas em um grande forno. Depois acrescentavam uma camada de lenha e uma camada de ostras. Cada dupla de camadas era separada por chapas de ferro perfuradas para garantir a oxigenação e a queima. Após três dias ao fogo, as ostras queimadas eram retiradas ainda quentes e, com carrinhos de mão, jogadas sobre um piso liso. Sobre elas era lançada grande quantidade de água. No resfriamento elas eram quebradas com pás e depois peneiradas. Estava pronta a cal (CAMPOS; REIS; TRISTÃO; ROCHA-GOMES, 2007).



Figura 76 - Ruínas do antigo Colégio dos Jesuítas e antiga Igreja do Rosário, atual Igreja de São Benedito de 1551 - Porto Seguro – BA – Fotografia de Rogério Entringer - 1999

A produção de cal conchífera era também feita da exploração de sambaquis, montes de conchas que foram acumuladas por muitos anos, não pela natureza, mas por antigos habitantes do local; provavelmente grupo de nômades e que se encontram espalhados pelo litoral brasileiro. Por isso os jesuítas escolhiam edificar suas arquiteturas em locais onde houvessem sambaquis por perto e foi o que fizeram em Nova Almeida (Serra), Santa Cruz (Caieira Velha) e Ilha das Caieiras (Vitória) no Espírito Santo, em Rio das Ostras no Rio de Janeiro, Cananéia em São Paulo e Paranaguá no Paraná.

No quadrado com o pátio central do colégio dos Reis Magos no Espírito Santo, as paredes foram levantadas com alvenaria mista de laterita (canga), uma rocha muito abundante em clima tropical, fácil de se conseguir e trabalhar e tijolos cerâmicos, com argamassa de barro, areia, marisco triturado (cal de conchas ou de recifes) e óleo de baleia.



Figura 77 - Materiais e técnicas construtivas simbolizam uma arquitetura vernacular, econômica, simples, sólida, rústica, híbrida, sustentável – Soleira de madeira e piso misto de barro e pedra – Colégio Reis Magos – 1580 – 1615 – Nova Almeida – ES – Fotografia de Rogério Entringer – 2012

Na quadra com pátio central da praça forte regular e geométrica de Paranaguá as paredes são mistas, ora de alvenaria de pedras irregulares tais como granito, gnaisse e laterita com argamassa de cal (marisco triturado ou de recifes), areia e óleo de baleia; ora de barro; e ora misturado de pedras e de barro. No pátio há sóbrios arcos arabescos de cantaria de granito minuciosamente trabalhados com malhete, cinzel, machadinha, martelo, compasso e esquadro; uma tecnologia que provavelmente era feita com todo o tempo do mundo, afinal, o granito é difícil e demasiadamente demorado de trabalhar devido a sua durabilidade, no entanto, tinham mão-de-obra e matéria prima abundante para isso (figura 78).

No interior do continente sul americano ou em antigas áreas espanholas, tal como nas quadras de São Nicolau do Piratini, atual Rio Grande do Sul, as paredes eram de cantaria de arenito, fácil de trabalhar embora menos resistente que a gnaisse e o granito, porém, era matéria prima abundante nas imediações. Suas pedras parecem coladas, mas não há alvenaria. De tal forma trabalhada, que a saliência de uma pedra se ajusta à depressão da outra, uma tecnologia mais avançada e diferente das utilizadas nos colégios lusitanos, por conta da tradição de trato com a pedra que os guaranis herdaram dos antigos impérios pré-colombianos.



Figura 78 - Traçado Regular, Materiais e Técnicas construtivas simbolizam uma arquitetura vernacular, econômica, simples, sólida, rústica, híbrida, sustentável – parede e arcos de alvenaria mista de pedras irregulares e cantaria – antigo Colégio de Paranaguá – 1740-59 – PR – Fotografia de Rogério Entringer – 2013

Seus pisos e calçamentos são feitos de laterita, abundante na região, e boa para pisos devido a sua porosidade e aderência, não escorrega, e dela também é possível extrair ferro para a utilização de outras tecnologias e materiais; arenito; tijolos ou lajotas de cerâmica sem argamassa, apenas encaixadas umas às outras de forma simétrica e harmônica. É presente também o uso do arco cego e semicircular construído de forma mista de arenito com lajotinhas de cerâmica, no entanto, sem alvenaria, apenas a técnica do cangicado onde as pedras armam as lajotinhas (Figura 79).

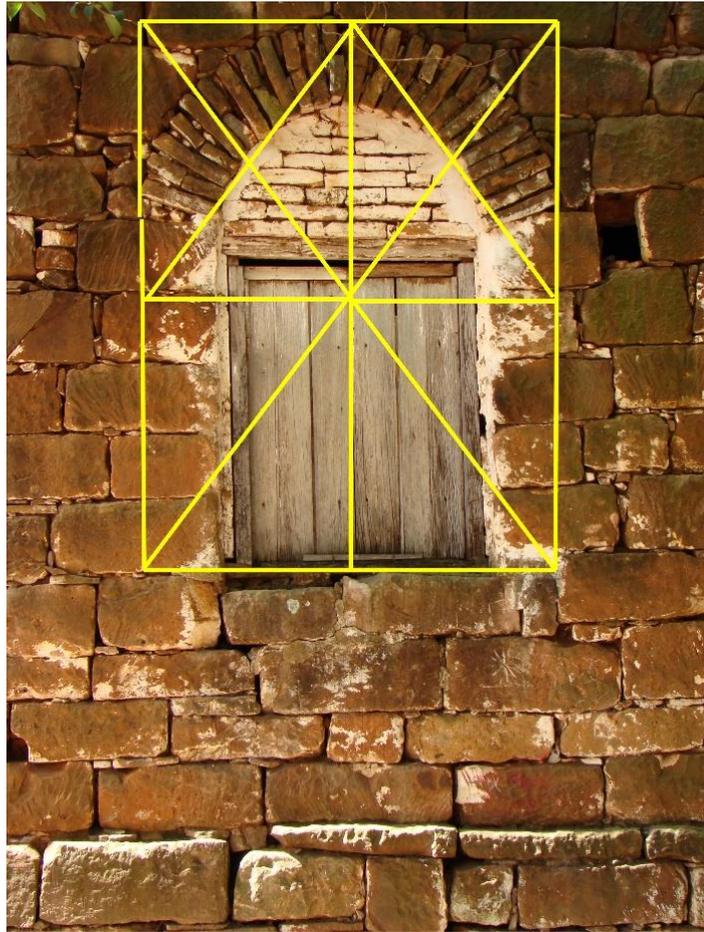


Figura 79 - Materiais e técnicas construtivas simbolizam uma arquitetura vernacular, econômica, simples, sólida, rústica, híbrida, sustentável – janela de madeira e parede de alvenaria seca e cantaria de pedras – Ruínas da antiga redução de São Nicolau do Piratini – 1687 – RS – Fotografia de Rogério Entringer – 2013

As quadras, os pátio e os cubículos de São Miguel das Missões nasciam de alvenaria de laterita, de arenito ou mista dessas duas rochas. Suas paredes são de cantaria de laterita ou arenito não utilizando argamassa, apenas encaixadas umas às outras, talhadas de forma precisa (figura 80). Vale lembrar que o uso da laterita era devido a sua porosidade, pois absorve muito facilmente a água e seca muito rápido diante do sol; e devido à extração de ferro para a fabricação de ferramentas e tecnologias. Ora a cantaria era geométrica e bem acabada, principalmente nas janelas e oratórios, ora era toda irregular com argamassa de argila local chamada de tabatinga. Essa mesma argila foi “encontrada às margens do rio Tamanduateí conhecida como tabatinguera e utilizada para a construção, com mão-de-obra indígena e até curumim, do colégio de São Paulo” (ASSUNÇÃO, 2007). Possivelmente era resultado de uma consultoria dos índios, afinal, eles sabiam como encontrar no lugar matéria-prima semelhante às utilizadas na Europa, tal como o barro.



Figura 80 - Traçado Regular, Materiais e Técnicas construtivas simbolizam uma arquitetura vernacular, econômica, simples, sólida, rústica, híbrida, sustentável – paredes do cubículo de alvenaria seca e cantaria de pedras canga – São Miguel das Missões – 1735 – RS – Fotografia de Rogério Entringer – 2013



Figura 81 - Materiais e Técnicas construtivas simbolizam uma arquitetura vernacular, econômica, simples, sólida, rústica, híbrida, sustentável – paredes de alvenaria mista de pedras irregulares e cantaria de canga e arenito, argamassa de tabatinga e pilastra com capitel coríntio – São Miguel das Missões – 1735 – RS – Fotografia de Rogério Entringer – 2013

Assim, norteado pelos renascentistas e conseqüentemente pelos clássicos, os padres inacianos valeram-se dos ensinamentos de Vitruvius de que “as pedras utilizadas na construção

das paredes, se vier da natureza, deve sair direto do canteiro para a edificação, porque quanto mais o tempo passa, mais duras vão ficando depois de lavradas em cantaria” (PALLADIO, 1797). Assim, percorreram toda a tradição ibérica de construções populares, misturado ao vasto conhecimento técnico e tecnológico dos índios, aproveitando o trabalho como estratégia de educação e conversão. Por isso a pedra, a madeira, o barro (que era sagrado tanto para os índios quanto para os jesuítas, e no caso dos inacianos era uma alegoria ao gênesis bíblico), a cal de conchas e o óleo de baleia. Pois, tornavam-nos autônomos e autossustentáveis em matéria-prima construtiva, vernacular e orgânica, econômica e sem custos, resistente e durável, para solidificar um rei e uma igreja que não fazia conta do material construtivo, desde que perpetuasse a edificação do catolicismo e da colonização. E essa era a regra, solidez e durabilidade, tal como escreve o padre Manuel da Nóbrega em 1553 afirmando que era preciso “construir as casas para que fiquem até o mundo durar” (ASSUNÇÃO, 2007).

Serafim Leite (1953) e Ferreira Jr e Bittar (2012) descrevem que padre Vieira dizia assim: “edificamos com eles [os ameríndios], sendo nós os mestres e os obreiros d’aquela architectura, com o cordel, com o prumo, com a enxada, e com a serra, e os outros instrumentos (que também nos lhes damos) na mão”. Assim, “impõe ao índio a linha reta, o plano regular como um triunfo da aspiração de ordenar e dominar o mundo novo conquistado, para a edificação de um governo de padres” (HOLANDA, 1999), onde a cruz dos cubículos quadrangulares feitos com técnicas, tecnologias e materiais vernaculares era uma estratégia de converter e cunhar uma cultura clássica, europeia e cristã por meio do ensino como meio de conquistar e dominar os ameríndios.

#### *4.6.3. A cruz e a quadra das naves jesuíticas: auditórios e teatros numa maneira entre o clássico e o anticlássico*

E essa cruz como traçado norteador, com suas linhas e ângulos retos, também estão presentes nas quadradas e retangulares naves jesuíticas e seus elementos como um meio de conquistar o índio, dominar sua cultura por meio da conversão. A nave jesuítica e seus elementos eram produtos do maneirismo, ou seja, da transição entre o final da renascença e o início do barroco. Eles carregam tipologias tanto de um quanto de outro. Embora fossem inspirados nos clássicos eles também tinha pitadas de anticlássicos.

Quando fala das naves, Lucio Costa (1941) diz que:

no que se refere à planta baixa das igrejas, o partido adotado pelos jesuítas foi, quase exclusivamente, o de uma só nave. Apenas em dois casos, a documentação até agora coligida mostra solução diferente, na igreja de São Pedro d'Aldeia - RJ onde se vê o partido de três naves, e na da Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Anchieta – ES.

Bazin (1983, p.81) postula da mesma opinião: as “plantas jesuíticas são de nave única”. Segundo Toledo (2012, p.66):

a Francisco Dias atribui-se a introdução na América de um partido arquitetônico usado nas principais igrejas jesuítas, o qual se estendeu no Brasil, as demais ordens religiosas. É o partido de nave única, larga, com capelas laterais, unidas entre si por pequenas passagens. A nave transformada em amplo auditório, sem colunas interiores, torna o altar visível de todos os pontos, enquanto o púlpito assume maior destaque implantado entre duas capelas laterais, para facilitar a liturgia da palavra.

Para Lainnes (1991, p.201):

a nave retangular de planta longitudinal é ideal para reunir uma grande quantidade de pessoas e mantê-las com a atenção voltada para o altar-mor, onde se desenvolve o culto religioso, como se os fiéis estivessem dentro de um auditório assistindo a um espetáculo teatral.

Aqui temos uma fusão de tipologias, a clássica e a anti-clássica. Era um resgate da planta de uma só nave, simples, da arquitetura paleocristã do cristianismo primitivo que congregava pela teatralidade, pela assembleia. Mas ao mesmo tempo, era também um resgate da nave retangular de planta longitudinal medieval, ideal para reunir uma grande quantidade de pessoas e mantê-las olhando em linha para frente (figuras 82 e 83).



Figura 82 - Nave única e larga, transformada num auditório, torna o altar visível a todos - Capela de São João Batista – 1736 – Carapicuíba - SP – Fotografia de Rogério Entringer – 2012



Figura 83 - Nave retangular e o caminho retilíneo do olhar para o altar - Igreja de São Pedro da Aldeia – 1723 – RJ – Fotografia de Rogério Entringer – 2012

A própria arquitetura jesuítica tornara-se um vetor desse período. O advento pleno da Igreja aos tempos modernos em termos de arquitetura só viria com a construção de igrejas resultando em um afastamento completo do plano medieval típico. A construção da Basílica de São Pedro afetou o planejamento das igrejas católicas. O plano de cruz latina, com o altar-mor situado diretamente sob a cúpula central foi um afastamento completo da catedral gótica.

A igreja do Gesù, em Roma (1568-84), projetada por Vignola para os jesuítas, serviu de modelo para inúmeras igrejas na Europa e na América Latina, inclusive no Brasil colonial. Era basicamente uma miniatura da Basílica de São Pedro, com a diferença que seu altar-mor está situado na extremidade da abside leste e não diretamente sobre a cúpula. Como todas as igrejas renascentistas, esta também não tinha o longo coro e os compridos assentos medievais. A principal diferença entre o interior de uma igreja gótica e uma igreja renascentista são os grandes espaços vazios e a ausência de anteparos. As igrejas medievais eram normalmente divididas em recintos, limitando o acesso do povo nos altares e coro. A maioria das igrejas renascentistas foi planejada segundo as linhas de um teatro, com o objetivo de permitir que um número maior de fiéis visse o *palco*, ou seja, o altar-mor (ANSON e LASSUS, s/d).

Feiber (2013, p.104) diz que: “Il Gesù de Vignola, a Igreja principal dos jesuítas em Roma, passa a ser um marco temporal entre Maneirismo e Barroco constituindo-se num arquétipo da arquitetura religiosa do século XVI, onde a nave como caminho se opõe a cúpula harmônica no cruzeiro.” Mas a arquitetura jesuítica no Brasil conservava a geometria, a razão, a regra e a ordem da arquitetura clássica, porém, também conservava a cruz latina longitudinal com o altar situado no centro do cruzeiro tal como no mundo medieval.

Suas naves tem uma mistura formal entre o clássico e o barroco, sendo ao mesmo tempo linear e pictórica, regular, com planos ordenados e com textura, com a forma aberta e fechada, com eixos verticais e horizontais, com ângulos retos, serenidade, regra, simetria, claro e escuro, geométrica e inacabada, ou seja, uma forma tipicamente maneirista. A arquitetura dos jesuítas no Brasil é isso: uma *maniera* resultante entre o renascimento e o barroco.

Segundo Wolfflin (2000, p.28), “o Barroco nasce da Renascença. A alta renascença não se transforma numa arte decadente, mas é o ponto culminante do caminho que conduz diretamente ao Barroco”.

Hauser (1972, p.474) define o maneirismo como sendo:

o primeiro estilo moderno, o primeiro que se preocupa com o problema cultural e que considera as relações entre a tradição e a inovação como um problema a ser resolvido por meios racionais [...] é impossível compreender o maneirismo se não se

compreende o fato de que a sua imitação dos modelos clássicos é uma fuga do caos ameaçador, e que o grande esforço subjetivo das suas formas é a expressão do medo de que a forma venha a cair na luta com a vida e de que a arte venha a desvanecer-se numa beleza sem conteúdo.

Para Argan (1999, p.373):

os maneiristas foram ao mesmo tempo clássicos e anti-clássicos, e não era possível ser uma coisa sem ser também a outra; classicismo e anti-classicismo não são duas fases históricas sucessivas, a segunda sendo uma reação a primeira, mais dois momentos dialéticos que se manifestam apenas na tensão de sua polaridade.

Lucio Costa (1941) “entende por barrocas, dentro do critério histórico habitual, a maior parte das manifestações de arte compreendidas entre a última fase do Renascimento e o novo surto classicista de fins do século XVIII.

Para o Gombrich (1999, p.276) “barroco significa absurdo ou grotesco, e era empregado por homens que insistiam em que as formas das construções clássicas jamais deveriam ser usadas ou combinadas a não ser do modo adotado pelos gregos e romanos”. E nesse contexto surge um nome: Vignola.

Vignola era um recorrente da arquitetura clássica. Segundo Wolfflin (2000, p. 35):

em Roma nasceu uma academia Vitruviana que organizou um rigoroso levantamento das ruínas. Vignola [que projetou a Igreja dos Jesuítas de Roma – El Gesu] está a seu serviço, e como resultado de seus estudos edita um manual de cinco ordens antigas intitulado *Regola delli cinque ordini d'architettura* publicado em 1563, que permaneceu por dois séculos como o modelo clássico.

Vejamos o exemplo das portas que compõem as naves que por sua vez integram as quadras jesuíticas (ver figura 85), e veremos que também tem influências do *maneirismo* italiano de Vignola. Fotografamos essa recorrência em duas delas: a primeira no lusitano colégio dos Reis Magos no Espírito Santo (figura 85) e a segunda na hispânica igreja de São Miguel das Missões no atual Rio Grande do Sul (figura 85).

A porta principal do colégio dos Reis Magos (ES) datada de 1580-1615 tem quadro, ombreira, batente, pilastra e entablamento de líoz vindos da Europa. Suas paredes são feitas de pedras de alvenaria de arrecifes de arenito, argamassa de areia e cal de conchas. A folha de madeira é de régua, com entablamento de origem clássica e com mão-de-obra tupiniquim. Seu

desenho é muito similar ao que propunha Vignola para as portas de palácios em suas *Cinco Ordens*.

A porta de São Miguel (RS) datada de 1735 não é a principal da igreja, tem ombreira, batente, pilastra e entablamento de arenito. Suas paredes são feitas de cantaria com argamassa tabatinga e com mão-de-obra guarani, projetada pelo arquiteto Gian Battista Prímolli. Assemelhasse à forma de uma porta proposta por Vignola para edifícios comuns.

O líoz e o arenito são materiais parecidos no que tange a arte de esculpir e talhar porque são rochas mais frágeis e fácil de trabalhar. Em ambas as portas, o desenho do quadro é idêntico aos modelos propostos por Vignola, no entanto, mais austeros, sóbrios, geométricos, um classicismo mais severo, obedecendo uma série e um padrão usado pela Companhia não importando ser em colônia espanhola ou portuguesa. E entre o arenito e os guaranis e o líoz e os tupiniquins, os jesuítas erguiam suas cruzeiras e suas quadras aproveitando para cunhar um modelo cultural europeu e cristão moderno. Logo, o *maneirismo* também foi uma forma, um fenômeno e uma linguagem que no Brasil entre 1549-1759 fez parte do processo de aculturação e inculturação utilizado para o domínio e a conversão dos indígenas tanto dos litorais capixabas quanto das pradarias gaúchas.

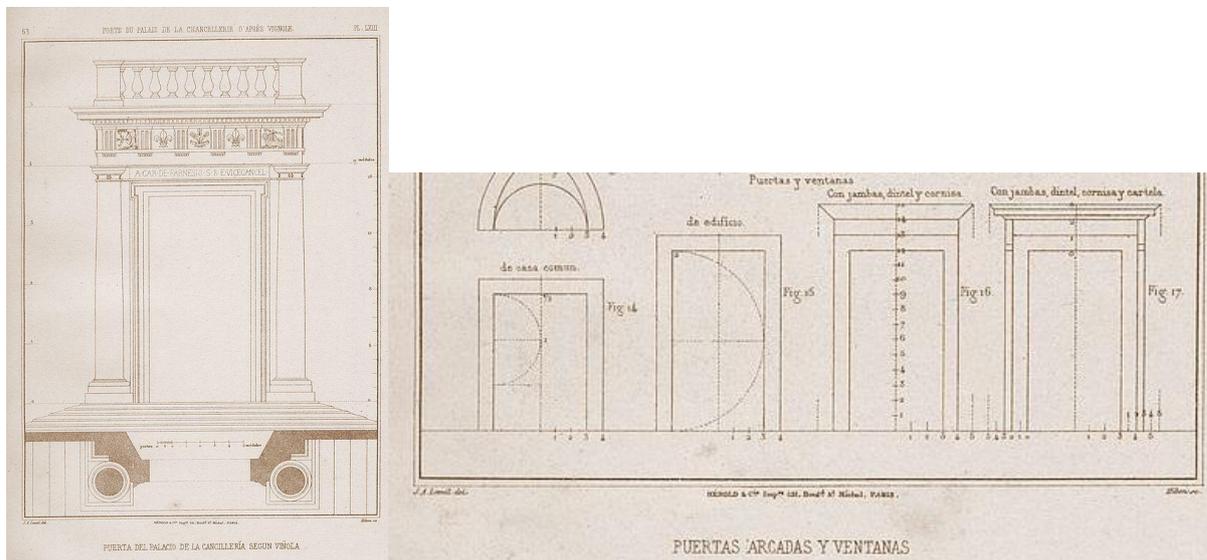


Figura 84 Modelos de portas segundo as Cinco Ordens de Vignola. Reprodução – Disponível em <<http://arquitectura.spaziarte.com/tratados/vignola/files/>> Acesso em 10 Mar.2015



Figura 85 – Da esquerda para a direita: Porta do Colégio dos Reis Magos – 1580 - 1615 – Nova Almeida - ES – Fotografia de Rogério Entringer – 2012; e Porta da Igreja de São Miguel das Missões - RS – Fotografia de Rogério Entringer - 2013

A Companhia de Jesus tinha uma ligação muito forte com o classicismo. Para Forster (2008), “além dos *modus parisiense*, as influências da *Ratio Studiorum* se remetem inclusive à Antiguidade. Principalmente com o Renascimento, os clássicos da Antiguidade são revistos, inspirando os jesuítas.” Segundo Massimi (2001):

com efeito, o Humanismo e, sobretudo a Renascença – devido à ênfase na visão do homem como fazedor de si mesmo, os jesuítas revisitaram o pensamento ético de Aristóteles, sendo que por isto a *Ética a Nicomaco* foi um dos livros mais lidos e interpretados pelos pensadores daquele período, inclusive pelos intelectuais da Companhia de Jesus.

Por fim, foi uma *maneira moderna* e jesuítica, e “diferente da Europa, ou mesmo da América Hispânica, no Brasil, quando se fala em *estilo jesuítico*, o que se quer significar, de preferência, são as composições mais renascentistas, mais moderadas, regulares e frias, ainda imbuídas do espírito severo da Contra-Reforma” (COSTA, 1941, p.129).

#### 4.6.4. Modenaturas da cruz e da quadra: as espirais, flores-de-lis e anjos índios

Para entender toda a arte e modenatura produzida pela arquitetura jesuítica no Brasil é preciso antes compreender a importância da tradição cultural dos indígenas brasileiros, afinal, segundo Feiber (2013, p.217, grifo nosso):

a arquitetura jesuíta se manifestou como uma espécie de sincretismo dialógico e social o qual entende os dois atores como sendo manifestos neste processo, materializando e visualizando nas obras de arte e arquitetura a interação social. [...] A arquitetura torna-se uma ação responsiva dos indígenas ao discurso jesuíta, uma resposta do artista guarani enquanto “locutor” ativo que reafirma e materializa sua própria identidade, visível como conteúdo nas obras arquitetônicas.

Bastamos ver a fusão da delicadeza do arenito às técnicas jesuíticas e a harmonia e habilidade dos índios, que produziram uma técnica, uma tecnologia e uma arte sem igual. O que os tornavam assim tão hábeis e lhes traziam tanta harmonia, era um instinto incomparável de vida e de *companhia*, o trabalho já é um fim, realiza-se em si próprio, isso transformava o trabalho em sempre nova poesia. Bem porque, dentro do processo colonizador da América Latina, era melhor fazer os trabalhos dominados pela aculturação e inculturação, de forma mais branda, proporcionado pelos jesuítas, do que de forma escrava e violenta de outros colonos.

Bastamos ver os capiteis coríntios; os detalhes nos entablamentos e nas pilastras; as esculturas de anjos índios da fonte missioneira (figura 87) onde a cantaria do arenito (uma rocha porosa e ideal para absorver água) são encaixadas umas as outras sem argamassa e na mais perfeita simetria e os símbolos da espiral e da flor-de-lis (figura 89) esculpido nos capiteis da igreja de São Miguel das Missões (RS). Bastamos ver a espiral e as esculturas de anjos índios como modenatura no campanário (figura 86) e a flor-de-lis (figura 88) na janela da antiga fazenda de Campos dos Goytacazes (RJ).

Nesse caso, a espiral pode ser entendida como sendo “uma imagem arquetípica do ambiente cósmico, da forma onipresente cósmica”<sup>32</sup>, símbolo da evolução e involução, da união dos contrários. A espiral no sentido horário significa o nascer e no anti-horário significa o morrer, da expansão e compressão para o centro, da criação e da expansão do mundo, da passagem do tempo, do crescimento espiritual individual, da iluminação, do renascimento e da ressurreição.

Já a flor-de-lis pode ser entendida como um símbolo que provém da abelha e representa realeza, aplicação, organização, pureza (assim como os mandamentos dos Exercícios Espirituais e da *Ratio Studiorum*), a nobreza da cooperação (possivelmente os índios conheciam essas características das abelhas e talvez por isso os jesuítas usaram essa alegoria para fazer os guaranis entenderem a natureza do trabalho que deveria ser feito nas construções), sacerdócio, ressurreição, espírito santo e a imaculada Conceição.

Segundo Lexikon (1990, p.09):

a flor-de-lis provém da abelha. Na Grécia antiga a abelha era considerada um animal sacerdotal (as sacerdotisas de Elêusis e de Éfeso). Por morrer no inverno e renascer na primavera, surge no cristianismo como símbolo da morte e da ressurreição, mas também uma alegoria ao seu trabalho operário incansável que trazia esperança. Para Bernard de Clairvaux a abelha era o símbolo do espírito santo, ou o mel que representa a doçura e a misericórdia de Cristo, e o ferrão representa o próprio Cristo, o juiz do mundo. Visto que as abelhas, de acordo com as antigas tradições não produzem essas mesmas sua prole, mas retiram das flores, foram consideradas na Idade Média um símbolo da Imaculada Conceição, mas representa também a inteligência, a eloquência e a poesia.

No que tange as formas dessas esculturas, podemos considerar que são barrocas, afinal, apresentam as características cunhadas por Wolfflin (2000), quando diz que o barroco tem em sua forma o pictórico, o movimento, a textura, a profundidade, a forma aberta, assimetria, o obscuro e o inacabado.

---

<sup>32</sup> Refere-se ao artigo escrito por Ênio José Brito intitulado “Em busca de um diálogo possível” publicado na Revista de Estudos da Religião do Programa de Pós-Graduação da PUC-São Paulo disponível em <[www.pucsp.br/rever/relatori/brito02.htm](http://www.pucsp.br/rever/relatori/brito02.htm)> acessado em 07 Jul.2013, citando capítulo de Eduardo Soligo Ponso intitulado “Considerações sobre algumas inscrições rupestres brasileiras” publicado em BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (Org.). Moitará I – O simbolismo nas culturas indígenas brasileira. São Paulo: Paulus, 2006, p.100.

Ora, é justamente o que vemos nas esculturas de espirais e anos índios, tanto em Campo dos Goytacazes no Rio de Janeiro quanto em São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul.



Figura 86 - Materiais e técnicas construtivas: arte, inculturação, aculturação, conquista, domínio e conversão – Anjo índio e espiral esculpido no arco do campanário da Igreja de Santo Inácio da antiga Fazenda Nossa Senhora da Conceição – 1658 – Campos dos Goytacazes – RJ – Fotografia de Rogério Entringer - 2012.



Figura 87 - Materiais e técnicas construtivas, arte, inculturação, aculturação, conquista, domínio e conversão – Anjos índios esculpido com arenito e tabatinga de na fonte de água da antiga redução de São Miguel das Missões – 1735 - RS – Fotografia de Rogério Entringer - 2013.



Figura 88 - Materiais e técnicas construtivas, arte, inculturação, aculturação, conquista, domínio e conversão – Flor-de-lis esculpida na janela da Igreja de Santo Inácio da antiga Fazenda Nossa Senhora da Conceição – 1658 – Campos dos Goytacazes – RJ – Fotografia de Rogério Entringer - 2012.

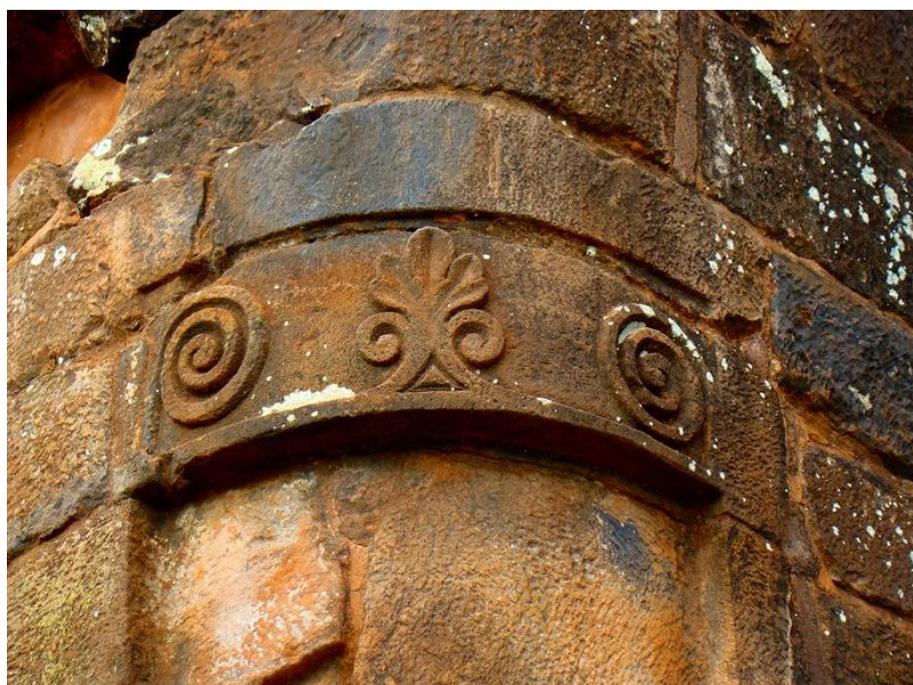


Figura 89 - Materiais e técnicas construtivas, arte, inculturação, aculturação, conquista, domínio e conversão – Espiral e Flor-de-lis no capitel de cantaria de arenito e tabatinga - Fonte Missioneira da antiga redução de São Miguel das Missões – 1735 - RS – Fotografia de Rogério Entringer - 2013.

Logo, tais símbolos representam recriações, resultado de uma fusão entre a cultura jesuítica e ameríndia com significados muito similares. Quando não era a cruz dos traçados retos e geométricos de sua arquitetura era a cruz do simbolismo cristão, presente na história da arte jesuítico-indígena.

Por fim, Oliveira (1988, p.188) diz que “o colégio jesuíta reúne em si espaço escolar, pensamento e projeto e a execução do projeto colonial português passa necessariamente pela Companhia de Jesus como elaboradora de um amparo ético-religioso para a dominação lusitana”. Para Signes (2013, p.04), “os jesuítas eram formuladores de modelos culturais, civilizadores e educadores, que posteriormente criam colégios jesuíticos para o alcance de tais objetivos”. Assim, resume Mesquida (2013), de que os inicianos eram “catequizadores de índios, educadores de colonos, soldados de cristo e professores e pedagogos à luz do *Ratio Studiorum*”.

Portanto, a arquitetura dos jesuítas foi *a cruz e a quadra*, que assinalou e tomou posse tanto das terras quanto das almas dos índios; que ordenou a natureza do lugar; que foram implantadas de forma estratégica para extração de recursos e defesa; que foram construídas com matéria prima do lugar, como a madeira, a pedra, o barro e a cal; e que acompanhada de uma arte, tem a simbologia de aculturar, inculturar, ensinar e converter. Aponta Miranda (2001, p.84) que a ideia era a “criação do ideal do homem completo da paideia humanística cristã”.

Logo, a cruz e a quadra foram uma forma, um meio e um lócus onde esse modelo cultural, civilizador e educador foi implantado. Esse é o signo, o simbolismo maior da arquitetura iniciano no Brasil. Do desenho ao canteiro, do espaço aos elementos, a cruz e a quadra foram uma forma e um meio de alcançar o objetivo maior, que segundo Signes (2013, p.08) “era tornar o indígena um cristão, a partir da catequese, e um homem, aos moldes europeus, capaz de viver numa sociedade organizada, desenvolvendo uma atividade produtiva, sistemática e, tornando-os participantes do Estado europeu”. Foi uma *arquitetura religiosa cristã, escolar, armada, serial e moderna*, pela sagrada linha reta e quadrada da cruz.



## CONCLUSÃO

A arquitetura dos jesuítas nos primórdios da colonização europeia no Brasil tinha a característica desbravadora, expedicionária, exploradora e reconhecedora de terras, sendo ações construtivas efêmeras e que se perderam no tempo. Das primeiras casas em quadra de múltiplos usos feitas de barro, madeira e palhas nada sobrou. Nesse sentido, para estudar esse período deve-se ater aos pontos de implantação do sítio e ou cartografias, que diz muito sobre a edificação. De 1549 a 1580 o que temos são vestígios arqueológicos tais como ruínas de cantaria e ou alvenaria de pedras e ou barro. Devido à escassez de documentos, deixam dúvidas se foram mesmo edificadas pelos inicianos. Como é de costume encontrarem-se enterradas em meio as matas das serras do mar, muitas vezes tornaram-se oralidades e lendas regionais.

O que há de concreto sobre as edificações jesuíticas no Brasil começa de 1580 até 1759, quando já haviam conquistado o território, tanto pela guerra, quanto pelo discurso, havendo a necessidade das edificações se institucionalizarem tornando-se permanentes. E é nessa época que surgem os grandes colégios e em decorrência deles, as igrejas e capelas, as pontes, as fontes de água e as galerias subterrâneas espalhadas pelo Brasil. Por isso, centramos nosso discurso textual e visual em algumas edificações existentes nos atuais estados da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, porque a cruz e a quadra, com seus traçados reguladores, seja no desenho ou no canteiro, no espaço ou nos elementos que compõem esse espaço, são recorrências, seja no século XVI ou no XVIII, seja nos sertões ou nos litorais, seja no norte ou no sul.

Nosso problema nessa pesquisa foi a **simbologia** das características das obras jesuíticas; e nossa questão era quais as **origens dos princípios norteadores** dessa obras. Tínhamos como hipóteses que a ação evangelizadora, colonizadora e civilizadora bem como a implantação dos Exercícios Espirituais, das Constituições Inicianas e da *Ratio Studiorum* eram refletidas no espaço construído das obras. Nosso objetivo maior era construir um discurso visual que percebesse isso, e que também caracterizasse e identificasse a ação jesuítica na arquitetura brasileira, além de contribuir por meio do registro fotográfico para a memória do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e para pesquisadores em geral.

Pois bem, concluímos essa pesquisa validando que a cruz e a quadra eram formas simbólicas e as origens dos princípios norteadores das obras, porque regravava, centralizava, conquistava, dominava e convertia, meios ideais para a ação colonizadora, civilizadora e evangelizadora, ou seja, o aristotélico-tomismo, os Exercícios Espirituais e a *Ratio Studiorum*.

A cruz é a marca dos jesuítas! Um símbolo universal, uma forma, um traço e um desenho arquitetônico, um meio, uma arma, uma propaganda para regar, centralizar, ordenar, e controlar; uma cruz dúbida das coroas ibéricas cristãs católicas absolutistas, militar de origem templária, intelectual, mercantilista, científica, geométrica, funcional e moderna.

É inquestionável que a cruz e a quadra serviram ao projeto colonizador lusitano e inaciano no Brasil porque as regras gerais fixadas na *Acta in Congregationis Generalis, I, 1558, "Decretum 34, De ratione aedifitiorum"*, especificadas nas atas de 1565, da *Segunda Congregação Geral*, estipulavam a distribuição em quadra, isto é, em locais articulados em torno de um pátio. A quadra e o pátio são resultados do projeto e do desenho em cruz, porque centraliza, regra, organiza, é sagrada, priva, defende, ordena, controla, é racional e uma figura geométrica perfeita.



Figura 90 – A quadra com pátio central do colégio Reis Magos, Nova Almeida (ES) – 1580-1615. Fotografia de Rogério Entringer – 2012.



Figura 91 – A quadra com pátio central da fazenda de Nossa Senhora da Conceição e colégio de Santo Inácio de Campos dos Goytacazes (RJ) – 1696. Fotografia de Rogério Entringer – 2012.

Os jesuítas conheciam os usos que os antigos fizeram da quadra e do pátio ao longo da história e valeram-se disso para conquistarem, dominarem e converterem as novas terras dos novos homens dos novos mundos. A quadra e o pátio tinham um caldo cultural que remontava aos primórdios da arquitetura religiosa até o maneirismo, passando pela antiguidade grega e romana, o medievalismo cisterciense, as mesquitas moçárabes, a arquitetura mudéjar e a renascentista. Em todos esses tempos a cruz do traço e do desenho da quadra e do pátio regravam, centralizavam e era um espaço sagrado por excelência, um arquétipo do que seria a idealização do paraíso.

Utilizaram a cruz da quadra articulada pelo pátio porque é o centro, tudo gira em torno dele, é um tipo arquitetônico que corresponde ao caminho de deus, porque convergem para o centro, tal como o universo aristotélico-tomista. É a cruz do homem em busca de seu interior, simboliza a centralização do espaço e dos elementos arquitetônicos e por isso foram escolhidos como partido e programa da *Arquitetura do Regimento de 1548*, porque este simboliza e representa a primeira forma de regrar e centralizar o Brasil, onde a Companhia de Jesus já tinha papel de destaque.

Utilizaram a cruz da quadra articulada pelo pátio central porque regra. *De ratione aedifitiorum* era a mesma da *Ratio Studiorum*; ou seja, a cruz da razão geométrica aristotélica, vitruviana e tomista significa *regra*; a linha reta regra, e a *ratio Studiorum* significa *regra de estudos*, portanto, a arquitetura deveria responder a essa função de regrar. Era o espaço regrado para a aplicação da razão de um código pedagógico de leis que regem o processo ensino-aprendizagem.

Utilizaram a cruz da quadra articulada pelo pátio central porque ordena. Precisava ser assim, afinal, era o lócus da aplicação dos Exercícios Espirituais que é uma forma de ordenação da vida. Utilizaram a cruz da quadra articulada pelo pátio central porque é sagrada e simboliza tanto o símbolo da ressurreição e da vida eterna para os cristãos, quanto o número quatro do divino, da ordem e do equilíbrio do universo.

Utilizaram a cruz da quadra articulada pelo pátio central porque é racional. Por isso o aristotélico-tomismo, porque serviu a igreja pelo aspecto da racionalidade, a forma racional de deus, introduzindo o argumento racional ao cristianismo, e isso era vital em tempos de Reforma Religiosa. A geometria da cruz dos traçados reguladores da quadra e o do pátio são racionais, assim como a *inteligência ordenadora* aristotélica-tomista de que há um ser inteligente chamado de Deus que ordena a natureza e dirige cada indivíduo. Logo, a sagrada ordenadora linha reta da arquitetura jesuíta era o elo de ligação com o ideal de ordem divina.

Utilizaram a cruz, a quadra e o pátio porque toma posse de um lugar e se adapta facilmente ao meio natural, porque oferece e proporciona equilíbrio e perfeição, tal como na visão aristotélica de que a natureza sempre esteve em equilíbrio perfeito. Eram colégios, fazendas, igrejas e capelas armados, fundados estrategicamente, levando em consideração o sítio, a natureza e a geografia como aspectos de defesa, recursos e infraestrutura.

Utilizaram a cruz, a quadra e o pátio porque conquista, defende e controla o território. É uma arma, uma forma de controle social, reduz, segrega, confina, dá segurança, o lócus e a base operacional da conquista e do domínio do território tais como fizeram com os campanários, as seteiras e as janelas conversadeiras. A cruz e quadra estiveram na história da formação do Brasil, de suas primeiras edificações, povoados, vilas e cidades, foi assim na Bahia, em São Paulo, em Pernambuco, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, no Paraná ou nas antigas terras hispânicas de São Miguel das Missões, atual Rio Grande do Sul.

Utilizaram a cruz, a quadra, o pátio com seus elementos e materiais construtivos como a madeira, a pedra, o barro, a cal, a argila, as naves de suas igrejas e capelas e as modenaturas porque convertiam. A arquitetura da cruz e da quadra foi uma estratégia de aculturação, inculturação, pedagogia e catequese aos valores cristãos e europeus. Os jesuítas valeram-se da cruz, da quadra, do pátio, porque eles já estavam presentes na arquitetura ameríndia e com significados semelhantes, afinal, são universais. As aldeias tupis-guaranis eram configuradas em quadra, formada pelo pátio central. Era uma figura geométrica sagrada, num espaço sagrado e protegido, que tinha a função de reger e centralizar. Por isso os inacianos privilegiaram a pedra, a madeira, e o barro, porque também eram conhecidos pelos indígenas. Enquanto fabricam suas telhas ou erguiam suas paredes ensinava-se que deus havia feito o homem do barro; e do cruzamento de barrotes, caibros, vigas e ripas, catequisavam e evangelizam que na cruz de madeira o senhor Jesus Cristo havia morrido para a salvação de todos. A cruz e a quadra era vernacular, comum, rústica, popular, autossuficiente, produzida com mão-de-obra majoritariamente indígena, pelo sistema de cooperação, mutirão e extrativismo, porque era estratégico, barato e resistente. Os jesuítas tiveram um contrapeso a favor na estratégia de conquistar e dominar os indígenas, e esse contrapeso era a relação hostil que outros colonos tinham com os silvícolas, afinal, os inacianos em suas *quadras em cruces* lhes davam abrigo, oportunidade de vida, e proteção contra a escravidão. Por isso os indígenas levantavam as *cruces em quadras*, porque era como se estivessem levantando seus próprios *abrigos*.

A cruz era o traçado norteador nas naves das quadras, cuja luminosidade era o *claro/escuro*, clássicas e anti-clássicas, recorrentes tanto da antiguidade quanto do medieval, que

originou um estilo chamado maneirismo e depois barroco, porque ajudava na teatralidade, na assembleia, na congregação e na visão do caminho longo e retilíneo ao altar de deus, ideais para levar a religião às massas indígenas.

Aplicaram a geometria áurea em suas fachadas e frontispícios para obter proporcionalidade, harmonia, perfeição, equilíbrio, ordem, regularidade, simetria, facilidade, economia, para conseguir uma forma despojada, desapegada, sóbria, austera, veículos da beleza espiritual, ou seja, ideias religiosas formadores dos inacianos.

Os partidos de Francisco Dias foram introduzidos no Brasil segundo influências e tipologias de um maneirismo lusitano de origem italiana, um estilo arquitetônico moderno. A seriação é característica da modernidade, tanto a *Ratio Studiorum*, o código de leis pedagógicas, quanto a *De ratione aedifitiorum*, a arquitetura em quadra dos colégios jesuíticos eram em série, ou seja, aplicável em qualquer parte do Brasil, logo, foi uma arquitetura com característica de *franquia*, e pode ser considerada protomoderna, ou seja, representa os primórdios da modernidade. Se os jesuítas foram os protagonistas da construção da modernidade em diversos sentidos, logo sua arquitetura era moderna.

A história da arquitetura brasileira passa pela Companhia de Jesus. A forma e a função na arquitetura moderna, começa com a Companhia de Jesus. No que tange a Le Corbusier, Martins (2004, p.270) diz que “a viagem a América do Sul marca como um momento chave de opção pelo latino, fórmula concisa em que resume sua recorrente obsessão pela ordem e a clareza”, atributos presentes e recorrentes na arquitetura e no urbanismo dos padres da Companhia de Jesus. A arquitetura inaciana tinha os atributos que o próprio mestre Le Corbusier (2002, p.03) valorizava, isto é “o engenheiro, inspirado pela lei de economia e conduzido pelo cálculo, que nos põe em acordo com as leis do universo, atinge a harmonia”; e ou como queriam os falanstérios fourieristas modernos onde a arquitetura, preferencialmente em quadra, era relacionada a grande lei da harmonia, da beleza, da ordem e da unidade universal.

A quadra jesuítica pode ser considerada uma minicidade, interligada pelos mesmos corredores que Le Corbusier (2002, p.63) diz ter “valor e volume interessante; a unidade de matéria bela, ordenação de elementos construtivos, sadiamente expostos e reunidos com unidade”, e que um fourierista valorizaria porque servia como ruas-galerias, porque era o signo da geometria e da regularidade, da ordem, porque servia para reunir grande número de pessoas de diversas idades e condições sociais e ordenava um espaço cuja função era gerar sociabilidade. Porque tudo se origina de uma quadra com pátio central que nascem quatro alas

e que tem a função de levar o homem a questionar o seu interior, o espírito presente no seu eu. Uma arquitetura religiosa que não acompanhava a pompa medievalista, muito pelo contrário, é uma arquitetura societária dedicada à humanidade, austera, sóbria, onde o conforto, higiene, funcionalidade, economia, utilidade e beleza eram elementos fundamentais.



Figura 92- A quadra do Colégio Reis Magos, Nova Almeida (ES) – 1580-1615. Fotografia de Rogério Entringer – 2012.

Logo, o colégio jesuíta, o falanstério fourierista e a unidade de habitação de Le Corbusier têm muita coisa em comum: a recorrência à linguagem clássica, aos traçados reguladores, à geometria na busca da sintonia e harmonia entre o homem e a natureza, a austeridade e a sobriedade, as casas-cidades, a função, os quartos individuais e coletivos, a experiência do autoconhecimento e do voltar-se para si em favor do coletivo e da comunidade, a cooperação, e os espaços de sociabilidade visando à união de gentes tão diferentes; mas acima de tudo, a recorrência à utopia de recriar um novo mundo e um novo homem mais solidário e igualitário, seja nas expansões marítimas ibéricas e contra reformista do século XVI, no capitalismo industrial do século XIX, ou no período entre e pós guerras mundiais do século XX.

Os jesuítas viam o moderno de seu tempo como sendo um retorno ao antigo, e Le Corbusier e Lucio Costa também, e o ponto de convergência é o retorno a tradição clássica, o

greco-romano, racional, geométrico, linear, regulador e ordeiro. Para Lucio Costa, esse *colonial despojado foi moderno*, logo, interessava a sua busca própria do que ele considerava como sendo moderno naquele momento. Portanto, nossa antiguidade arquitetônica é moderna.

Tudo isso é recorrente e visível nas fotografias. Uma arquitetura que é a entidade física onde a cultura e todas as expressões que a envolvem foram praticadas, ou seja, o lócus, o espaço onde jesuítas e indígenas se convergiram, para o centro, da cruz, da geometria, do aristotélico-tomismo, dos Exercícios Espirituais, da *De Ratione Aedifitiorum* e da *Ratio Studiorum*, regrador, ordeiro, austero, sóbrio e retilíneo, e que deixou uma marca profunda e indelével no Brasil, que seguiu por séculos<sup>33</sup>, carregando o signo moderno jesuítico na seriação de suas escolas e nas quadras e nos pátios de sua arquitetura.

---

<sup>33</sup> E em alguns casos essa tipologia perdura até hoje. Essa é a contribuição maior da Companhia de Jesus para a *Arquitetura Brasileira*, sua forma quadrada, pesada, rígida, forte, seriada, funcional e moderna.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano. **Capítulos de História Colonial – 1500 – 1800**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

AFONSO, Germano. **Mitos e estações no céu tupi-guarani**. Scientific American Brasil. Ed. Especial: etnoastronomia, 2006, pp 46-55. Disponível em <[www.mat.uc.pt/mpt2013/files/tupi\\_guarani\\_GA.pdf](http://www.mat.uc.pt/mpt2013/files/tupi_guarani_GA.pdf)> Acesso em 06.jun.2015.

ALBERNAZ, Maria Paula e LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo, Editora VW, Vol 1 – A-I, 1988.

ANGELUCCI, Ornella Maria Castelnuovo. **Arquitetura e Luz: o átrio (ex-pátio)**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), 2012

ANSON, Peter F; LASSUS, Jean. **A Igreja através dos Tempos - Igrejas da Renascença**. Disponível em <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/historia\\_da\\_igreja/a\\_igreja\\_atraves\\_dos\\_tempos.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/historia_da_igreja/a_igreja_atraves_dos_tempos.html)> Acesso em 06 Jun.2013.

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.

ARAÚJO, José Antônio Andrade. **A Quadra Perfeita: Um Estudo sobre Arquitetura Rural Jesuítica**. Niterói. UFF, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e Destino**. São Paulo: Ática, 2004.

ARGAN, Giulio Carlo. **Clássico anticlássico: O Renascimento de Brunelleschi a Bruegel**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARNAUT, César ArnauT; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. **Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540)**. Maringá: Acta Scientiarum v. 24, n. 1, p. 103-113, 2002. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2416/1696>> Acesso em 06 Jun.2013.

**ASSEMBLEIA DO CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, 1933. Carta de Atenas**. Disponível em <[portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?d=233](http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?d=233)> Acesso em 11,nov.2013.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **A cidade de São Paulo no período colonial: as cartas jesuíticas**. Integração: Jul/Ago/Set/2007, n50, p.205-218. Disponível em <[ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/205\\_50.pdf](http://ftp.usjt.br/pub/revint/205_50.pdf)> Acesso em 02 Fev.2014.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **A Escravidão nas Propriedades Jesuíticas: Entre a caridade cristã e a violência.** Rio de Janeiro: Acervo, v. 15, nº 1, p. 115-132, jan/jun 2002. Disponível em <[www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/Violencia%20-%2012.pdf](http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/media/Violencia%20-%2012.pdf)> Acesso em 02 Fev.2014.

BARCELOS, Artur H.F. **A Cartografia indígena no Rio da Prata colonial.** X Encontro Estadual de História - O Brasil no Sul: Cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria: UFSM e UNIFRA, 26 a 30 de junho de 2010. Disponível em <[http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279585458\\_ARQUIVO\\_trabalhoArturBarcelos.pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279585458_ARQUIVO_trabalhoArturBarcelos.pdf)> Acesso em 10 Out.2014

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara.** Edições 70, 2003.

BAZIN, Germain. **A arquitetura Religiosa Barroca no Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 1983.

BEATA, Rodrigo Espinha. **A crítica de cunho modernista à arquitetura colonial e ao Barroco no Brasil: Lucio Costa e Paulo Santos.** In: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 10, n. 11, p. 35-56, dez. 2003. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/viewFile/755/729>> Acesso em 26,mar,2014.

BICCA, Paulo. **Arquitetura, Matemática e Habitação Social.** Simpósio Temático Sustentabilidade na Habitação de Interesse Social: cultural e social, ambiental e econômica. I – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, out/dez, 2010. Disponível em <<http://www.anparq.org.br/dvd-enparq/simposios/51/51-652-1-SP.pdf>> Acesso em 06 Jun.2013.

BICCA, Paulo. **Arquitetura Cisterciense: utopias e modelos urbanos.** Seminário de História da Cidade e do Urbanismo 1990. Vol 3, n2, 1994. Disponível em <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/373>> Acesso em 15.abr.2015

BINGEMER, Maria Clara L. **Globalização: O que isso tem a ver com os Jesuítas?** In: Globalização e Jesuítas: origens, história e impactos. Anais. São Paulo: Edição Loyola, 2007

BORGES, Clério José. **História da Serra.** Serra, 2008.

BORGES, Luiz C. **As Línguas Gerais e a Companhia de Jesus – Política e Milenarismo.** Cadernos de Estudos Linguísticos 46(2). Campinas. Jul./Dez. 2004, pp.171-194. Disponível em <[revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1568](http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1568)> Acesso em 06 Jun.2014.

BOTERO, Horácio. **Inácio de Loyola: fundador de la Compañia de Jesús.** Tradução: Pe. Benno Brod, SJ. Bogotá: Arte Publicaciones, s/d. Caderno de História, nº 20 - Memorial do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/loyola.pdf>> Acesso em 24 Jun.2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BOXER, C. R. **A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770).** Lisboa: Edições, 70, 1978

BRANCO, Mário Fernandes Correia. **Transtornos e Ultrajes. Dossiê Jesuítas: por dentro da Ordem.** Org. Revista de História da Biblioteca Nacional, jul, 2012.

BRANDÃO, Renato Pereira. A especialidade missioneira jesuítica no Brasil colonial. In: PUC-RIO. **A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial.** Rio de Janeiro: PUC-RIO, 1993.

BRANDÃO, Renato Pereira. **A Companhia de Jesus e o padroado português: conflito de nacionalidades no seio jesuítico.** XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e Diálogo Social, Natal, jul, 2013.

BRITO, Ênio José. **Em busca de um diálogo possível.** Revista de Estudos da Religião do Programa de Pós-Graduação da PUC-São Paulo, disponível em <[www.pucsp.br/rever/relatori/brito02.htm](http://www.pucsp.br/rever/relatori/brito02.htm)> Acesso em 07 Jul.2013.

BURY, John. **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial.** Brasília: IPHAN-Monumenta,2006

CAMPOS, Maria Aparecida Nogueira; REIS, Alessandra Savazzini dos; TRISTÃO, Fernando Avancini; ROCHA-GOMES, Leila Verônica da. **A Utilização da Cal Conchífera em Monumentos Históricos no Espírito Santo.** 2007. Disponível em <[http://www.apfac.pt/congresso2007/comunicacoes/Paper%2043\\_07.pdf](http://www.apfac.pt/congresso2007/comunicacoes/Paper%2043_07.pdf)> Acesso em 07 Jul.2013.

CAPITEL, Antón. **La arquitectura del pátio.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

CARITA, Rui. **As cidades atlânticas do século XVI: fronteiras e modelos estratégicos.** V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo - “Cidades: temporalidades em confronto” - Uma perspectiva comparada da história da cidade, do projeto urbanístico e da forma urbana. Campinas: PUC- Campinas, 2012. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/646/622>> Acesso em 07 Jul.2013.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. **Utopia e Realidade: Real Colégio de Jesus da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.** In: A Forma e a Imagem. PUC-RJ: Rio de Janeiro, 1990/1991

CARVALHO, Maria Cristina Woff; WOLFF, Silvia Ferreira dos Santos. **Arquitetura e Fotografia no século XIX.** In: FABRIS, Annateresa. Fotografia: Usos e Funções no século XIX. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.132.

CEGOÑA, Pe. J. Ramón F. de la. **Vida e obras de Santo Inácio de Loyola (1491 - 1556).** Centro Loyola do Rio de Janeiro. Companhia de Jesus do Brasil. Disponível em <<http://www.clfc.puc-rio.br/artigo16.html>> Acesso em 24 Jun.2013.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e Tradição Clássica.** São Paulo: Cosac&Naify,2004.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica na educação dos índios brasileiros (século 16).** Em Aberto, v. 21, n. 78. Brasília, dez 2007, pp. 93-107. Disponível em

<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1243/1111>> Acesso em 30 Mar.2014.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica: civilização e organização**. XI Simpósio Internacional Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização. Ponta Grossa, PR, 2005. Disponível em <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais7/Trabalhos/xA%20racionalidade%20jesuitica%20-%20civilizacao%20e%20organizacao.pdf>> Acesso em 24 Jun.2013.

COSTA, Célio Juvenal. **Os jesuítas no Brasil: servos do papa e súditos do rei**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História UEM, Vol10, n02, 2006, p.37-61. Disponível em <[www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526865003](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526865003)> Acesso em 30 Mar.2015.

COSTA, Lucio. **A arquitetura dos jesuítas no Brasil**. Revista do IPHAN, n05: Rio de Janeiro, 1941.p.105-169. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202010000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202010000200009&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 15 Jan.2015.

COSTA, Lucio. **Relatório sobre o plano piloto de Brasília**. ArPDF, CODEPLAN, DePHA: Brasília, 1991. Disponível em <[brasiliapoetica.blog.br/site/media/relatorio\\_plano\\_piloto\\_de\\_brasilia\\_web2.pdf](http://brasiliapoetica.blog.br/site/media/relatorio_plano_piloto_de_brasilia_web2.pdf)> Acesso em 11,nov.2013.

COUTO, Cláudia Cristina. **Entre o divino e o humano: o amor nos sermões do padre Antônio Vieira**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-RJ: Rio de Janeiro, 2009.

CUNHA, Márcio Werneck da. **A História da Fazenda Campos Novos**, artigo publicado no Jornal O Canal em 19/03 e 29/04 de 1994 localizado no arquivo de recortes da Biblioteca Pública Municipal de Cabo Frio “Prof. Walter Nogueira”.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. **A arquitetura de defesa no Brasil Colonial**. Discursos fotográficos. Londrina, v.7, n.10, p.173-194, jan./jun, 2011. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/9224/7848>> Acesso em 30 Mar.2014.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **A redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao estudo da tipologia urbana missionária**. Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre, 2002.

DIAS, Fabiano Vieira; CAMPOS, Martha Machado. **Palácio Anchieta (Vitória – ES-BR): Questões tipo-morfológicas e de paisagem**. Anais do I Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. 04 a 06 de setembro, 2013. Disponível em <[http://www.faacz.com.br/site/links/capa/artigos/pdf/palacio\\_anchieta\\_vitoria\\_es\\_br\\_questoes\\_tipo\\_morfológicas\\_e\\_de\\_paisagem.pdf](http://www.faacz.com.br/site/links/capa/artigos/pdf/palacio_anchieta_vitoria_es_br_questoes_tipo_morfológicas_e_de_paisagem.pdf)> Acesso em 30 Mar.2014.

DIAS, Fabiano Vieira; CAMPOS, Martha Machado. **Pátios: espaços de introversão e captura da paisagem. Arquitetura e Paisagem Cultural**. II – Colóquio Ibero Americano de Paisagem Cultural. Patrimônio e Projeto: desafios e perspectivas. Belo Horizonte, 2012.

DUBOIS, Philippe: **O Ato Fotográfico**. Campinas: Papirus, 2009.

ENGEMANN, Carlos; AMANTINO, Marcia. **A fazenda de Campos Novos e sua história – séculos XVII e XVIII**. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191032\\_ARQUIVO\\_Fazenda+de+Campos+Novos.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191032_ARQUIVO_Fazenda+de+Campos+Novos.pdf)> Acesso em 05 Jul.2013.

FAZIO, Michael; MOFFETT, Marian; LAWRENCE Wodehouse. **A História da Arquitetura Mundial**. Porto Alegre: Bookman/McGrawHill, 2011

FEIBER, Silmara Dias. **O Espaço estético como expressão social na Arquitetura Jesuítica – uma abordagem geográfica** – Tese de Doutorado. UFPR. Curitiba, 2013.

FERNANDES, Florestan. **Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). História Geral da Civilização Brasileira – a época colonial: do descobrimento à expansão territorial. Tomo I. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

FERREIRA JR, Amarilio e BITTAR, Marisa. **Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil colonial**. Revista Brasileira de Educação, v. 17 n. 51 set.-dez, 2012. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/12.pdf)> Acesso em 05 Jul.2013.

FERREIRA JR, Amarilio; BITTAR, Marisa. **Casas de Bê-á-Bá e Colégios Jesuíticos no Brasil do século XVI**. Em Aberto, v. 21, n. 78. Brasília, dez. 2007, pp. p. 33-57. Disponível em <[emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1240/1108](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1240/1108)> Acesso em 05 Jul.2013.

FILHO, Alberto Lamego. **A Planície do Solar e da Senzala**. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934; e site <[www.arquivodecampos.org.br](http://www.arquivodecampos.org.br)>

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta - Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1998.

GARCÍA-PARDO, Rafael Sumozas. **Arte e Arquitetura mourisca e mudéjar na Espanha Medieval e na América**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Vol.2,n.2, Porto Alegre, 2009. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9872/5738>> Acesso em 06,jun.2015.

GOMBRICH, Ernst H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GOMES, Manoel Vasconcellos. **Origem do Sincretismo Cristão: Do filosófico ao religioso**. 2013. Disponível em <<https://forumdediscursus.wordpress.com/2013/03/29/origem-do-sincretismo-cristao-do-filosofico-ao-religioso/>> Acesso em 05 Mai.2015.

GUNN, Philip. **As tecnologias de guerra e a forma urbana no Brasil colonial**. Vol 6. n. 02, 2000. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/776>> Acesso em 06 Jun.2013.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972. Vol.1

HERNANDES, Paulo Romualdo. **A Companhia de Jesus no século XVI e o Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 222-244, dez.2010. Disponível em <[www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/40/art14\\_40.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/40/art14_40.pdf)> Acesso em 05 Jul.2013.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). **Mapas históricos brasileiros**. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Grandes personagens da nossa História, 1972.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). **Coleção Grandes personagens da nossa História**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

JOHNSON, P. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JORDÁN, Ana María Pino. **La Chacana: ¿Elucubración o Resignificación?** Pluralidades Revista para el debate intercultural. Puno, Perú: Grupo de Estudios Interculturalidad, Vol. 1, Nº1, febrero 2012. Disponível em <[http://pluralidades.casadelcorregidor.pe/pluralidades\\_1/pluralidades\\_1\\_41-57.pdf](http://pluralidades.casadelcorregidor.pe/pluralidades_1/pluralidades_1_41-57.pdf)> Acesso em 06,jun,2015.

KITAYAMA, Gustavo Hiroshi e FARIAS, Anderson Bispo. **Jesuítas: religiosos ou prospectores? Uma análise da relação entre a presença jesuítica e as estratégias de colonização na capitania do Rio Grande**. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. Mneme – Revista de Humanidades. Caicó, RN. UFRN, v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em <[www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais)> Acesso em 05 Jul.2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACOUTURE, Jean. **Os jesuítas – A Conquista**. Lisboa: Referencia; Editorial Estampa, 1993.

LACOUTURE, Jean. **Os jesuítas – O Regresso**. Lisboa: Referencia; Editorial Estampa, 1993.

LANNES, Claudia Maria Corrêa. As igrejas jesuíticas fluminenses. In: PUC-RJ. **A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial**. Rio de Janeiro, 1990/1991.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEITE, Serafim. **Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Lisboa, Portugal: Edições Brotéria e Livros de Portugal, 1953.

LEITE, Serafim. **Breve História da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760)**. Braga, Portugal: Livraria A.I, 1993.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

LIMA, Fernanda Cardozo Forster de. **O homem segundo o Ratio Studiorum**. Dissertação de Mestrado UNIMEP. Piracicaba, 2008. Disponível em <<http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWXIVPILABYH.pdf>> Acesso em 06 Jun.2013.

LIMA, Oliveira. **Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira**. 3 edição. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A fotografia sob o impacto da eletrônica**. In: SAMAIN, Etienne. O Fotográfico. São Paulo: Hucitec/SENAC, 1998.pp.309-317.

MAITAM, Fernanda Contarini. **Uma Possível Rede Urbana Estruturada: Os Edifícios dos Jesuítas do Espírito Santo e sua Relação com o IPHAN**. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 1990. Disponível em <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1364>> Acesso em 05 Jul.2013.

MARTINS, Carlos A. Ferreira. “**Uma leitura crítica**” [Posfácio]. In: LE CORBUSIER. Precisoões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MASSIMI, Mariana. **A Psicologia dos Jesuítas: uma contribuição à História das Ideias Psicológicas**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(3), pp. 625-633. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n3/7848.pdf>> Acesso em 06 Jun.2013.

MATOS, Fabiano Almeida. **O trabalho indígena na América Latina Colonial: escravidão e servidão coletiva**. Ameríndia, vol 3, n, 2007 Disponível em <[http://www.amerindia.ufc.br/Anteriores/Vol03/vol03\\_10.pdf](http://www.amerindia.ufc.br/Anteriores/Vol03/vol03_10.pdf)> Acesso em 27 Jun.2013.

MELLO, Eduardo Kneese de. **Águia Bicéfala**. Revista de USP. São Paulo: 1973

MELLO, Maria Eliane Alves de Souza e. **Fé na Floresta**. In: **Dossiê Jesuítas: por dentro da Ordem**. Org. Revista de História da Biblioteca Nacional, jul, 2012.

MENEZES, Maria Cristina. **Prática docente jesuítica e política colonial no Brasil quinhentista**. Pro-posições, vol. J1 n. 3 (33) novembro, 2000. Disponível em <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/33-artigos-menezesmc.pdf>> Acesso em 05 Jul.2013.

MESQUIDA, Peri. **Catequizadores de índios, educadores de colonos, Soldados de Cristo: formação de professores e ação pedagógica dos jesuítas no Brasil, de 1549 a 1759, à luz do**

**Ratio Studiorum.** Educar em Revista, n. 48, p. 235-249, abr./jun. Curitiba: Editora da UFPR, 2013. Disponível em < [www.scielo.br/pdf/er/n48/n48a14.pdf](http://www.scielo.br/pdf/er/n48/n48a14.pdf)> Acesso em 05 Jul.2013.

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. **Os limites da missão jesuítica.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 2, p. 63-67, 2006.

MIRANDA, Margarida. **Humanismo jesuítico e Identidade da Europa: uma comunidade pedagógica europeia.** Hvmánitas, Vol. LIII, 2001. Disponível em < [http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas53/03\\_Miranda.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas53/03_Miranda.pdf)> Acesso em 05 Jul.2013.

MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé: uma abordagem teológica.** Edições Loyola: São Paulo, 2001

NAJJAR, Rosana. **Para além dos cacós: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas).** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 71-91, jan.- abr. 2011. Disponível em < [www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a06v6n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a06v6n1.pdf)> Acesso em 05 Jul.2013.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões.** Educar, n. 31. Curitiba: UFPR, 2008, p. 169-189. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000100011&script=sci_arttext)> Acesso em 05 Jul.2013.

OLIVEIRA, Beatriz Santos de. **Espaço e Estratégia: considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil.** Rio de Janeiro/Uberlândia: José Olympio Editora, 1988.

OLIVEIRAM, Mário Mendonça de. **A Engenharia Militar de Batina.** Construindo. Belo Horizonte, v. 5, n. 2, Jul/Dez. 2013. Disponível em < [www.fumec.br/revistas/index.php/construindo/article/view/2116/1318](http://www.fumec.br/revistas/index.php/construindo/article/view/2116/1318)> Acesso em 06 Jun.2014.

ONozATO, Tatiana de Oliveira. **O Espaço da Criança na Aldeia de Carapicuíba.** Dissertação de mestrado FAU/USP. São Paulo, 2009. Disponível em < [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-23032010-091901/en.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-23032010-091901/en.php)> Acesso em 05 Jul.2013.

PADILHA, Paulo Roberto Paim; TRENTIN, Iran Carlos Lovis. **Reconstituição Sócio-Econômica da Região das Missões / RS.** Disponível em < <http://www.sober.org.br/palestra/12/100461.pdf>> Acesso em 27 Jun.2013.

PALLADIO, Andreas. **Los Quatro Libros de Arquitectura.** Tradução de Joseph Francisco Ortiz y SANZ. Madrid: La Imprenta Real, 1797.

PANOFsky, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma Introdução ao Estudo do Renascimento. In: **Significado nas Artes Visuais.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

**Paranaguá: o antigo Colégio dos Jesuítas.** Espirais do Tempo. p.318. Disponível em < <http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/BIBLIOGRAFIACPC/ESPIRAIS/prg1.pdf>>. Acessado em 07 Jul.2013.

PÉCORA, Alcir Pécora. **A união faz a carta.** In: **Dossiê Jesuítas: por dentro da Ordem.** Org. Revista de História da Biblioteca Nacional, jul, 2012.

PINHEIRO, Joely Ungaretti. **Conflitos entre Jesuítas e Colonos na América Portuguesa: 1640-1700.** Campinas, Unicamp, SP, 2007. Disponível em <[http://www.utpl.edu.ec/portalschiquitano/images/stories/bibliotecas/archivo\\_interno/mision\\_america/lamisionenamerica\\_joely\\_aparecida\\_ungaretti\\_conflictos\\_entre\\_jesuitos\\_y\\_colonos\\_brasil.pdf](http://www.utpl.edu.ec/portalschiquitano/images/stories/bibliotecas/archivo_interno/mision_america/lamisionenamerica_joely_aparecida_ungaretti_conflictos_entre_jesuitos_y_colonos_brasil.pdf)> Acesso em 14 Fev.2013.

POLLEN, John Hungerford. **St. Ignatius Loyola.** Catholic Encyclopedia, Vol.7, 1913. Disponível em <[http://en.wikisource.org/wiki/Catholic\\_Encyclopedia\\_\(1913\)/St.\\_Ignatius\\_Loyola](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/St._Ignatius_Loyola)> Acesso em 26 Jun. 2013.

PONSO, Eduardo Soligo. **Considerações sobre algumas inscrições rupestres brasileiras.** In: BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (Org.). **Moitará I – O simbolismo nas culturas indígenas brasileira.** São Paulo: Paulus, 2006.

PORTO, Maria Emília Monteiro. **Terra adentro.** In: **Dossiê Jesuítas: por dentro da Ordem.** Org. Revista de História da Biblioteca Nacional, jul, 2012.

PUC-RJ. **A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial.** Rio de Janeiro, 1990/1991.

PUPPI, Marcelo. **Modernidade e academia em Lucio Costa - ensaio de historiografia.** In: Revista de História da Arte e da Arqueologia. Número 1. Campinas: Unicamp, 1994, p.124-142. Disponível em <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%201%20-%20artigo%209.pdf>> Acesso em 26 mar,2014.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. **O que é o pátio interno?** São Paulo: Portal Vitruvius, ano 6, 2005. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.064/425>> Acesso em 29 Abr.2015.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial.** São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RINALDI, Renan Amauri Guaranha. **Missões, Colégios e Aldeamentos Jesuíticos no Brasil Colônia: ocupação territorial das Capitânicas do Sul (1549-1759).** Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas, 2013.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M; FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos: ensaios de história cultural.** Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (org) **Bernard Lepetit: por uma nova história urbana.** São Paulo, Edusp, 2001.

SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico.** São Paulo: SENAC, 2005.

SAMUEL, Flora. **Le Corbusier, Teilhard de Chardin and the Planetisation of Makind**. In: *The Journal of Architecture*. Vol 4, Issue 2, 1999, p.149-165. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/136023699373891>> Acesso em 13,jun,2013.

SÁNCHEZ, Javier Burrieza. **La Compañía de Jesús y la defensa de la monarquía hispánica**. Instituto Historia. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. *Hispania Sacra*, LX,121, enero-junio, 2008.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **A presença jesuítica no Recôncavo da Bahia**. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras* vol. 1 (1), 2007. Disponível em <<http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n01/pdf/fabricio.pdf>> Acesso em 01 Jul.2013.

SANTOS, Paulo. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

SÃO BENTO, Viviane M. Caminha. **A Companhia de Jesus e a Cultura Científica nos tempos da colônia**. ANPUH - XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal, RN, 22 a 26 de junho de 2013. Disponível em <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370385999\\_ARQUIVO\\_ACOMPANHIADEJESUSEACULTURACIENTIFICANOSTEMPOSDACOLONIA\\_TEXTO.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370385999_ARQUIVO_ACOMPANHIADEJESUSEACULTURACIENTIFICANOSTEMPOSDACOLONIA_TEXTO.pdf)> Acesso em 01 Jul.2013.

SIGNES, Alice Faria. **Apóstolos Divinos ou da Coroa: Jesuítas no Brasil e no Paraguai**. *Perspectivas Históricas de uma mesma América*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011 Disponível em <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivas-historicas/artigos/11.pdf>> Acesso em 01 Jul.2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Editora Contexto: São Paulo, 2009.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. **O sistema econômico nas sociedades indígenas Guaraní pré-coloniais**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, vol 8 n18, pp. 211 – 253, dez, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n18/19063.pdf>> Acesso em 27 Jun.2013.

SMITH, Robert. **The Arts in Brazil: Baroque Architecture**. Oxford, 1953.

STEVENS, Garry. **O Círculo Privilegiado - Fundamentos Sociais da Distinção Arquitetônica**. Brasília, UnB, 2003.

SUZUKI, Marcelo. **Lina e Lucio**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) / IAU - USP, São Carlos, 2010.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **História da cidade de São Paulo**. São Paulo, 1953.

TEIXEIRA, Olga Suely e CORDEIRO, Rubério de Queiroz. **Educação Jesuíta: objetivo, Metodologia e Conteúdo nos Aldeamentos indígenas do Brasil Colônia**. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. Mneme – Revista de Humanidades. Caicó, RN: UFRN, v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em <[www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais)> Acesso em 01 Jul.2013

TOLEDO, Benedito Lima de. **Esplendor do Barroco Luso-Brasileiro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. **Razão de estudos e razão política: um estudo sobre a Ratio Studiorum**. Acta Scientiarum 22(1), pp. 181-187, 2000. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4160/2831>> Acesso em 01 Jul.2013

TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut de & JR, Oriomar Skalinski. **Modernidade, Espiritualidade e Educação: A Companhia de Jesus dos Exercícios Espirituais à Ratio Studiorum**. Revista HISTEDBR On Line. v. 11, n. 42, 2011. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/42/art05\\_42.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/42/art05_42.pdf)> Acesso em 06 Jun.2013.

TORRES, Francisco Rodrigues. **A Fazenda Geral dos jesuítas e o monopólio da passagem do Cubatão – 1553-1748**. Dissertação de Mestrado – USP. São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06042009-155858/pt-br.php>> Acesso em 02 Fev.2014.

TRINDADE, Jaelson Bitran. **Vieira, o império e a arte: emblemática e ornamentação Barroca**. In: ARANDA, Ana Maria (org.). Barroco Iberoamericano: território, arte, espacio y sociedade. Sevilla: Ediciones Giralda/ Universidad Pablo de Olavide, 2001. Vol. 1.p. 242-258. Disponível em <[www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/019f.pdf](http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/019f.pdf)> Acesso em 01 Abr.2015.

VAINFAS, Ronaldo. **Soldados de Cristo. Dossiê Jesuítas: por dentro da Ordem**. Org. Revista de História da Biblioteca Nacional, jul, 2012.

VARGAS, Milton. **História da ciência e da tecnologia no Brasil: uma súmula**. São Paulo: Humanitas - FFLCH / USP - Centro Interunidade de História da Ciência, 2001.

VILLOSLADA, R. G. **Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

WANG, David. Logical Argumentation. In: WANG, David e GROAT, Linda. **Architectural Research Methods**. New York: John Wiley & Sons, 2002, pp.301-340.

WOLFFLIN, Heinrich. **Renascença e Barroco**. Editora Perspectiva: São Paulo, 2000.

WEIMER, Gunter. **A Evolução da Arquitetura Indígena**. IHGB-RS: Porto Alegre, 2014. Disponível em <[http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao\\_arquitetura\\_indigena.htm](http://www.ihgrgs.org.br/artigos/evolucao_arquitetura_indigena.htm)> Acesso em 10 Mar.2015.

## FONTES E DOCUMENTOS

Regimento que levou Tomé de Souza governador do Brasil, Almerim, 17/12/1548. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), códice 112, fls. 1-9 – Reprodução da Cópia do documento que encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Carta de um jesuíta vice provincial do Maranhão a D. João V, rei de Portugal. 1730. Acervo Alberto Lamego do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP)

Colégio dos Jesuítas em Vitória. -- [18--]. 01 Reprodução fotográfica: p&b; 13,5x8,5 cm. Procedência: 1543K 167.583. Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro

Descripción de la fortificación y RL de S.Bruno de Californias – Autor – Padre Eusébio Kino – 1683. Cartografia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

FUNCK, Jacques. Relation du College des Jesuítas changé em hospital pour la guarnizon de Rio de Janeiro, 1768 - acompanhando (08) oito plantas aquareladas. Serviço de Documentação da Marinha – Divisão de Obras Raras e Mapoteca do Rio de Janeiro

FURLONG, Pe. Guillermo Cardiff. Cartografia jesuítica del Rio de La Plata. Buenos Aires: Talleres A. Casa Jacobo Peuser Ltda, 1936. Cartografia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Mapa da Capitania de São Vicente – aquarela de João Teixeira Albernás – Data – 1631. Reprodução de HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). Mapas históricos brasileiros. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Grandes personagens da nossa História. Segundo informações o mapa original pertencia a Mapoteca do Itamaraty

Mapa da Restituição da Bahia – de João Teixeira Albernás – Data – 1631. Reprodução de HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). Mapas históricos brasileiros. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Grandes personagens da nossa História. Segundo informações o mapa original pertencia a Mapoteca do Itamaraty

Mision de Mojos de la Compania de IHS de el Peru – 1756. Cartografia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Planta de Missão de S. Miguel. Cartografia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro: Morro do Castelo. -- [192-]. 01 foto de 2ª geração: p&b; 14x18 cm. Procedência: 548 K 038.696. Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro

## **ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS CONSULTADOS**

(ANS- IPHAN) – Arquivo Noronha Santos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

(IEB - USP) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

(BN) - Biblioteca Nacional – RJ

(MHN) - Museu Histórico Nacional – RJ

(SDM) - Serviço de Documentação da Marinha. Divisão de Obras Raras e Mapoteca – RJ

## APÊNDICES

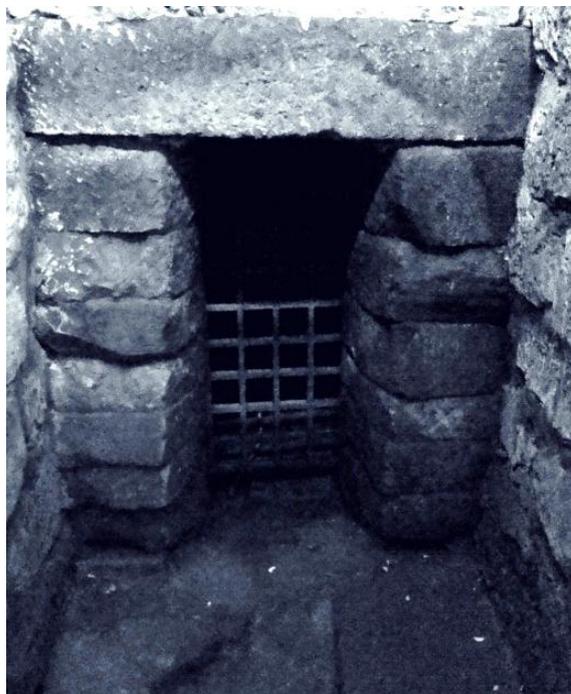
### APÊNDICE A – Mapeamento das edificações jesuíticas remanescentes no Brasil (1549 - 1759)



#### Legenda:

- Locais visitados
- Locais não visitados

## APÊNDICE B – Fotografias das edificações jesuíticas remanescentes no Brasil (1549 - 1759)



Da esquerda para a direita: Detalhe da entrada do poço de água dos jesuítas de Guarapari, 1585, ES, que assemelha-se a uma seteira. Rogério Entringer, 2012. Detalhe da entrada da adega subterrânea dos jesuítas da antiga redução de São Nicolau, 1687, RS, que também se assemelha a uma seteira. Rogério Entringer, 2013.



Detalhe do púlpito da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Anchieta, ES. Rogério Entringer, 2012.



A sombra da cruz da janela refletida no altar da capela-mor da Igreja de N.S da Assunção, 1587-1600, Anchieta, ES. Rogério Entringer, 2012.



A cruz e a quadra nos espaços e nos elementos da antiga Fazenda Campos Novos, 1690, Cabo Frio, RJ. Rogério Entringer, 2012.



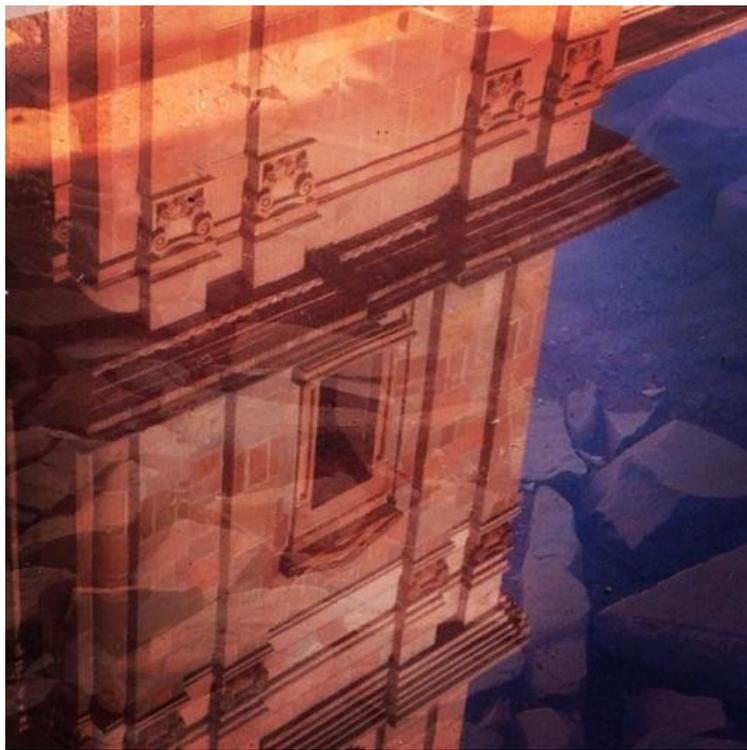
A cruz e o triângulo na Igreja da antiga Fazenda Campos Novos, 1690, Cabo Frio, RJ. Rogério Entringer, 2012.



A cruz e a praça do Colégio dos Reis Magos, 1580/1615, Nova Almeida, Serra, ES. Rogério Entringer, 2012.



O Rio de Janeiro visto da capela de São Francisco Xavier, 1662/96, Niterói, RJ. Rogério Entringer, 2012.



Reflexo da torre sineira da atual igreja (reconstruída entre 1929 e 1971) no vidro que abriga as pedras da antiga fundação da missão de Santo Ângelo Custódio, 1707, RS. Rogério Entringer, 2013.



Ruínas da antiga redução de São João Batista, 1697, atual Sítio Arqueológico São João Batista, Entre-Ijuís, RS. Rogério Entringer, 2013.



Detalhe do capitel do arco do cruzeiro da capela-mor da Igreja de Santo Inácio de Loyola, atual Solar do Colégio, 1658, Campos dos Goytacazes, RJ. Rogério Entringer, 2012.



A cruz, a quadra e o claustro-pátio do antigo Colégio dos Jesuítas de Paranaguá, 1740/59, atual Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. Rogério Entringer, 2013.



A cruz da praça quadrada da antiga aldeia de Carapicuíba, SP. Rogério Entringer, 2013.

